

SAM STORMS

DONS

ESPIRITUAIS

*uma introdução bíblica,
teológica e pastoral*

AD

anno domini

“Minha conclusão é a seguinte: os problemas reais, as lutas dolorosas e o declínio da nossa influência não serão resolvidos com outra coisa a não ser uma nova infusão de poder — não qualquer tipo de poder, preste atenção, mas poder espiritual, o tipo de poder que a carne humana é incapaz de produzir, a formação acadêmica é incapaz de conceber, e para o qual programas reformulados são incapazes de criar estratégias. A Igreja precisa desesperadamente do poder do seu Senhor, e da energia e da atividade do Espírito Santo.”

Sam Storms

SAM STORMS

DONS

ESPIRITUAIS

*uma introdução bíblica,
teológica e pastoral*

AD
anno domini

Título original: *The Beginner's Guide to Spiritual Gifts*

Editora Anno Domini
Av. das Américas, 15.015 – 2º andar
Recreio dos Bandeirantes, Rio de Janeiro – RJ
CEP 22790-701
(21) 2490-8408 / (21) 2431-1489
www.editoraannodomini.com.br

Copyright original © 2012 Sam Storms. Todos os direitos reservados.
Publicado originalmente por Servant Publications em 2002.
Segunda edição publicada por Regal em 2012. Gospel Light, Ventura, Califórnia, Estados Unidos.
www.regalbooks.com
Esta edição foi publicada em acordo com a Regal Books. Todos os direitos reservados.

Editor chefe: Andrew McAlister
Editor Assistente: Gabriel Carvalho
Tradução: Idiomas & Cia., por Claudio Chagas
Revisão técnica: John McAlister
Revisão: Idiomas & Cia., por Luísa Calmom, Ana Lacerda,
Edna Guimarães e João Guimarães
Capa e diagramação: Haas Comunicação
Impressão: Gráfica Stamppa

Embora os homens e mulheres cujas histórias são contadas neste livro sejam reais, muitos de seus nomes foram alterados para proteger a sua privacidade.

Exceto em caso de indicação em contrário, todas as citações bíblicas foram extraídas da Bíblia Sagrada Nova Versão Internacional (NVI), © 2000, Editora Vida.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

S885d Storms, Sam
Dons espirituais : uma introdução bíblica, teológica e pastoral / Sam Storms;
[traduzido por Claudio Chagas]. – Rio de Janeiro : AnnoDomini, 2014.
216 p. ; 14x21cm.

Título original: The beginner's guide to spiritual gifts.
Inclui bibliografia.
ISBN 978-85-63428-31-8

1. Dons espirituais. 2. Pentecostalismo. I. Título.

CDD: 234.13

CDD: 242

Catalogação na publicação: Mariana C. de Melo – CRB07/6477

© Anno Domini – 2013

Direitos desta edição estão reservados.

Vedada, nos termos da lei, a reprodução total ou parcial deste livro.

*Alegremente dedicado
a toda a congregação da Bridgeway Church,
com a qual é um privilégio indescritível
trabalhar no poder do Espírito de Deus
para a glória do nome de Deus.*

Sumário

<i>Capítulo 1</i>	Quando o poder chega à Igreja.....	9
<i>Capítulo 2</i>	Certo? Errado!.....	21
<i>Capítulo 3</i>	Palavras de sabedoria e conhecimento.....	41
<i>Capítulo 4</i>	Fé e cura.....	55
<i>Capítulo 5</i>	É um milagre!.....	77
<i>Capítulo 6</i>	Profecia e discernimento de espíritos	103
<i>Capítulo 7</i>	Quem disse que Deus disse?	127
<i>Capítulo 8</i>	O que é o dom de línguas?	143
<i>Capítulo 9</i>	Línguas e interpretação na Igreja	169
<i>Capítulo 10</i>	Deixe o seu dom encontrar você.....	187
<i>Apêndice A</i>	Diretrizes para ajudar na oração por enfermos	193
<i>Apêndice B</i>	Quando alguém que possui um dom cai.....	199
	Notas	203
	Leituras recomendadas	211

Quando o poder chega à Igreja

Sinto-me encorajado por algumas das coisas que vejo na Igreja hoje. A frequência aos cultos é alta, assim como a arrecadação de ofertas, na maioria das vezes. Há várias conferências acontecendo. As vendas de livros sobre a Bíblia e espiritualidade não param de aumentar. Pequenos grupos continuam a florescer. Os ventos da adoração estão soprando com fervor crescente. De modo geral, os cristãos estão se tornando mais ativos na arena pública e atualmente verbalizam suas crenças com maior intensidade. Portanto, posso afirmar que há coisas que me encorajam.

Em seguida, porém, olho mais profundamente para além da fachada de religiosidade, da atividade intensa e dos novos santuários de vinte e cinco milhões de dólares com bancos acolchoados. O que vejo é uma lacuna — muitas vezes um abismo — entre o que a Igreja é e o que ela deveria ser. Vejo a disparidade entre o que os cristãos dizem e o que fazem, entre o que sabem e o modo como vivem, entre o que prometem e o que cumprem.

Pregadores ensinam sobre a Bíblia e as pessoas roncam. Donas de casa compartilham sua fé, mas ela cai em ouvidos surdos.

Vidas são quebrantadas, porém raramente consertadas. Corpos estão sofrendo, mas poucos são curados. Casamentos estão morrendo e as pessoas simplesmente desistem. Diante das tentações, o pecado floresce. Os pobres estão famintos e assim continuam.

Não quero parecer pessimista em excesso. Algumas pessoas acreditam que estamos indo bem, mas a maioria dos que conheço admite que o impacto da Igreja sobre a espiritualidade de seus membros é lastimável e sua influência na sociedade em geral é mínima. Então, o que está errado?

Parece que todo mundo tem uma opinião, e a minha pode ser apenas mais uma de uma lista, ao que tudo indica, interminável. Mas estou convencido de que, pelo menos em parte, o problema é o poder, na verdade a ausência dele.

As minhas origens

Minha experiência de vida dentro da Igreja é um pouco incomum. Fui criado como um batista do sul dos Estados Unidos e nunca frequentei outra igreja até ir para o seminário, em 1973. Durante três anos servi como pastor interino de uma igreja presbiteriana, coisa nada fácil para um batista! Passei dezesseis anos em duas igrejas evangélicas independentes e mais sete anos em uma congregação Vineyard. Ensinei teologia em uma das principais faculdades cristãs de artes liberais (*liberal arts college*)^{*} dos Estados Unidos, e durante quatro anos participei e ministrei em uma comunidade anglicana carismática. Nos últimos quatro anos, tenho servido como pastor sênior da Bridgeway Church em Oklahoma

^{*} A filosofia de uma faculdade de artes liberais (*liberal arts college*) é uma característica única do sistema educacional norte-americano e oferece uma educação abrangente que desenvolve as habilidades orais, escritas e de raciocínio dos alunos. Os alunos numa faculdade do tipo *liberal arts*, ou numa universidade que cumpre um programa fortemente fundamentado numa educação tipo *liberal arts*, iniciam seu programa cursando várias disciplinas nas áreas de artes liberais, humanas, línguas e ciências sociais e físicas. Em seguida, eles escolhem uma área de especialização e realizam disciplinas que abrangem 25% a 50% do seu curso. Fonte: www.educationusa.info (N. do T.)

City, no Estado de Oklahoma. Vivo agora um momento no qual minhas suspeitas sobre o que está errado com a Igreja em geral se transformaram em sólidas convicções.

Minha conclusão é a seguinte: os problemas reais, as lutas dolorosas e o declínio da nossa influência não serão resolvidos com outra coisa a não ser uma nova infusão de poder — não qualquer tipo de poder, preste atenção, mas poder espiritual, o tipo de poder que a carne humana é incapaz de produzir, a formação acadêmica é incapaz de conceber, e para o qual programas reformulados são incapazes de criar estratégias. A Igreja precisa desesperadamente do poder do seu Senhor, e da energia e da atividade do Espírito Santo.

Embora até agora eu possa ter soado como um cético, na verdade estou esperançoso. Porque li o livro de Atos dos Apóstolos e vi operar nas vidas daqueles primeiros crentes algo que creio estar disponível igualmente para nós hoje. Há algo que nos liga ao êxito da Igreja Primitiva e sustenta a esperança de que podemos sair — e sairemos — da nossa letargia espiritual. Há algo que pode transformar boas intenções em ações capazes de transformar vidas, e uma teologia abstrata em um impacto concreto.

Estou falando dos dons espirituais. Os dons espirituais, ou carismas, são a resposta de Deus à pergunta humana: “Por que não podemos fazer isso?” Eles são a manifestação e o poder do Espírito Santo de Deus, por meio do qual Ele pretende conduzir a Igreja à plenitude do seu fim estabelecido.

Sei que corro o risco de ser mal interpretado. Muitos indicariam não a falta de poder, mas sim a imaturidade teológica abismal da Igreja como a fonte de suas dificuldades. Não tenho como argumentar contra isso. O analfabetismo bíblico e a ingenuidade teológica atingiram proporções epidêmicas na Igreja dos dias atuais. Mas só o conhecimento não é o bastante. Mera doutrina não será suficiente. O que a Igreja precisa é a verdade inflamada

pelo poder do Espírito Santo. A Igreja necessita da energia divina do próprio Deus fazendo com que o que sabemos norteie o modo como vivemos, oramos, amamos e testemunhamos. E não vamos nos esquecer de que o próprio ensino é um dom espiritual, uma manifestação do poder do Espírito tão importante quanto o dom de línguas ou os milagres (ver Rm 12.7; 1 Co 12.29; Ef 4.11)!

A cessação do Cessacionismo

Houve um tempo em minha vida em que escrever este livro seria algo impossível. Durante os primeiros quinze anos do meu ministério, fui um cessacionista. Esse termo se refere a alguém que crê que os chamados dons milagrosos do Espírito Santo cessaram no primeiro século. A alegação de que os dons de profecia, falar em línguas, cura, milagres, palavra de sabedoria, palavra de conhecimento e discernimento de espíritos cessaram é uma visão abraçada por muitos integrantes da comunidade evangélica.

É importante que você saiba que eu não rejeitei o cessacionismo porque testemunhei um milagre (embora saiba que para algumas pessoas que me conheciam naquela época, minha mudança de paradigma teológico poderia por si só ser chamada de um milagre!). Rejeitei o cessacionismo porque, na solidão e na segurança do meu gabinete, convenci-me de que a Bíblia não ensinava isso. O propósito deste livro não é descrever minha jornada teológica pessoal, nem apresentar uma defesa da validade de todos os dons espirituais divinos nos dias de hoje. Existem vários livros que fazem um trabalho admirável nessa área, se é disso que você precisa.¹

Permita-me, porém, compartilhar uma percepção crítica. Talvez a parte mais dolorosa dessa mudança teológica específica tenha sido descobrir a razão primordial pela qual durante muito tempo resisti aos dons do Espírito em sua plenitude.

Além dos argumentos bíblicos aos quais recorri, pará ser bastante franco, eu ficava envergonhado pela aparência e pelo comportamento em público de muitos daqueles associados a dons espirituais. Eu não gostava da maneira como se vestiam. Não gostava do jeito como falavam. Eu ficava ofendido por sua falta de sofisticação e por sua extravagância arrogante. Ficava perturbado com sua falta de consideração desrespeitosa pela precisão teológica e com suas demonstrações excessivas de exuberância emocional.

Minha oposição aos dons espirituais também era alimentada pelo medo — medo do emocionalismo, medo do fanatismo, medo do desconhecido; medo de ser rejeitado por aqueles cujo respeito eu prezava e cuja amizade eu não desejava perder; medo do que poderia acontecer se eu entregasse totalmente o controle da minha vida, mente e emoções ao Espírito Santo; medo de perder qualquer pequeno *status* conquistado na comunidade evangélica por meio do meu trabalho.

Estou falando do tipo de medo que estimulava uma agenda pessoal que me afastava de tudo que pudesse associar o meu nome ao de pessoas que, segundo eu cria, eram um constrangimento à causa de Cristo. Eu era fiel ao décimo primeiro mandamento do evangelicalismo bibliocêntrico: “Não farás o que os outros fazem inadequadamente.” Em minha soberba, permitira que certos extremistas exercessem mais influência sobre a forma do meu ministério do que o texto das Escrituras. O medo de ser rotulado, conectado ou associado de alguma maneira aos elementos “incultos” e “pouco atraentes” da cristandade contemporânea exerceu um poder insidioso sobre minha capacidade e disposição de ser objetivo na leitura da Bíblia Sagrada. Não sou tão ingênuo a ponto de pensar que minha compreensão da Bíblia agora está livre de influências subjetivas! Mas estou confiante de que pelo menos esse tipo de medo não é mais uma influência.

A propósito, se tudo isso soar para você como a arrogância e a hipocrisia próprias de uma pessoa para quem “estar certo” era a coisa mais importante do mundo, você acertou.

Deus e seus dons ou Deus em seus dons?

Existe um princípio crucial que precisamos compreender como ponto de partida: quando Deus concede dons espirituais, Ele não está dando ao seu povo algo que está fora dele. Eles não são algo tangível ou uma substância que pode ser separada de Deus. Os dons espirituais são nada menos do que o próprio Deus em nós, fortalecendo nossas almas, transmitindo revelação às nossas mentes, infundindo poder em nossas vontades e operando seus propósitos soberanos e cheios de graça por meio de nós. Os dons espirituais nunca podem ser vistos de maneira deíctica, como se um Deus “lá no alto” tivesse enviado alguma “coisa” para nós que estamos “aqui embaixo”. Os dons espirituais são Deus se fazendo presente nos pensamentos humanos, nas ações humanas, nas palavras humanas e no amor humano, manifestando-se neles e por meio deles.

A linguagem que Paulo usa para explicar isso é explícita e muitas vezes repetitiva. Como este livro trata primordialmente dos dons apresentados em 1 Coríntios 12.4-11, analisemos esse parágrafo com foco no que o apóstolo diz a respeito da origem, fonte ou energia operante dos carismas. Durante a leitura, preste atenção aos trechos grafados em *itálico*.

Há diferentes tipos de dons, mas *o Espírito é o mesmo*. Há diferentes tipos de ministérios, mas *o Senhor é o mesmo*. Há diferentes formas de atuação, mas *é o mesmo Deus quem efetua tudo em todos*. A cada um, porém, é dada *a manifestação do Espírito*, visando ao bem comum. *Pelo Espírito*, a um é dada a

palavra de sabedoria; a outro, *pelo mesmo Espírito*, a palavra de conhecimento; a outro, fé, *pelo mesmo Espírito*; a outro, dons de curar, *pelo único Espírito*; a outro, poder para operar milagres; a outro, profecia; a outro, discernimento de espíritos; a outro, variedade de línguas; e ainda a outro, interpretação de línguas. *Todas essas coisas, porém, são realizadas pelo mesmo e único Espírito, e ele as distribui individualmente, a cada um, como quer* (1 Coríntios 12.4-11; grifos do autor).

Para uma compreensão mais completa do que Paulo disse, analisemos a palavra traduzida como “manifestação” (*phanerosis*) no versículo 7. Essa é a maneira de Paulo dizer que o próprio Espírito se manifesta ou é visivelmente evidente entre nós sempre que os dons são usados. Os dons espirituais são revelações concretas da atividade divina, e apenas secundariamente da atividade humana. Os dons espirituais são a presença do próprio Espírito se expressando de maneira relativamente clara, e até dramática, na forma como exercemos o ministério. Os dons são a manifestação pública de Deus entre o seu povo.

Rejeitar os dons espirituais, dar as costas a essa capacitação divina direta e graciosa é, de certo modo, dar as costas a Deus. Não se trata de uma questão menor alguém afirmar ou negar essas manifestações da presença divina. Ao afirmá-las, nós recebemos o Senhor. Ao negá-las, nós o negamos. Essa afirmação pode soar dura, porém, não estou sugerindo que os cessacionistas tenham a intenção consciente de resistir à atuação de Deus. Mas a resistência é o efeito prático de sua teologia, seja ela consciente ou não.

Se os dons espirituais são para os dias de hoje, não é uma questão secundária e tangencial que existe apenas para os teólogos debaterem. Ela diz respeito diretamente à própria missão da Igreja e à maneira como ela exerce o seu chamado. Está relacionada à maneira como falamos ao mundo, como confrontamos o

inimigo, as expectativas com que ministramos aos que tiveram seus corações partidos, aos que foram feridos e estão desesperados, e está vinculada ao modo como respondemos às seguintes perguntas: Devemos ou não devemos ser a Igreja da Bíblia? Devemos ou não devemos edificar a Igreja com as ferramentas que Deus nos deu?

Preciso fazer dois esclarecimentos adicionais. Primeiro, eu jamais sugeriria que o poder de Deus é encontrado apenas nos dons espirituais. O poder de Deus opera de diversas maneiras e por meios variados. O Espírito é responsável tanto pela alegria, paz e esperança (ver Rm 15.13) quanto pelos “sinais e maravilhas” (Rm 15.19). Mas não há como escapar do fato de que os carismas descritos no Novo Testamento são o canal primário por meio do qual a energia divina penetra em nossa existência e fortalece nossas vidas, que de outra forma seriam apáticas, levando a Igreja à plenitude do conhecimento e da experiência de Jesus Cristo.

Segundo, nem todos os cessacionistas — ou mesmo a maioria deles — negam a possibilidade de fenômenos milagrosos posteriores à morte dos apóstolos. O que muitos cessacionistas negam é a operação pós-apostólica do que eles chamam de “dons de revelação” — profecia, línguas e interpretação de línguas, embora nem línguas nem interpretação sejam reveladoras — e em particular do dom de “milagres” mencionado por Paulo em 1 Coríntios 12.10. Embora a maioria dos cessacionistas afirme a possibilidade de que milagres ocorram, ainda que a expectativa de que isso aconteça seja mínima, eles negam a presença do dom em si na vida da Igreja contemporânea.

De maneira semelhante, a maioria dos cessacionistas crê que Deus pode e ocasionalmente cura pessoas de modo sobrenatural nos dias de hoje. Mas eles dizem que o “dom” de cura não está mais disponível para a Igreja. Uma das principais razões que explica essa doutrina é um equívoco a respeito dos dons milagrosos.

Muitos cessacionistas acreditam erroneamente que uma pessoa que possui “dom de cura” ou “dom de milagres” precisa ser capaz de exercer esse poder sobrenatural à sua vontade invariavelmente — em qualquer ocasião, a qualquer momento, com o mesmo grau de sucesso dos apóstolos. Quando eles comparam isso ao que entendem ser a infrequência e a ineficiência das alegações de feitos milagrosos nos dias de hoje, parece-lhes razoável concluir que tais carismas não estão mais operantes na Igreja. Analisarei esse ponto em mais detalhe posteriormente.²

Neste livro, você lerá muito a respeito de fenômenos milagrosos. Quando uso essa terminologia, não quero dizer o mero potencial para uma rara atividade sobrenatural ou algum ato surpreendente da providência divina. Tenho em mente a operação real dos dons milagrosos relacionados em 1 Coríntios 12.7-10, todos os quais, creio, estão disponíveis para a Igreja hoje.

Por que os “nove” e não todos?

Por que focar apenas os dons relacionados em 1 Coríntios 12.7-10? A resposta não é porque os outros dons são menos importantes para a vida da Igreja. Decidi concentrar nossa atenção nos nove dons de 1 Coríntios 12 — palavra de sabedoria, palavra de conhecimento, fé, cura, milagres, profecia, discernimento de espíritos, línguas, interpretação de línguas — por três motivos.

Em primeiro lugar, a natureza desses nove dons é menos evidente que a dos demais dons. Misericórdia (ver Rm 12.8.), ensino (ver Rm 12.7), exortação (ver Rm 12.8) e dons semelhantes são mais fáceis de entender e, portanto, não necessitam de uma explicação tão extensa quanto os outros nove.

Em segundo lugar, esses nove dons são, bem ou mal, extremamente controversos. É triste dizer que em vez de unirem os cristãos em um esforço conjunto para edificar a Igreja, eles se

tornaram a arma de muitos debates que causam dissidência ou divisões nas igrejas. Meu objetivo é lançar luz sobre esses dons, dissipar qualquer nevoeiro teológico e eliminar (ou, pelo menos, minimizar) as caricaturas que muitos na Igreja têm, não só desses dons, mas também das pessoas que os exercem.

Em terceiro e último lugar, a Igreja necessita desesperadamente de uma infusão da atividade sobrenatural de Deus em sua vida e ministério. Embora todos os dons espirituais exijam a presença fortalecedora do “mesmo Deus” (1 Co 12.6), esses nove são, pela sua natureza, mais evidentes e poderosos, pelo menos em termos de impacto visível e vocal. Não estou defendendo uma abordagem sensacionalista do Cristianismo, nem acredito que uma pessoa com o dom de profecia, por exemplo, seja mais essencial — ou mais espiritual — do que uma pessoa com o dom de ensino, liderança ou misericórdia. Mas, lamentavelmente, falta à Igreja mais do poder e da ação sobrenatural do Espírito, capazes de promover transformação de vida e honrar a Cristo. Saber que esses dons estão disponíveis e entender como eles operam é essencial para que a Igreja possa superar seus males.

Então, essa a razão pela qual escrevi este livro. Quero que você seja ensinado sobre dons espirituais, pois é improvável que você se preocupe com aquilo que não entende. Pior ainda, se o seu entendimento for distorcido ou equivocado, a sua falta de preocupação pode se transformar em absoluta oposição.

Também quero que você seja preparado para usar os dons que Deus nos dá. Saber o que os dons são é apenas metade do caminho. Precisamos possuir a sabedoria prática e a habilidade espiritual para saber como, quando e em quem os dons são planejados para operar.

Finalmente, quero que você tenha expectativa sobre o que Deus pode fazer por você e por aqueles que Ele o chamou para ajudar, por meio do poder dEle. Quero que sua fé e confiança

na bondade e na grandeza de Deus cresçam e se intensifiquem. Aqueles que são céticos a respeito do que Deus pode fazer e fará raramente experimentam o Seu poder.

Foi por isso que escrevi este livro. É por isso que espero que você o leia.

Você compreendeu?

1. Quando pensa na condição de sua igreja local, quais você considera serem os pontos mais fortes e as maiores necessidades da sua congregação?
2. Em que áreas específicas da vida e do ministério você vê maior necessidade de uma infusão do poder do Espírito Santo?
3. Você ainda tem dificuldade em acreditar que todos os dons do Espírito são válidos e operantes hoje? Se sim, identifique os motivos disso.
4. Qual é o significado implícito no fato de o apóstolo Paulo descrever todos os dons espirituais como “manifestações” do Espírito Santo?
5. Relacione vários motivos pelos quais as pessoas parecem ter medo dos dons espirituais e da presença do Espírito. O que pode ser feito a respeito disso?

Certo? Errado!

*C*oisas maravilhosas na Bíblia nós vemos, cujo acréscimo nós mesmos fizemos!

Não me lembro de quando ouvi essas palavras pela primeira vez nem quem as disse, mas em nenhum momento elas são mais verdadeiras do que quando as pessoas falam sobre dons espirituais. Há tantos mitos e equívocos sobre os dons que mal sei por onde começar. Antes de fazê-lo, porém, vamos definir o que são dons espirituais.

O que há em um nome?

Nós os chamamos de “dons espirituais”, mas como a Bíblia os chama? Quatro palavras gregas são usadas no Novo Testamento para se referir a dons espirituais. Uma análise individual de cada uma revelará o significado pleno desse conceito.

1. *Charisma*

O termo mais familiar usado por Paulo é a palavra grega *charisma*. Sua forma plural, *charismata*, é a palavra da qual deriva o termo

“carismático”. *Charisma* se refere a uma obra da graça de Deus ou algo que a graça de Deus concedeu. Por exemplo, a vida eterna é um *charisma* (ver Rm 6.23), bem como o livramento da morte física (ver 2 Co 1.10). Até mesmo o celibato (ver 1 Co 7.7) é um *charisma* (ver também Rm 5.15,16; 11.29; mas prestar especial atenção a 1 Co 12.4,9,28,30,31).

2. *Pneumatikon*

Em 1 Coríntios 12.1, Paulo usou a palavra *pneumatikon* (“espirituais”, isto é, coisas espirituais), mas passou a usar *charisma* a partir do versículo 4. Isso não ocorreu porque Paulo passou a negar que os dons vêm do Espírito Santo ou têm uma qualidade espiritual, mas reflete sua intenção de enfatizar que essas habilidades são produto da capacitação graciosa de Deus.¹ Isso significa que todos os dons são carismáticos — não apenas línguas, curas e milagres, mas também ajudar, servir e dar. Assim, em certo sentido, todos os cristãos são carismáticos.

3. *Diakonia*

Se *charisma* aponta para a origem dos dons espirituais, *diakonia*, muitas vezes traduzida como “ministérios”, aponta para o seu propósito. Todos os dons espirituais são planejados para servir e ajudar os outros. Em 1 Pedro 4.10,11, a forma verbal é usada duas vezes em relação a crentes dotados “servindo” um ao outro. A questão é que os dons espirituais são muito mais uma responsabilidade do que um privilégio. Dons não foram criados para serem utilizados como atrativos pessoais nem visando *status*, poder ou popularidade.

4. *Energema*

Os dons espirituais também são descritos pelo termo *energema* (ver 1 Co 12.6), traduzido como “realizações” (ARA) ou “atuação”

(NVI). Ele aponta para a ênfase que Paulo dá aos dons como efeito, fruto ou produto do poder divino. Todos os dons espirituais entram em ação pelo poder do Espírito Santo no crente e por meio do crente. Em 1 Coríntios 12.6, Paulo escreveu: “Há diferentes formas de atuação [*energematon*], mas é o mesmo Deus quem efetua [*ho energon*] tudo em todos.” Portanto, dons são as operações concretas do poder divino por meio de crentes individualmente.

Note que Paulo dá ênfase ao fato de que a fonte da multiplicidade de dons é um único e mesmo Espírito. Essa ênfase serve como um corretivo forte para qualquer forma de elitismo. Os dons vêm “pelo Espírito... pelo mesmo Espírito... pelo mesmo Espírito... por um único Espírito” (vs. 8,9). Na verdade, é o “mesmo e único Espírito” (v. 11) quem distribui os dons segundo a sua vontade.

Se o Espírito Santo é soberano para conceder dons, Ele é também soberano para retê-los. Tudo depende do que Deus deseja para aquele momento em sua Igreja. Precisamos hesitar em “reivindicar” um dom, mas nos submeter à sua vontade soberana (comparar os vs. 9 e 11).

Quando reunimos essas palavras, descobrimos que todos os dons espirituais (*charismata*) são atos de serviço ou ministério (*diakonia*), que são produzidos (*energema*) por meio de nós pelo Deus triúno (*pneuma* [Espírito Santo] no v. 4; *kurios* [Senhor Jesus] no v. 5; *theos* [Deus Pai] no v. 6). À luz disso, podemos definir um dom espiritual como uma capacidade dada por Deus e, portanto, uma graça concedida para servir o Corpo de Cristo. O dom é um potencial divinamente capacitado ou espiritualmente estimulado para ministrar ao Corpo de Cristo, pela comunicação do conhecimento, do poder e do amor de Jesus.

Mitos e equívocos

Agora, vamos considerar alguns dos equívocos mais comuns que envolvem o assunto dos dons espirituais.

Mito nº 1:

Somente pastores ordenados ou pessoas supersantas têm dons espirituais milagrosos. Certo?

Errado! O apóstolo Paulo diz que a “cada um”, homens e mulheres, jovens e velhos (1 Co 12.7) foi dada a manifestação do Espírito Santo. De acordo com Romanos 12.3,6, se você tem graça, você tem um dom (ver também Ef. 4.7; 1 Pe 4.10). Pedro citou a profecia de Joel no dia de Pentecostes para provar que dons como profecias e línguas seriam dados a “todos os povos”, inclusive “seus filhos e suas filhas”, “jovens”, “velhos”, bem como “servos e servas” (At 2.17,18). Os dons *não* são privilégio exclusivo de presbíteros, diáconos, pastores, professores de Escola Dominical ou alguma classe singular de supostos supersantos.

Alguns argumentam que somente os apóstolos realizavam sinais e maravilhas ou exerciam os chamados dons milagrosos. O Novo Testamento, porém, afirma o contrário. Além dos apóstolos, outros cristãos comuns que exerceram dons milagrosos incluíram: setenta seguidores de Jesus que expulsaram demônios (ver Lc 10.9,19,20), pelo menos cento e nove pessoas dentre as cento e vinte reunidas no cenáculo no dia de Pentecostes, bem como Estêvão, um diácono (ver At 6-7), Filipe (ver At 8) e Ananias, um leigo comum (ver At 9). Os membros da igreja de Antioquia ouviram a voz de Deus e profetizaram (ver At 13.1). Seguidores de João Batista em Éfeso (ver At 19.6) profetizaram e falaram em línguas; quatro jovens solteiras de Cesareia eram profetisas (ver At 21.8,9); irmãos anônimos da Galácia realizaram milagres (ver Gl 3.5); crentes de Roma, Corinto e Tessalônica profetizaram (ver Rm 12.6-8; 1 Co 12-14; 1 Ts 5.19,20).

Não é interessante Paulo ter presumido de modo tão confiante que as igrejas que ele não estabelecera nem visitara eram carismáticas? O apóstolo seria incapaz de conceber uma igreja

sem dons espirituais. Obviamente, não era necessário um apóstolo estar presente para orar ou para impor as mãos sobre as pessoas para que dons como o de profecia se manifestassem.

Além disso, quando leio 1 Coríntios 12.7-10, nada sugere que somente apóstolos tenham esses dons. Ao contrário, o Espírito soberano concede o dom de profecia, fé, milagres e outras manifestações sobrenaturais a cristãos comuns da igreja para a edificação diária e rotineira do Corpo. Isso significa que, com os apóstolos, presbíteros e diáconos, também as donas de casa, os carpinteiros e os agricultores recebem a manifestação do Espírito — tudo “visando ao bem comum” (v. 7) da Igreja.

Os dons espirituais não são funções. As funções são oportunidades de ministério comuns a todos e disponíveis a qualquer um. Todos nós devemos ser testemunhas, mas nem todos têm o dom de evangelismo. Todos devem dar, mas nem todos têm o dom de dar. Todos oram, mas nem todos têm o dom de intercessão. Todos têm a responsabilidade de avaliar e ponderar a respeito das palavras proféticas e discernir os “espíritos” (ver 1 Jo 4.1-6; 1 Ts 5.19-22), mas nem todos têm o dom de discernimento de espíritos. Todos têm fé, mas nem todos têm o dom da fé. Todos podem ensinar (ver Cl 3.16), mas nem todos têm o dom de ensinar. Todos podem profetizar (ver 1 Co 14.24), mas nem todos são profetas. Todos podem receber sabedoria (ver Ef 1.17), embora nem todos possam exercer o dom da palavra de sabedoria.

De modo semelhante, os dons espirituais não são ofícios. O termo “ofício” não é estritamente bíblico. No entanto, parece que um ofício na igreja se caracteriza por (1) um elemento de permanência, (2) o reconhecimento pela igreja (muitas vezes por intermédio de um título), (3) ser autorizado ou consagrado de alguma maneira, habitualmente por meio de uma cerimônia pública com imposição de mãos, e

(4) remuneração do indivíduo que o exerce. Paulo se refere ao dom de Timóteo como algo que existia nele (ver 1 Tm 4.14; 2 Tm 1.6). Segundo Gordon Fee: “Um ofício é uma posição que alguém é chamado a preencher; assim, é algo externo ao titular do ofício. Esse é um carisma que habita em Timóteo, que ele pode ser ordenado a ‘não negligenciar’, sendo encorajado a ‘manter viva a chama’.”²

Mito nº 2:

Quando você se converteu, recebeu todos os dons que terá ao longo de sua vida. Certo?

Errado! Rápido — cite um versículo da Bíblia que diga que todos os dons espirituais são dados no momento da conversão. O fato é que, em várias ocasiões (ver 1 Co 12.31; 14.1,12,13,39), somos instruídos a buscar ou perseguir os dons que desejamos, mas ainda não temos. Na verdade, isso não é somente bíblico, como também é obrigatório. Para um público *cristão*, Paulo escreveu: “Sigam o caminho do amor e busquem com dedicação os dons espirituais, principalmente o dom de profecia” (1 Co 14.1). Isso não é mera permissão ou mesmo uma sugestão; é uma ordem. Se você não desejar os dons espirituais ardentemente, especialmente o de profecia, está desobedecendo a um imperativo apostólico!

Em 1 Coríntios 12.31, Paulo escreveu novamente as palavras “busquem com dedicação os melhores dons”. O verbo traduzido como “busquem com dedicação” (*zeloute*) é ambíguo em termos gramaticais. Algumas pessoas insistem que essa é apenas uma declaração que caracteriza o comportamento dos coríntios, portanto o versículo pode ser entendido como: “Vocês estão ansiosos pelos melhores dons.” Em outras palavras, eles a consideram uma declaração de um fato concernente a um

estado de coisas, não uma exortação à ação futura. Mas a mesma forma verbal aparece em 1 Coríntios 14.1 e 14.39 e é inequivocamente imperativa, ou seja, trata-se de um comando. É difícil acreditar que Paulo usaria o mesmo verbo, na mesma forma e no mesmo contexto, de duas maneiras inteiramente diferentes sem dar algum indício ou alguma pista de seu sentido no contexto em que aparecem.

Se você ainda tem dúvidas em relação a isso, leia com atenção 1 Coríntios 14.13, onde Paulo ordenou à pessoa que fala em línguas que “ore para que a possa interpretar”. Obviamente, tratava-se de um cristão, pois já tinha o dom de línguas. Mas é igualmente óbvio que não tinha o dom da interpretação, pois Paulo ordenou-lhe “orar” para tê-lo. Claramente, então, pelo menos esse dom espiritual pode ser dado após a conversão. E, se um pode, por que não todos?

Alguns destacaram que a exortação a “buscar com dedicação” dons espirituais (1 Co 12.31; ver também 14.1) está no plural, portanto, é dirigida não a crentes individuais, mas à Igreja como um todo. Eles argumentam que isso é motivo suficiente para rejeitar a ideia de que os cristãos devem procurar por algum dom espiritual.

Mas é claro que o verbo está no plural, assim como praticamente estão todos os comandos de Paulo em suas cartas, exceto as endereçadas a indivíduos — como Filemom, Tito e Timóteo. Paulo estava escrevendo para todos da igreja em Corinto, cada um dos quais era responsável por responder individualmente a uma exortação que tinha validade para toda a Igreja. Em outras palavras, o que é a Igreja coletiva senão um conjunto de indivíduos sobre cada um dos quais a obrigação recai? O plural dessa exortação indica simplesmente que todos os crentes de Corinto devem dar ouvidos à admoestação apostólica. É um dever comum a todos. E isso inclui também a nós.

Mito nº 3:

Os dons milagrosos foram dados primariamente para validar o ministério dos apóstolos. Certo?

Errado! O propósito primário, mas não exclusivo, dos dons espirituais é edificar outras pessoas. O foco dos dons são os outros. Alguns concluíram erroneamente a partir de 1 Coríntios 12.7 que é pecaminoso e egoísta desfrutar do seu dom ou ser edificado pessoalmente pelo seu uso. Mas isso confunde o propósito *imediat*o ou direto dos dons com seu efeito *secundário* ou indireto. É praticamente impossível exercer o seu dom espiritual fielmente, não importa qual seja o contexto, e não experimentar algum tipo de bênção. Se o uso do seu dom torna seu coração sensível à graça de Deus e facilita o seu amadurecimento em Cristo, inevitavelmente você estará mais bem preparado para servir e edificar os outros. E embora o propósito principal dos dons espirituais seja edificar os outros, esse não é o seu único propósito. De fato, Judas 20 nos *ordena* a “edificarmos” a nós mesmos!

Um objetivo primordial dos fenômenos milagrosos é edificar e fortalecer o Corpo de Cristo. Os dons milagrosos de 1 Coríntios 12.7-10 são distribuídos a cristãos comuns “visando ao bem comum” (v. 7), isto é, para o bem-estar e o crescimento de todos da Igreja.

Em 1 Coríntios 14.3, Paulo afirmou explicitamente que a profecia, um dos dons milagrosos listados em 12.7-10, serve para edificar, exortar e consolar a outros na Igreja. Aquele que profetiza “edifica a igreja” (1 Co 14.4). Encontramos uma ênfase semelhante em 1 Coríntios 14.5, onde Paulo disse que as línguas, quando interpretadas, também edificam a Igreja. Em 1 Coríntios 14.26, Paulo exortou os que estavam presentes em uma assembleia a estarem preparados para ministrar com um salmo, um ensinamento, uma revelação, uma língua ou uma interpretação — todos planejados, segundo ele, para a “edificação”.

Alguns questionaram se o dom de línguas tinha o propósito de edificar os crentes. Se não, por que Deus deu o dom de interpretação para que as línguas pudessem ser utilizadas na assembleia reunida da Igreja? Se o dom nunca teve o objetivo de edificar os crentes, por que o próprio Paulo orava em línguas na privacidade de seus momentos devocionais? Em 1 Coríntios 14.18,19, uma passagem que explicarei no capítulo 8, fica óbvio que ele o fazia.

Meu argumento é: todos os dons do Espírito Santo — línguas ou ensino, profecia ou misericórdia, cura ou socorro — são dados, dentre outras razões, para a edificação, o desenvolvimento, o encorajamento, a instrução, a consolação e a santificação do Corpo de Cristo. Mesmo que os dons miraculosos não fossem mais necessários para atestar e autenticar — uma suposição que faço apenas para fins de argumentação — tais dons continuariam a atuar na Igreja pelos outros motivos que citei.

Mito nº 4:

Buscar dons espirituais significa que você provavelmente não crê na soberania de Deus. Certo?

Errado! Mas Paulo não disse que o Espírito Santo decide quem vai receber qual dom (ver 1 Co 12.11,18)? Sim. Ora, se é Deus quem concede dons segundo a *sua* vontade, como podemos orar e buscar os dons de acordo com a *nossa* vontade? A resposta é que o nosso próprio desejo muitas vezes é fruto da atuação de Deus em nossos corações, que primeiro nos move a pedir o que Ele quer nos dar. Não nos esqueçamos de que, embora a salvação esteja sujeita à soberana vontade de Deus, nós ainda oramos, pregamos e convencemos os descrentes. De fato, como Jack Deere nos lembrou, Deus “... faz *todas as coisas* segundo o propósito da sua vontade” (ver Ef 1.11),³ mas isso não elimina

ou diminui a nossa responsabilidade humana de obedecer aos muitos mandamentos das Escrituras.

Enquanto tratamos desse tema, seria bom pensarmos a respeito das maneiras pelas quais o Espírito pode escolher transmitir seus dons a nós. Assim, Paulo se referiu ao Espírito simplesmente como aquele que “distribui” (1 Co 12.11) dons às pessoas soberanamente, sem dizer como. Isso deixa a porta aberta para um número infinito de possibilidades. Talvez a principal maneira seja em resposta às nossas orações (ver 1 Co 14.13). Em Romanos 1.11, Paulo declarou sua intenção de conceder um carisma aos romanos em sua chegada à cidade deles. Embora essa possa ser uma referência a alguma bênção concedida pela graça de Deus de forma mais genérica, poderia também significar facilmente que Paulo planejava orar pela concessão divina de algum dom espiritual específico do qual a igreja romana pudesse necessitar.

O dom de Timóteo lhe foi concedido “por meio de” uma declaração profética (“por mensagem profética”), acompanhada por imposição de mãos — literalmente “com” imposição de mãos, conforme descrito em 1 Timóteo 4.14. E em 1 Timóteo 1.18, Paulo encorajou Timóteo, lembrando-lhe das “profecias já proferidas” a respeito dele. E em 2 Timóteo 1.6, Paulo se refere a um dom espiritual que existe “em” Timóteo e que lhe foi concedido “por meio da” imposição das suas mãos.

Juntando-se esses três textos, revela-se o seguinte cenário: evidentemente, várias pessoas profetizaram que Timóteo seria o destinatário de um dom particular — possivelmente evangelismo, talvez liderança. É provável que a imposição das mãos fosse um ato de confirmação pelo qual os presbíteros e Paulo reconheciam que isso era verdade.

Alguns consideram a profecia como o instrumento por meio do qual esse dom foi conferido a Timóteo. Testemunhei casos em que Deus simplesmente usou a ocasião de uma palavra profética

para conceder um dom. Seja qual for o caso, nunca devemos hesitar em impor as mãos uns sobre os outros e orar por um compartilhamento carismático.

Mito nº 5:

Se as pessoas não utilizam os dons espirituais de forma adequada, devem deixar de usá-los. Certo?

Errado! Considero no mínimo notável o fato de Paulo ter escrito a uma igreja obcecada e empanturrada de dons espirituais, a uma igreja repleta de dons espirituais (ver 1 Co 1.5-7), na verdade, a uma igreja que fez mau uso dos dons espirituais, o seguinte: “Busquem com dedicação os dons espirituais” (1 Co 14.1)! Isso é assombroso, porque é completamente diferente do tipo de conselho que nós provavelmente teríamos dado aos coríntios!

Os crentes de Corinto não perdiam para ninguém na corrida carismática. Entretanto, eles tinham compreendido muito mal esses dons e fizeram mau uso deles. Minha primeira reação é presumir que Paulo lhes diria para diminuir o ritmo, isso se ele não declarasse uma suspensão temporária do exercício desses dons. No mínimo, ele deveria ter dito a eles que parassem de orar e buscar fenômenos milagrosos, como línguas e profecia. Isso está além da minha compreensão!

O que ele lhes disse para fazer é bastante surpreendente. A uma igreja inflamada por carismas, Paulo ordenou às pessoas que buscassem fervorosamente por mais (ver 1 Co 12.31; 14.1,39)! Numa situação em que talvez achássemos melhor diminuir um pouco do fervor jogando um balde de água fria, Paulo parece colocar mais lenha na fogueira. A questão é: a solução para o uso equivocado dos dons espirituais não é a proibição, mas a correção. Paulo simplesmente lhes disse: “Façam da maneira certa!” Em outras palavras, “Não façam menos; apenas façam melhor!”

Eu poderia entender se Paulo tivesse dado esse conselho a uma igreja com muito caráter e pouco poder. Mas Corinto era uma igreja com pouco caráter e muito poder. Esse conselho pode ser entendido por alguns como imprudente, se não perigoso, algo como jogar um colete salva-vidas cheio de chumbo para um homem que está se afogando, ou dizer a um alcoólatra em recuperação: “Ei, amigo, vamos tomar um drinque!” Contudo, para aquelas pessoas culpadas de elitismo e fanatismo, Paulo disse: “Sejam ansiosos e zelosos por mais dons do que vocês já têm.” Nós, entretanto, provavelmente teríamos dito: “Calma, coríntios! Vão com calma. Esqueçam os dons. Seu foco espiritual está totalmente desequilibrado. Vocês não percebem que os dons espirituais foram a origem dos seus problemas?” Mas, é claro, o problema não eram os dons espirituais. O problema eram as pessoas imaturas e não espirituais. A questão é que a repressão do zelo espiritual nunca é a resposta. A solução para o mau uso não é o desuso, mas sim o uso adequado.

Recentemente, um homem criado em uma igreja carismática escreveu-me falando sobre sua decisão de deixá-la. Ele ficara desiludido com o que acreditava ser uma manifestação de dons falsos e com pessoas que fingiam manifestações espirituais. Fico triste quando ouço histórias como essa. Por mais difícil que seja para nós, precisamos lembrar-nos de que a existência de uma falsificação não é prova da inexistência do real. Estou assombrado com a quantidade de cristãos que, inconscientemente, formulam suas crenças teológicas com base não na beleza do que a Bíblia descreve, mas em reação à deformidade vista em outras pessoas que fabricaram uma experiência ou fizeram mau uso de algum dom benéfico de Deus.

Tenha cuidado para não desenvolver expectativas irreais em relação a alguém que possui algum dom especial. Afinal, não importa quão espetacular seja o dom ou quão maravilhosa seja a manifestação do Espírito, não somos nada além de “vasos de barro” (2 Co 4.7).

Mito nº 6:

Se alguma vez você usou um dom espiritual, sempre pode usá-lo. Certo?

Errado! Muitas pessoas acreditam erroneamente que se você profetizou uma vez, pode profetizar à vontade, ou se você já orou e alguém ficou curado, você pode curar à vontade. A questão é saber se os dons espirituais são *permanentes* — o que alguns chamaram de “residentes” — ou *ocasionais e circunstanciais*. Podemos afirmar de modo legítimo que uma pessoa *tem* um dom, ou ela simplesmente *usa* o dom? Por exemplo, é possível alguém ser capaz de realizar um milagre ocasional sem *ter* o dom de milagres?

Vários fatores apoiam a noção de permanência, entre eles os textos que usam a expressão “ter” um dom espiritual (ver 1 Co 13.2; Rm 12.6). Em 1 Coríntios 14.28, Paulo parecia conceber a possibilidade de saber se alguém com dom de interpretação estava presente ou não na igreja. Paulo exortou Timóteo a não negligenciar “o dom que lhe foi dado” (1 Tm 4.14). Paulo também disse que algumas pessoas têm títulos que descrevem uma atuação contínua, como “mestres”, “evangelistas” ou “profetas” (ver Ef 4.11). E em 2 Timóteo 1.6,7, Paulo afirmou claramente que, não obstante a negligência e o desuso, o dom de alguém pode permanecer — pelo menos o de Timóteo poderia. Não podemos apelar para Romanos 11.29 para responder a essa questão, pois nessa passagem os “dons” de Deus se referem às bênçãos da aliança concedidas à nação de Israel.

No entanto, Paulo constantemente usou verbos no presente ao discorrer sobre os dons (ver 1 Co 12.11), como se sugerisse que eles são concedidos para atender à necessidade do momento. A profecia, por exemplo, depende da espontaneidade da revelação (ver 1 Co 14.30) e, evidentemente, não pode ser exercida pela

vontade. Também a cura está sempre sujeita à vontade soberana de Deus. Veremos isso adiante mais claramente.

Talvez a melhor resposta seja dizer que alguns dons, como ensino, liderança, línguas, misericórdia e assim por diante, possuem mais probabilidade de serem permanentes e podem ser exercidos à vontade; ao passo que outros dons como profecia, cura e milagres estão sempre sujeitos ao propósito soberano e ao tempo do Espírito.

Mito n° 7:

Os dons espirituais não são necessários agora que temos a Bíblia. Certo?

Errado! Já ouvi pessoas dizerem: “Os dons milagrosos acompanharam e atestaram a verdade do Evangelho até a última palavra do cânon das Escrituras ter sido escrita. Não há mais necessidade de tais manifestações do poder divino. A própria Bíblia substituiu os fenômenos milagrosos na vida da Igreja.” Meu problema imediato com isso é que a própria Bíblia não faz tal afirmação!

Não estou negando o papel dos dons milagrosos no primeiro século de dar testemunho da verdade do Evangelho. Mas por que deveríamos pensar que a Igreja do nosso século tem menos necessidade dessa atividade do Espírito Santo?

Aqui está algo para pensar: se os milagres eram essenciais mesmo na presença física do Filho de Deus, quanto mais agora, em sua ausência! Você está preparado para sugerir que a Bíblia é capaz de fazer agora, em nosso século, o que Jesus era incapaz de fazer no dele? O próprio Jesus acreditava ser essencial recorrer ao poder miraculoso do Espírito Santo durante seu ministério terreno. Se a presença gloriosa do Filho de Deus não excluía a necessidade de fenômenos milagrosos, como ousamos sugerir que o fato de termos a Bíblia a exclui?

Mito nº 8:

Os dons espirituais sempre operam com os mesmos níveis de intensidade e precisão. Certo?

Errado! Muitas vezes, os dons espirituais variam de intensidade, poder e precisão (ver 1 Co 14.18; 2 Tm 1.6). Pode ser isso o que Paulo tinha em mente quando disse que a profecia deveria ser “na proporção da sua fé” (Rm 12.6). Paulo parece dizer que aqueles que possuíam o dom da profecia tinham diferentes níveis de confiança de que era realmente o Espírito Santo quem operava por intermédio deles para revelar algo que seria o fundamento de uma profecia. Em outras palavras, sempre haverá graus maiores ou menores de capacidade profética; por conseguinte, haverá graus maiores e menores de precisão profética. Também parece razoável presumir que a precisão de uma profecia pode aumentar ou diminuir ao longo do tempo, dependendo das circunstâncias da vida da pessoa. Os profetas falam na proporção da confiança e segurança que têm de que o que dizem é verdadeiramente de Deus. Eles não devem falar além do que Deus revelou, portanto precisam ter o cuidado de nunca falar usando sua própria autoridade ou recursos próprios.

Parece óbvio que alguns mestres são mais eloquentes e eficazes do que outros, que alguns evangelistas veem uma maior colheita de almas, que alguns líderes da igreja são mais bem-sucedidos na mobilização de pessoas para o ministério, e a lista poderia continuar. É esperado que alguns orem em línguas com mais fervor do que outros, como aparentemente Paulo fez (ver 1 Co 14.18), e que alguns terão uma capacidade comparativamente maior de ter fé. A eficácia e a precisão dos dons espirituais variam conforme as nossas personalidades, a nossa maturidade espiritual, a nossa habilidade com a Palavra de Deus, o grau de intimidade que temos com Jesus, além de outros inúmeros fatores.

O que Paulo escreveu em 2 Timóteo 1.6 indica claramente que o dom de alguém nem sempre opera no mesmo nível de intensidade. Timóteo é exortado a “manter vivo” seu dom espiritual. Isso implicaria que um dom pode variar em uma escala de eficácia relativa, sendo a última, em algum grau, dependente de nós. Embora um dom venha de Deus, ele pode ser aprimorado. Sempre podemos aprender a usá-lo melhor e com mais frutos.

Os dons espirituais não operam automaticamente nem de modo independente à nossa vontade e esforço. A exortação de Paulo a Timóteo a não “negligenciar” o seu dom (ver 1 Tm 4.14) sugere que ele poderia se tornar inoperante se não fosse utilizado diligentemente.

Por que Timóteo permitira seu dom tornar-se inoperante? Talvez ele tivesse sido intimidado. Paulo lembrou Timóteo de que não lhe fora dado um espírito de “covardia” (2 Tm 1.7). Talvez Timóteo tivesse passado a temer que o exercício do dom (ensino? administração?) provocasse oposição de alguns membros da congregação. Talvez lhe tivessem dito que ele era fraco, jovem demais ou incompetente. Ele pode ter sido levado a acreditar que seria presunçoso da parte dele usar seu dom. Talvez lhe tivessem dito que seu dom era irreal — ele apenas pensava tê-lo. De qualquer modo, ele o negligenciou. Ele não o usava. Estava dormente. Mas ainda “estava nele”.

Alguns argumentam que o “dom” é o Espírito Santo, não um dom espiritual em si. Eles se fundamentam em 2 Timóteo 1.7, onde se argumenta que o “espírito” que Deus nos deu é o Espírito Santo (ver também o v. 14, que parece bem conectado ao v. 6). Mas há várias coisas que se contrapõem a esse ponto de vista. Em primeiro lugar, é mais provável que Paulo tenha usado a palavra “carisma”, em referência a um dom do que em referência ao Doador do dom. Em segundo lugar, para estar em

uma condição espiritual em que precise “reacender” o Espírito está implícito que você possa tê-lo “extinguido”. Mas isso significaria Paulo estar dizendo que Timóteo estava gravemente em pecado. Como Timóteo poderia ter pecado tão gravemente, deixando o Espírito Santo se extinguir e, ao mesmo tempo, ser tão elogiado por Paulo nas duas epístolas a ele dirigidas? Em terceiro lugar, é provável que Paulo tivesse relacionado o fato de Timóteo ter recebido o Espírito Santo à sua imposição de mãos (embora esse não pareça o caso em algumas ocasiões; ver At 8.17-19; 9.12,17; 19.6)? Mesmo que se conclua que o “dom de Deus” citado em 2 Timóteo 1.6 se refere ao próprio Espírito, seria injustificável fazer uma distinção rígida demais entre o Espírito e o dom que Ele permite que exercitemos. Afinal, cada dom é uma manifestação do Espírito.

Mito nº 9:

As pessoas que têm dons mais impressionantes são mais espirituais. Certo?

Errado! Este é um mito que poucas pessoas afirmarão, mas no qual muitas acreditam. Não é incomum pessoas com dons como misericórdia, exortação e socorro se sentirem inferiores àquelas dotadas de profecia, ensino e línguas. O pior é que, muitas vezes, pessoas com esses últimos dons fazem as outras pessoas se sentirem assim. Pessoas com dons que chamam a atenção e aplausos são especialmente propensas a medir o valor pessoal pelos dons — ou pela falta deles.

Certamente, esse era um problema na antiga Corinto. Sua tendência — e a nossa também! — era ter maior estima por pessoas cujos dons se caracterizavam por uma demonstração sobrenatural maior e mais perceptível. Pensamos erroneamente que se a manifestação do Espírito é mais explícita o indivíduo é mais

maduro ou, pelo menos, mais favorecido por Deus, ou certamente, no mínimo mais útil à Igreja. Ou pensamos que por alguém ter mais de um dom essa pessoa tem mais do Espírito Santo. O fato é que uma pessoa com dez dons pode ser menos madura do que uma pessoa com apenas um.

Talvez a resposta mais eficaz a esse mito seja a lembrança constante da repreensão feita por Paulo aos próprios coríntios: “Pois, quem torna você diferente de qualquer outra pessoa? O que você tem que não tenha recebido? E se o recebeu, por que se orgulha, como se assim não fosse?” (1 Co 4.7). Todos nós faríamos bem em ouvir o conselho de Paulo.

Mito n° 10:

Os únicos dons espirituais que Deus dará são aqueles mencionados explicitamente na Bíblia. Certo?

Errado! Bem, talvez isso seja errado. Preciso ser cuidadoso sobre este ponto. Não estou tão convencido de que isso seja um mito como estou em relação aos outros. Mas por que devemos concluir que Deus só pode dar os dons listados no Novo Testamento? Em Romanos 12.6-8, Paulo mencionou profecia, serviço, ensino, exortação, doação, liderança e demonstração de misericórdia. Em 1 Coríntios 12.8-10, lemos palavra de sabedoria, palavra de conhecimento, fé, dons de curar, operação de milagres, profecia, discernimento de espíritos, línguas e interpretação de línguas. No mesmo capítulo, Paulo novamente mencionou apóstolos,⁴ profecia, ensino, milagres, dons de curar, socorro, administração e línguas (ver 12.28). Em 1 Pedro 4.10,11 há referência apenas a falar e servir — talvez categorias gerais, não dons específicos. Por fim, Efésios 4.11 lista apóstolo, profeta, evangelista, pastor, mestre, ou possivelmente pastor-mestre.

As listas contêm uma mistura surpreendente do que poderíamos considerar dons sobrenaturais e naturais. Ou seja, alguns dons parecem expressões mais evidentes de poder divino do que outros. Mas o fato intrigante é que Paulo não fez tal distinção. Não importa o que o dom possa ser, é o mesmo Deus quem opera tudo em todos os homens.

Entretanto, essas listas exaurem todas as possibilidades? E quanto à intercessão? É um dom espiritual ter a capacidade de interceder com energia quase incessante, resultando em um grande número de orações respondidas? E quanto a outros ministérios e atividades não especificamente elencados entre os carismas, como a libertação eficaz? Conheço pessoas que têm uma unção notável e extraordinária para ajudar outras a serem libertas de opressão demoníaca.

Alguns podem argumentar que não podemos ir além do que a Bíblia diz. Mas, desde que não formos contra o que ela diz, por que precisamos pensar que Deus é incapaz ou não tem vontade de dar novos dons não listados explicitamente nas Escrituras? Não poderia haver situações novas, necessidades novas, circunstâncias diferentes em tempos e locais diferentes que exijam uma gama mais ampla de manifestações do Espírito do que aquelas descritas por Paulo em seu próprio tempo? Não sou capaz de prová-lo e é por isso que hesito em colocar este mito na mesma categoria que os outros. No entanto, não vejo razão para insistir em que as listas mencionadas contêm todos os dons que Deus poderá dar. Simplesmente não há qualquer maneira de se saber com certeza. Uma coisa, porém, é certa: se existem outros dons dados por Deus, eles precisam estar em conformidade com os mesmos princípios e regras de prática estabelecidos na Bíblia, por meio dos quais todos os dons são julgados.

Você compreendeu?

1. Ao refletir sobre os vários termos que Paulo usa para descrever os dons espirituais, o que eles nos dizem sobre a natureza e o propósito dessas “manifestações” do Espírito em nosso meio?
2. Que evidência existe no Novo Testamento de que Deus pretende que todos os cristãos de todas as igrejas atuem no poder dos dons espirituais?
3. Se, de fato, Paulo ordena todos os cristãos a buscarem dons espirituais ardentemente, o que você está fazendo para cumprir essa tarefa? Seja específico sobre as maneiras pelas quais você pode fazer disso uma responsabilidade diária.
4. O que devemos concluir sobre a existência de mau uso quando se trata do exercício de dons espirituais na igreja? Quais passos devem ser dados para garantir, tanto quanto possível, que tal uso equivocado não ocorra novamente?
5. O que você diria a alguém que tenta argumentar que os dons espirituais não são mais necessários, agora que temos a Bíblia?

Palavras de sabedoria e conhecimento

Aquele não parecia ser nada além de mais um dia normal, até um carro estranho parar em frente à nossa igreja. Um pai desesperado acompanhou até o meu escritório seu filho de vinte anos, que parecia lutar contra problemas psicológicos numerosos, os quais algumas pessoas pensavam ser resultado de opressão demoníaca. Esse jovem era incapaz de executar tarefas diárias rotineiras e estava procurando desesperadamente qualquer explicação acerca de qual poderia ser a fonte do seu problema.

Enquanto orávamos, o nome “Megan” surgiu em minha mente. [Altereí os nomes e alguns dos detalhes dos envolvidos nesta história]. A impressão inevitável em meu coração foi que aquela pessoa era a causa do problema e que, em seu envolvimento questionável com ela, de alguma maneira ela expusera aquele jovem a uma influência demoníaca.

Alguns momentos depois, ele começou a contar-me sua história. Ele se referiu várias vezes à sua namorada, mas não pelo nome, deixando óbvio que ela desempenhava um papel crucial em sua vida. Finalmente, perguntci a ele qual era o

nome dela. “Megan”, disse ele. Ficou claro que Megan, fortemente envolvida com o ocultismo, o seduzira e fizera com que ele vivesse um relacionamento imoral. O encontro ocorreu na casa da mãe dela, também imersa profundamente em práticas ocultistas. A partir dessa compreensão da importância de Megan, entendi que o Senhor estava dirigindo as minhas orações e assim eu poderia orar por ele com maior discernimento e de forma mais frutífera.

Cerca de trinta minutos depois, outro nome surgiu em minha mente, “Derek”, com tanta clareza quanto “Megan” tinha surgido. Dessa vez, porém, não senti que Derek fosse parte do problema, mas sim parte da solução. Diferente do que aconteceu anteriormente, não hesitei quanto a esse segundo nome.

— O nome “Derek” significa algo especial para você?
— perguntei.

Seus olhos arregalaram-se e seu rosto se iluminou.

— Oh, sim! Ele é meu melhor amigo, um homem mais velho que tem orado por mim durante toda esta confusão. Na verdade, estávamos a caminho da casa dele para pedir seu conselho quando paramos para conversar com você.

Essas duas palavras foram usadas por Deus para ajudar aquele jovem a lidar com seus problemas. Como deveríamos chamar essas manifestações? Alguns diriam que foi uma palavra de conhecimento (ver 1 Co 12.8) ou mesmo uma palavra de sabedoria, enquanto outros denominam tais fenômenos de “profecia”. Em duas ocasiões, Paulo referiu-se simplesmente a uma “revelação” que veio a um crente, sem relação com qualquer dom específico (ver 1 Co 14.6,26; em 1 Co 14.30, a “revelação” vem com a profecia). Será que existe o que poderíamos chamar de dons “de revelação” distintos dos três já mencionados? Em todo caso, como classificamos o que vivenciei ao orar por aquele jovem?

Precedentes bíblicos

O problema que enfrentamos ao definir e descrever esses dois dons do Espírito é simplesmente este: o único lugar em que eles são mencionados no Novo Testamento é 1 Coríntios 12.8, onde Paulo não fornece nem uma definição nem informações sobre como eles devem operar no Corpo de Cristo. Nada nos termos “palavra”, “sabedoria” e “conhecimento” nos dá qualquer visão teológica da maneira como eles estão sendo usados nessa passagem. Para isso, precisamos procurar em outro trecho de 1 Coríntios.

A consequência é que a maioria dos estudantes do Novo Testamento recorre a histórias bíblicas que eles acreditam serem exemplos desses dons em ação. O problema é que nenhuma dessas passagens menciona palavra de sabedoria ou palavra de conhecimento. Alguns exemplos bíblicos geralmente classificados como expressões desses dons incluem:

- **Mateus 9.1-8:** Aqui, Jesus é descrito como “conhecedor” dos “pensamentos” dos escribas, aos quais Ele repreende com grande autoridade.
- **Mateus 12.22-37:** Mais uma vez, Jesus, “conhecendo os seus pensamentos” (v. 25), disse uma palavra de repreensão e instrução.
- **Lucas 6.6-11:** Aqui é dito que Jesus “sabia o que eles estavam pensando” (v. 8).
- **Lucas 9.46-48:** Mais uma vez, diz-se de Jesus: “...conhecendo os seus [dos seus discípulos] pensamentos” (v. 47).

- **João 1.43-51:** Essa é a história do chamado de Natanael, na qual Jesus, sem tê-lo encontrado pessoalmente antes dessa ocasião, indicava conhecer seu caráter moral e descreveu tê-lo “visto” sentado debaixo de uma figueira.
- **João 4:** Aqui está o exemplo mais citado, no qual Jesus falou à mulher samaritana dos pecados secretos da vida dela.
- **Atos 5.1-11:** Parece que, de alguma maneira, mais provavelmente por revelação, Pedro obteve conhecimento sobre a atividade secreta e pecaminosa de Ananias e Safira, e proferiu uma palavra de julgamento adequada.
- **Atos 8.26-40:** O Espírito deu a Filipe instruções sobre o etíope. Isso foi um exemplo de palavra de conhecimento?
- **Atos 9.10-19:** Ananias recebeu “conhecimento” em uma visão de um homem chamado Saulo, recebendo orientação e instrução divinas do que dizer.
- **Atos 10:** As experiências reveladoras de Cornélio e Pedro foram exemplos de palavras de conhecimento?
- **Atos 13.1-3:** A palavra que veio à igreja de Antioquia sobre a missão de Paulo e Barnabé foi um exemplo desse dom?
- **Atos 13.6-12:** Paulo recebeu uma visão reveladora acerca das intenções do mágico Elimas e proferiu uma palavra de julgamento.
- **Atos 14.8-10:** Alguns sugerem que a visão reveladora de Paulo e sua palavra para o homem coxo foram uma palavra de conhecimento.

- **Atos 16.16-18:** Paulo recebeu uma visão reveladora a respeito do motivo pelo qual a garota escrava tinha aquela habilidade, e falou de acordo com o que lhe foi revelado. Foi esta uma palavra de conhecimento?

Esses são meros casos em que algo é revelado de forma mais genérica, como mencionado, ou são ocorrências do dom de profecia? Ou poderiam ser exemplos de palavra de sabedoria ou palavra de conhecimento? Mais uma vez, talvez eles sejam instâncias do dom de discernimento de espíritos. Eles poderiam ser expressões de uma atividade milagrosa que é uma combinação de alguns ou de todos esses eventos reveladores? Sem dúvida, cada um desses casos tem a revelação como parte de sua natureza. Isso significa dizer que Deus revelou uma informação que, de outra maneira, seria impossível ser obtida. Mas devemos afirmar que qualquer um desses incidentes é um exemplo de palavra de sabedoria ou palavra de conhecimento?

Sabedoria e conhecimento em Corinto

Podemos encontrar alguma ajuda retornando à Corinto do primeiro século e observando como as palavras “sabedoria” e “conhecimento” eram utilizadas entre os cristãos de lá. Aparentemente, o povo de Corinto foi influenciado por um gnosticismo^{*} incipiente que enfatizava a sabedoria e o conhecimento como as chaves para a verdadeira espiritualidade. O britânico James Dunn, estudioso do Novo Testamento, refere-se a esses dois termos como “*slogans* da facção adversária de Paulo em Corinto”.¹ Dunn argumenta que “é por isso que *gnosis* [conhecimento] é

^{*} Movimento religioso, de caráter sincrético e esotérico, desenvolvido nos primeiros séculos de nossa era à margem do Cristianismo institucionalizado, combinando misticismo e especulação filosófica. Fonte: Dicionário Houaiss 2009. (N. do T.)

recorrente nas cartas aos Coríntios e aparece apenas raramente em outro lugar, e os capítulos 1 a 3 de 1 Coríntios são tão dominados pela discussão de *sophia* [sabedoria].² Por incrível que pareça, era em nome da sabedoria que os coríntios rejeitavam Paulo e seu Evangelho.³

A palavra “sabedoria” pode ser usada no bom e no mau sentido. A má sabedoria é a habilidade retórica, a eloquência e o raciocínio natural utilizados para enfraquecer o Evangelho. A sabedoria mundana é a perspectiva da mente descrente que nada sabe sobre o reino do Espírito e considera absurda a ideia de um Messias crucificado. A sabedoria espiritual, no entanto, refere-se primariamente aos propósitos misteriosos de Deus, pelos quais Ele redime o seu povo por meio da loucura da Cruz (ver especialmente 1 Co 2.6-9).

Talvez a nossa interpretação do dom da “palavra de sabedoria” deva refletir a ênfase de Paulo na “mensagem” (palavra) de “sabedoria” em 1 Coríntios 3. Nesse caso, o foco não estaria na revelação de alguma verdade escondida acerca de uma pessoa, mas sim no propósito de Deus na história da redenção. Ou seja, a “palavra” revelada explicaria ou revelaria a “sabedoria” de Deus em trazer a salvação a um mundo perdido por meio da vida, morte e ressurreição de um carpinteiro de Nazaré. Ou ainda, palavra de sabedoria pode ser a capacidade de articular revelações acerca dos misteriosos propósitos salvíficos de Deus para a humanidade, tanto num plano global quanto aplicado a indivíduos, revelações essas capazes de transformar vidas.

O mesmo pode ser observado quanto à palavra “conhecimento”. Em 1 Coríntios 8.1-4,7,10, a palavra “conhecimento” aparece quatro vezes (ver também 1 Co 13.2,8). A “palavra de conhecimento” poderia, portanto, ser a capacidade delegada pelo Espírito para comunicar uma revelação das profundezas insondáveis da obra graciosa de Deus em Cristo.

Se for assim, pode ser que ao chegar a 1 Coríntios 12 Paulo tenha decidido reivindicar os termos “sabedoria” e “conhecimento” para um uso claramente cristão, aplicando-os de uma maneira que edificasse a Igreja. Dunn concorda e define a palavra de sabedoria como “alguma expressão carismática que traz revelação, alguma compreensão nova do plano de salvação de Deus ou dos benefícios que ele traz aos crentes”.⁴ Ele define palavra de conhecimento de maneira semelhante, com foco na ideia de revelação da natureza do mundo, tanto espiritual quanto natural, com referência especial ao relacionamento entre Deus e o homem. Uma palavra de conhecimento, diz Dunn, era simplesmente uma expressão oral inspirada que comunicava uma revelação das “realidades e relacionamentos cósmicos”.⁵ Ela poderia aproximar-se ainda mais da ideia de ensino inspirado, no qual uma revelação extraordinária do significado das Escrituras é concedida ao orador.

Se essas definições forem exatas, e não estou totalmente convencido de que elas sejam, talvez precisemos nos referir a essas revelações de detalhes, dados e segredos da vida de uma pessoa, não como palavra de conhecimento ou palavra de sabedoria, mas como profecia ou simplesmente revelação.

Palavras de revelação?

Mas há ainda outra questão: palavra de sabedoria e palavra de conhecimento são dons *de revelação*? Ou seja, a revelação, a iluminação ou o conhecimento vem do Espírito Santo de modo imediato e espontâneo, independentemente de meios naturais, ou é a conclusão lógica à qual qualquer cristão pode chegar por meio da observação e do estudo das Escrituras?

Antes de responder a essa pergunta, observe que Paulo não chama a sabedoria e o conhecimento de dons espirituais em si. Ele falou em palavra (*logos*) de sabedoria e palavra (*logos*)

de conhecimento. Como Dunn explica: “Para Paulo, sabedoria e conhecimento, como tais, não devem ser considerados carismas; somente o enunciado real que revela aos outros sabedoria ou conhecimento é um carisma.”⁶ Dunn quer estabelecer uma distinção entre a sabedoria e o conhecimento gerais, que todos os cristãos possuem ou podem possuir, e o dom da expressão de sabedoria e conhecimento, cujo alcance é restrito.

Pode muito bem ser que a palavra de sabedoria e a palavra de conhecimento não sejam de natureza revelatória.⁷ Todavia, devemos notar que o uso que Paulo faz da palavra “conhecimento” mais adiante em sua discussão sobre dons espirituais (ver 1 Co 13.2, 8-12; 14.6) parece apoiar a ideia de que esse dom é em sua natureza uma revelação, e essa mesma natureza é de caráter sobrenatural e espontâneo. Em 1 Coríntios 13.2, Paulo mencionou ter todo o conhecimento ao mesmo tempo em que falava sobre profecia e fé, ambas dons notoriamente sobrenaturais.

Mais uma vez, nos versículos 8 a 12, o conhecimento é relacionado a línguas e profecia, como uma argumentação sobre a continuação dos carismas até a segunda vinda de Cristo. Embora nenhuma referência seja feita à palavra de conhecimento, parece provável que o uso que Paulo faz da palavra “conhecimento” aponte para 1 Coríntios 12.8. Mencionamos em especial 1 Coríntios 14.6, onde a palavra “conhecimento” é colocada entre as palavras “revelação” e “profecia”. A impressão que tenho é que esse conhecimento é fruto de um evento revelador que, como indicado em 12.8, deve ser falado, como uma “palavra” ou “mensagem” de conhecimento, para a edificação da Igreja.

A compreensão habitual pentecostal, carismática, da terceira onda,^{*} sobre palavra de sabedoria e palavra de conhecimento é que elas se referem, respectivamente, à articulação de uma revelação

* A “terceira onda” do Pentecostalismo é o nome pelo qual ficou conhecido o movimento de renovação carismática dentro das principais denominações tradicionais. (N. do T.)

sabedoria) e o quê (conhecimento) da vida de uma pessoa. Portanto, de acordo com o que foi dito, a palavra de sabedoria se refere a instrução e a palavra de conhecimento se refere a informação. Mas, em vista do uso feito por Paulo dos termos “palavra”, “sabedoria” e “conhecimento” em outros versículos de 1 Coríntios, talvez precisemos ser mais cautelosos e menos dogmáticos na maneira como definimos esses dons. Diante do que observamos, como você classificaria ou descreveria os três exemplos a seguir?

Um Batista com dons

Considere este incidente do ministério de Charles Spurgeon, talvez o maior pregador do século dezenove — alguns diriam de *todos* os séculos. Certa vez, enquanto pregava no Exeter Hall, em Londres, ele interrompeu seu sermão e apontou em certa direção, declarando: “Jovem, as luvas que você está vestindo não foram pagas: você as furtou de seu empregador.”

Após o culto, um jovem visivelmente pálido e agitado aproximou-se de Spurgeon e pediu para falar-lhe em particular. Ele colocou um par de luvas sobre a mesa e disse: “Foi a primeira vez que furtei meu patrão e nunca farei isso de novo. O senhor não irá me expor, não é? Minha mãe morreria se ouvisse que eu me tornei um ladrão.” Spurgeon não poderia ter acesso àquela informação a respeito do jovem lendo a Bíblia. Não se pode negar que aquilo foi espontâneo, sobrenatural e uma revelação notória.⁸

“Caminha com Tosse”

Não é incomum um dom de curar ser transmitido em conjunto com a operação de um dom de revelação, seja o segundo uma palavra de conhecimento ou profecia. Uma jovem que participava

de uma de nossas conferências na igreja estava frustrada por seu estado asmático ser muito grave, a ponto de impedi-la de cantar durante o culto sem usar um inalador. Na sexta-feira, ela clamou a Deus pela cura de seu mal, mas não falou de sua doença a ninguém da conferência.

Ela sofria de asma desde os doze anos de idade, mas quando chegou aos dezessete, a doença agravou-se perceptivelmente. Foi então que ela começou a ter bronquite crônica, sofrendo com isso de oito a nove meses por ano e tendo episódios repetidos de pneumonia. Ela tossia quase constantemente, o que acabava obrigando-a utilizar esteroides e antibióticos ao longo de meses. Sua condição era tão grave que ela era incapaz de subir um lance de escadas sem usar o inalador. Aproveitando a inspiração do filme *Dança com Lobos*, o marido apelidou-a carinhosamente de “Caminha com Tosse”.

Ela deu à luz um filho e logo descobriu que ele também sofria de asma. Quando o menino tinha dois anos de idade, seu pulmão esquerdo entrou em colapso. Em pouco tempo, ele estava sendo tratado com altas doses de esteroides e quatro nebulizações por dia, bem como vários antibióticos.

No encerramento da conferência, na manhã do domingo, dois dias depois daquela oração desesperada, um homem foi ao microfone e disse:

Há uma senhora aqui hoje, cujo nome eu não sei, mas o Senhor me disse que você tem cabelo escuro [os cabelos dela eram escuros]. Ele também disse que quando você tinha dezessete anos ficou muito doente, o que agravou seus problemas respiratórios crônicos. Eu gostaria de orar por você. Pode ser que o Senhor a cure hoje.

Depois de hesitar por um instante, ela foi à frente e se identificou. Ela também pediu que orassem por seu filho de quatro

anos. Ela foi curada instantaneamente quando o homem e sua esposa oraram por ela. Nos cinco anos decorridos desde aquele dia, ela não teve crises de asma ou pneumonia. Seu filho não necessitou de esteroides, nem dos tratamentos respiratórios que haviam feito parte de sua vida diária.

Uma vida incrível

Minha amiga Nancy enfrentou sofrimentos inacreditáveis em sua vida, mas continua forte no Senhor. Contudo, até mesmo os fortes precisam de incentivo de vez em quando. Em uma conferência em 1998, eu estava sentado ao lado de Nancy quando ela recebeu uma palavra profética que se mostraria incrivelmente encorajadora e reconfortante. Embora o pastor não a conhecesse, ele pediu que ela se levantasse: “Nancy, eu vi os ventos de março soprando. Março é um mês especial para você. O Senhor vai abençoá-la e lhe dar o espírito de Natã.”

Esse é um exemplo excelente de como uma revelação pode vir com precisão a alguém que, todavia, não tem certeza de sua interpretação. Quando o pastor discerniu o Espírito falando o nome “Natã”, achou que tinha algo a ver com o profeta do Antigo Testamento que confrontou Davi. O que ele não sabia, até lhe contarmos mais tarde naquele dia, é que Nathan era o nome do filho de Nancy, morto em um trágico acidente de automóvel.

No dia seguinte, o pastor chamou Nancy novamente e lhe pediu para ficar em pé. “Eu vi esse jovem precioso que foi tirado de você. O Senhor disse: ‘Eu o dei a ela na primavera e o levei no meio do ano’. Eu o vislumbro [Nathan] em pé diante do Senhor e ele parece ter trinta e três anos. É assim que ele se parece agora. Isso não é uma doutrina”, ele teve o cuidado de acrescentar, “mas sua idade aparente neste momento”.

Eis o significado do que foi dito. Março é realmente muito especial para Nancy. Seu aniversário é em 10 de março e seu marido morreu em 4 de março de 1983. O Senhor revelara que Nathan fora “dado” a Nancy na “primavera”. O aniversário de Nathan é 21 de abril [primavera no hemisfério norte]! “Levei-o no meio do ano”, disse o Senhor. Nathan morreu em 4 de junho de 1983, apenas três meses após a morte do marido de Nancy.

Como seria o caso de qualquer mãe devastada pela perda de um filho, Nancy muitas vezes se perguntava se Nathan conhecera verdadeiramente a Jesus antes de sua morte. Segundo essa palavra de encorajamento, ele o conheceu. Como forma de confirmar isso, o Senhor indicou que nesse dia, em 1998, Nathan parecia ter “trinta e três anos”. Faça as contas. Nathan tinha dezoito anos em 1983 e, se estivesse vivo, teria exatamente trinta e três anos quando essa palavra foi dita.

Sei que existem céticos que questionarão esse incidente imediatamente. “Como saberemos se esse pastor não investigou o passado da mulher e descobriu informações que, mais tarde, transmitiu como revelação?” Talvez seja pedir demais dizer que você pode confiar em mim quanto a isso. Mas, para aqueles que simplesmente não conseguem — ou não querem — acreditar que Deus ainda falamos dias de hoje, nenhum testemunho será suficiente.

Para os demais, a pergunta ainda permanece: como podemos classificar essas experiências? Analisamos cada um dos exemplos e perguntamos: foi uma palavra de sabedoria, uma palavra de conhecimento ou uma profecia? Talvez nunca saibamos. Talvez não precisemos saber. O que é importante sabermos, porém, é que Deus ainda fala, e Ele o faz para benefício, bênção e encorajamento de seus filhos. Que a nossa oração seja: “Fala, Senhor, pois o teu servo está ouvindo!”

Você compreendeu?

1. Examine os textos bíblicos citados neste capítulo como possíveis casos de palavra de conhecimento e palavra de sabedoria. Quais deles você pensa que se qualificam e por quê?
2. Que evidências existem de que esses dois dons são em sua natureza dons de revelação? Ou seja, por que deveríamos pensar que Deus está realmente falando a nós e aos outros por meio desses dons?
3. Faça uma pausa e reflita sobre suas experiências passadas, e identifique o maior número possível de casos em que você ficou convencido de que Deus estava revelando algo a você em favor de outro cristão.
4. Identifique várias maneiras por meio das quais Deus poderia decidir revelar algo a um crente a fim de ser transmitido a outro crente em uma palavra de conhecimento ou de sabedoria. Você é capaz de encontrar um exemplo ou precedente bíblico para cada maneira?

Fé e cura

O que chamamos de dom de cura não existe. Nunca existiu. Mas espere, não entre em pânico! Deixe-me explicar melhor o que quero dizer. Você não se decepcionará.

Providência profética

Minhas expectativas sobre a cura divina foram impactadas radicalmente por aquilo que eu chamo um ato de *providência profética*. Eu pastoreava em Ardmore, Oklahoma, nos Estados Unidos, e ainda tinha algumas dúvidas a respeito da realidade do dom de cura nos dias de hoje. Era sexta-feira, 26 de outubro de 1990, e eu estava ocupado preparando o sermão de domingo. Eu vinha pregando com base no livro de Atos e chegara à história do parálítico no capítulo 3. Ali estava um homem de quarenta anos, paralisado desde o ventre, que foi curado por intermédio do ministério de Pedro e João. Minha preparação do sermão não ia muito bem. Encontrava-me literalmente no meio de uma frase, escrevendo as palavras que logo falaria à minha congregação, palavras que negavam — ou pelo menos lançavam uma grande sombra de dúvida

— a possibilidade de Deus poder curar alguém dessa maneira nos dias de hoje. Então, alguém bateu à porta.

Minha secretária entrou com a correspondência do dia. Fiquei um pouco surpreso porque o correio não costumava chegar senão bem depois da uma da tarde. Eram pouco mais de onze da manhã. Por alguma razão, deixei a caneta de lado e abri a única carta que chegara naquele dia. Era de uma senhora idosa do País de Gales! Eu certamente não conhecia ninguém do País de Gales. Nunca estivera no País de Gales. Mas alguém enviara a essa senhora uma cópia do livro que eu escrevera argumentando contra a cura. Não me orgulho desse livro. (Felizmente, está esgotado.)

A carta era curta e objetiva. De modo gentil, ela apoiava um pouco do que lera em meu livro, mas depois sugeria humildemente acreditar que Deus iria responder com poder às nossas orações por cura. Após ler a carta, notei algo mais no envelope. Era um testemunho, escrito por uma senhora chamada Margery Steven. Em 1955, ela foi acometida por um caso extremamente grave de esclerose múltipla. Ela precisava de ajuda para se sentar na cadeira de rodas e também para se levantar dela, pois suas pernas haviam tornado-se totalmente inúteis. Correias eram usadas para impedi-la de cair da cadeira. Seu braço esquerdo estava inutilizado por completo, o olho esquerdo havia fechado e praticamente desaparecera a visão do olho direito. Muitas vezes, ela perdia a consciência durante horas a fio.

Cinco anos após o início da doença, em 4 de fevereiro de 1960, Margery teve um sonho poderoso no meio da noite. Ela se viu sentada em uma cadeira ao lado de sua cama, completamente curada. Ao acordar, ouviu uma voz que acreditava ser de Jesus encher o quarto. Ele disse: “Espere um pouco mais.” Entretanto, ela pareceu apenas piorar desde aquele dia. Com o tempo, sua fala ficou tão prejudicada que era quase impossível entender uma

palavra do que ela dizia. Talvez seja melhor eu deixar você ler nas palavras de Margery o que aconteceu depois:

Na segunda-feira, 4 de julho, exatamente cinco meses após Deus ter falado comigo, meu Senhor me curou, na mesma cadeira com a qual eu sonhara! Eu disse adeus ao meu marido às 5h55m daquela manhã de segunda-feira, pois era uma mulher sem perspectiva. Às 6h15m, minha mãe deu-me uma xícara de chá. Às 6h20m, meu pai e minha mãe levantaram-me da minha cama, prenderam-me à cadeira ao lado, colocaram um sino na minha mão boa para que eu pedisse ajuda se necessário, e me deixaram sozinha. Minha mãe foi buscar água para lavar-me e meu pai foi pegar uma toalha no andar de cima. Então, em questão de segundos, quando eu estava totalmente só, meu Senhor Jesus me curou! Senti um clarão quente passar sobre o meu corpo. Meu pé esquerdo, que estava dobrado para cima, foi estendido; meu pé direito, cujos dedos apontavam para o calcanhar, voltaram à posição normal. Segurei a maçaneta da porta do quarto, que estava ao meu lado, desatei as cintas que envolviam meu corpo e disse: “Pela fé, ficarei em pé”, e foi o que fiz.

Com isso, pensei em minha mãe e no choque que seria para ela se, ao voltar, encontrasse sua filha em pé depois de tantos anos, então sentei-me e chamei por ela. Meus pais vieram correndo ao meu quarto, pensando que eu precisava deles. Eu disse: “Mãe, querida, pegue minhas mãos. Por favor, não tenha medo, algo maravilhoso aconteceu.” Estendi meu braço direito e, ao fazê-lo, meu braço esquerdo saiu de trás de mim e se juntou ao outro! Foi tão maravilhoso, poucos minutos depois, descobrir que eu podia usar meu anel de casamento, o que eu não fora capaz de fazer durante anos, pois os dedos daquela mão estavam muito finos.

Minha mãe disse: “Querida, que maravilhoso, sua mão está quente e está boa novamente.” Eu disse: “Mãe, querida, é mais maravilhoso do que isso. Eu posso ficar em pé.” Segurando suas mãos, fiquei mais uma vez sobre os meus dois pés. Então, afastei delicadamente meus pais para um lado, e disse: “Queridos, eu não preciso mais da sua ajuda. Estou andando com Deus.” Então, sem ajuda, saí andando do meu quarto, atravessei a pequena sala de jantar e cheguei à cozinha, com meus pais me seguindo em silêncio. Quando cheguei à cozinha, virei-me e voltei à sala de jantar e, tirando meus óculos, disse: “Mãe, eu posso confiar em Deus para curar minhas mãos e meus pés. Posso confiar que Ele cura a minha visão.” Com isso, de repente, meu olho esquerdo abriu-se e minha visão foi totalmente restaurada! Na verdade, Jesus fez um trabalho tão perfeito que não preciso mais dos óculos que usava antes de adoecer, e agora escrevo dezenas de cartas por dia! A Ele seja toda a glória!

A senhora galesa que me enviou esse testemunho informou-me em sua carta que Margery Steven ainda estava viva e bem, trinta anos após sua cura.

Sentei-me à escrivaninha, bastante atordoado. Não poderia ter sido mera coincidência. Na providência maravilhosa de Deus, alguém enviara meu livro a essa senhora no momento certo para que ela pudesse enviar a mim, no momento certo, uma cópia desse testemunho. Quando a carta chegou, eu estava simplesmente escrevendo as palavras que minariam a fé das pessoas no fato de que Deus está disposto a curar hoje! E ela não foi enviada por alguém de minha própria igreja, que sabia o que eu estava pregando, ou até mesmo por alguém dos Estados Unidos, mas por uma pessoa do País de Gales, que eu nunca conhecera!

Tento não ver nos eventos um significado maior do que eles possuem, mas ninguém conseguirá me convencer de que aquele

foi nada menos do que o tempo providencial de um Deus determinado a colocar um pouco de juízo na cabeça de um pregador e um pouco de paixão em seu coração. Funcionou.

O dom da fé

Antes de dizer mais alguma coisa sobre cura, são necessárias algumas palavras sobre o dom da fé. Embora o Novo Testamento tenha muito a dizer a respeito da fé em geral, ele não se refere explicitamente ao *charisma* ou dom da fé em outra passagem além de 1 Coríntios 12. Portanto, a melhor maneira de identificar e definir a natureza desse dom é examinar brevemente como a fé é retratada em outras passagens. De um modo geral, o Novo Testamento menciona três tipos de fé ou, melhor ainda, três *contextos* ou *circunstâncias* distintos em que a fé é exercida. Embora não seja minha originalmente, vou usar uma terminologia que muitos consideram útil e que distingue a *fé de conversão*, a *fé contínua* e a *fé carismática*.

Fé de conversão é a fé por meio da qual nós somos justificados. Essa é a fé identificada na Bíblia como a confiança ou crença no sacrifício expiatório de Cristo, que ocorre no momento da conversão. Essa é a fé a que Paulo se referiu em Efésios 2.8,9: “Pois vocês são salvos pela graça, por meio da fé, e isto não vem de vocês, é dom de Deus; não por obras, para que ninguém se glorie” (ver também Rm 1.16,17; 3.28; 5.1). Diferentemente do carisma da fé, restrito aos crentes a quem o Espírito quer dá-lo (ver 1 Co 12.11), todo cristão tem esse tipo de fé.

Fé contínua é a fé que exercemos diariamente, ao olharmos para Deus com a confiança de que Ele pode fazer em e por meio das nossas vidas tudo o que prometeu fazer. Essa fé é um dos frutos do Espírito (ver Gl 5.22). Essa é a fé de Hebreus 11 (compare com 1 Pe 1.8 e outros). Todos os crentes têm essa fé,

mas em diferentes graus de intensidade. Alguns confiam mais, outros menos, na bondade e grandeza de Deus ao longo do curso da vida diária.

Fé carismática é a fé que parece ser espontânea e se manifesta como uma condição dada divinamente, da qual dependem as atividades sobrenaturais mais visíveis de Deus. Ela é observada em vários textos. Este, creio eu, é o “dom da fé” de 1 Coríntios 12.9. Considere estes possíveis exemplos do dom da fé:

Respondeu Jesus: “Tenham fé em Deus. Eu lhes asseguro que se alguém disser a este monte: ‘Levante-se e atire-se no mar’, e não duvidar em seu coração, mas crer que acontecerá o que diz, assim lhe será feito. Portanto, eu lhes digo: Tudo o que vocês pedirem em oração, creiam que já o receberam, e assim lhes sucederá” (Mc 11.22-24; ver também Mt 17.20,21; 21.21,22).

Ainda que eu tenha o dom de profecia e saiba todos os mistérios e todo o conhecimento, e tenha uma fé capaz de mover montanhas, se não tiver amor, nada serei (1 Co 13.2).

A oração feita com fé curará o doente; o Senhor o levantará. E se houver cometido pecados, ele será perdoado (Tg 5.15).

A fé carismática ou o dom da fé, assim como os outros carismas, não é dada a todos os membros do Corpo de Cristo. Todavia, parece que qualquer membro do Corpo de Cristo é um candidato em potencial para experimentar essa manifestação do Espírito. Presume-se que o dom da fé deve ser considerado, mais do que a maioria dos outros dons do Espírito, ocasional ou espontâneo, em vez de permanente ou residente.

Essa é uma fé especial que “capacita um crente a confiar que Deus fará algumas coisas para as quais ele ou ela não pode

reivindicar uma promessa divina registrada nas Escrituras, ou algum estado de coisas fundamentado na própria estrutura do Evangelho”.¹ Em outras palavras, ela é a “capacidade dada por Deus, sem fingimento ou exortações banais, de crer naquilo em que você realmente não acredita, de confiar em Deus para determinada bênção não prometida na Bíblia”.²

O dom da fé é aquele ímpeto de confiança misterioso que nasce dentro de uma pessoa em determinada situação de necessidade ou desafio, dando-lhe uma certeza e uma confiança extraordinárias de que Deus está prestes a se manifestar por meio de uma palavra ou ação.

Unindo fé e cura

Acredito que existe uma ligação estreita entre dons de curar — assim como o dom de milagres — e o dom da fé, que os precede imediatamente na lista de carismas de Paulo.

O papel da fé na cura é crucial e se manifesta de várias maneiras. Ocasionalmente, a fé da pessoa necessitada de cura é instrumental (ver Mt 9.22), enquanto em outros momentos é a fé de um amigo ou membro da família que serve de instrumento (ver Mt 15.28; Mc 2.5,11). Às vezes, o foco está na fé da pessoa que ora por aquele que precisa de cura (Mc 9.17-24) e, em certas ocasiões, aparentemente a fé não desempenha qualquer papel na cura (ver Jo 5.1-9; na verdade, no evangelho de João, a fé nunca é mencionada como condição para a cura; ver também Mt 8.14). O ponto é que, em algumas ocasiões, Deus cura simplesmente por um ato soberano da sua vontade e não relacionado a algo em nós. Na grande maioria dos casos, porém, Jesus curava as pessoas devido à fé de alguém.

No caso de Jairo e da mulher que sofria de hemorragia (ver Mc 5), a fé foi direcionada a Jesus como uma expressão de necessidade.

Novamente, em Lucas 17.11-19, Jesus curou dez leprosos. Quando um deles voltou para agradecer, Jesus disse: "A sua fé o salvou" (v. 19). Quando Bartimeu pediu a Jesus para curá-lo de sua cegueira, Jesus disse: "Vá, a sua fé o curou" (Mc 10.52). Na história famosa do paralítico baixado pelo telhado, Jesus curou o homem quando viu que os amigos dele tinham fé (ver Mc 2.5).

Cinco tipos de fé para cura

Acredito que a fé para a cura opera em qualquer um dos cinco níveis. Em primeiro lugar, há a fé de que Deus é a sua única fonte de bênção, que Ele é a sua esperança, somente Ele (ver Sl 33.18-22; 147.10,11). Por que Jesus enfatizava a fé? Afinal, nem Ele nem seu Pai precisam dela. Eles poderiam ter orquestrado a vida de tal forma que algo diferente da fé fosse a condição para que curassem. Eles não enfrentam dificuldades ou empecilhos pela falta de fé ou de oração da pessoa doente ou daqueles que oram por cura. Contudo, a razão é esta: a fé glorifica a Deus. A fé tira o foco de nós mesmos e aponta na direção dele. A fé desvia nosso olhar dos nossos recursos e poder para os dele. A fé diz: "Senhor, eu não sou nada e tu és tudo. Entrego-me ao teu cuidado. Apego-me a ti somente. Minha confiança está em tua palavra e caráter, não importa o que aconteça."

A fé não é uma arma pela qual exigimos coisas de Deus ou o colocamos em sujeição a nós. A fé é um ato de abnegação. É uma renúncia da sua capacidade de fazer qualquer coisa, e uma confissão de que Deus pode fazer tudo. O poder da fé deriva não da energia espiritual da pessoa que crê, mas da eficácia sobrenatural do objeto de crença — Deus! Não é o ato de fé, mas seu objeto que é responsável por aquilo que é milagroso.

Em segundo lugar, existe fé na capacidade de Deus para curar. Jesus teve prazer especial em curar aqueles que confiaram

em seu poder, pessoas que estavam abertas e receptivas ao seu poder de realizar uma obra poderosa. Em Mateus 9.28,29, Jesus apenas perguntou aos dois cegos se eles criam que Ele era capaz de curá-los. Ele queria descobrir o que eles pensavam sobre Ele, se confiavam ou não em sua capacidade. “Sim, Senhor”, foi a resposta. Jesus replicou: “Que lhes seja feito segundo a fé que vocês têm!” (v. 29) e eles foram curados imediatamente. Jesus considerou como “fé” a confiança deles no seu poder para ajudá-los e tratou deles de modo misericordioso com base nisso.

“Jesus, eu creio que tu és capaz de me curar” é o tipo de fé que agrada a Ele. Quase consigo ouvir Jesus dizer: “Sim! Eu estava esperando ouvir isso de você. É importante para mim que você realmente acredite que sou capaz de curá-lo.” O leproso de Mateus 8.2 disse a Jesus: “Senhor, se quiseses, podes purificar-me.” O leproso não questionou a capacidade de Cristo. Ele confiou nela totalmente, mas teve dúvidas da disposição de Jesus para fazê-lo. Mas Jesus não o repreendeu por tais dúvidas, como se fossem uma falha em sua fé que pudesse comprometer a sua cura. Ele o curou por causa da confiança do leproso em que Ele podia fazê-lo.

Como já indicamos, a mulher com hemorragia foi curada ao simplesmente tocar as vestes de Jesus. “A sua fé a curou” (Mc 5.34), disse Jesus. Em outras palavras, “O que me agrada, e ao que respondo, é a sua simples confiança na minha capacidade de fazer diferença na sua vida”.

Em terceiro lugar, existe a fé no coração de Deus inclinado a curar. Essa é a fé na bondade de Deus e em seu desejo de abençoar os seus filhos (ver Sl 103; Lc 11.11-13). Essa é a fé, crença ou confiança de que o caráter de Deus é construir, não destruir; trazer unidade, não divisão; criar integridade e plenitude, não desintegração e desordem. Todas as vezes que Jesus curou, nós pudemos ter um vislumbre do seu coração. A cura é uma janela para a alma do nosso Salvador, ela revela a profundidade do seu

cuidado e da sua compaixão para com as pessoas. As pessoas iam a Jesus em busca de cura porque sabiam que encontrariam nele alguém que entenderia sua dor, sua frustração, sua tristeza, sua confusão. A cura fluía do encontro pessoal dessas pessoas com alguém amoroso e carinhoso. Jesus expressava preocupação por elas, compaixão e poder.

Em quarto lugar, existe a fé não simplesmente no fato de que Deus pode curar, não apenas no fato de que Deus se deleita em curar, mas a fé em que Deus de fato cura. Essa é a fé que acredita que a cura faz parte do propósito e do plano de Deus para o seu povo hoje. Você pode crer que Deus é capaz de curar e que Ele tem prazer em fazê-lo, e mesmo assim não acreditar que a cura é para a Igreja nos dias de hoje. Por exemplo, creio que Deus é capaz de fazer maná cair do céu para alimentar o seu povo. Creio que Deus se deleita em fornecer alimento para o seu povo; Ele não quer que seu povo passe fome ou morra de fome. Mas não tenho fé em que Deus pretende, de fato, enviar maná do céu como um meio de prover as nossas necessidades físicas. Portanto, não vou passar tempo orando para que Ele o faça.

Em quinto e último lugar, existe a fé de que é a vontade do Senhor curar naquele exato momento. Falo aqui da certeza psicológica de que a cura é o que Deus fará, de fato, no momento exato. Isso é provavelmente mais do que Paulo tinha em mente quando falou sobre o dom da fé em 1 Coríntios 12.9. Também pode ser aquilo a que Tiago se referiu como "... a oração feita com fé" (Tg 5.15).

A oração de fé não é aquela que fazemos sempre que queremos. Ela é uma oração singular, imbuída divinamente de poder apenas nas ocasiões em que o propósito soberano de Deus é transmitir um dom de cura. Tiago teve o cuidado de colocar o artigo definido "a" antes de oração e fé (daí, "a oração feita com fé"). Alguém faz essa oração somente quando impelido pela convicção,

moldada pelo Espírito, de que Deus tem a intenção de curar a pessoa por quem a oração está sendo feita. Isso é mais do que meramente crer que Deus é capaz de curar; parece ser a fé no fato de que Ele, nesse caso específico, não só está disposto a curar, mas também está disposto a curar naquele exato momento. Deus concede essa fé necessária para a cura de modo soberano, somente quando Ele quer. Quando Deus decide curar, Ele produz no coração das pessoas que estão orando a fé ou confiança de que a cura é precisamente a sua intenção. O tipo específico de fé a que Tiago se refere, em resposta à qual Deus cura, não é o tipo que possamos exercer segundo a nossa vontade. É o tipo de fé que exercitamos somente quando Deus quer.

Certo domingo, um casal veio falar comigo antes do culto e pediu que os presbíteros da nossa igreja ungissem seu filho recém-nascido e orassem por sua cura. Após o culto, nós nos reunimos na sala dos fundos e eu o ungi com óleo. Ele tinha apenas duas semanas de idade e tinha sido diagnosticado com uma doença grave no fígado que poderia exigir cirurgia imediata, talvez até mesmo um transplante, se algo não mudasse.

Quando oramos, algo muito incomum aconteceu. Ao impormos as mãos sobre aquela criança, vi-me repentinamente cheio de uma confiança avassaladora e inevitável de que ela seria curada. Foi algo totalmente inesperado. Não querendo ser presunçoso, tentei duvidar, mas não consegui. Orei com confiança, cheio de uma fé inabalável e inegável. Eu disse silenciosamente a Deus: *Senhor, realmente Tu irás curá-lo*. Embora a família tivesse saído da sala com incerteza, eu estava absolutamente certo de que Deus o curara. Na manhã seguinte, o médico concordou. O bebê estava totalmente curado e hoje é um jovem feliz e saudável. (Você pode ler o relato de sua mãe sobre o fato no fim deste capítulo.)

Se esse foi um exemplo do dom da fé operando em conjunto com um dom de cura, não há nenhuma razão para pensar que se

eu tivesse orado por outro menino enfermo naquele dia, ele teria necessariamente sido curado. O fato de eu ter recebido um dom de cura nessa ocasião não garante que eu poderia orar com igual sucesso em outra ocasião.

Deixe-me fazer três comentários adicionais sobre essa passagem de Tiago 5. Primeiro, Tiago estabeleceu vários pontos-chave sobre o relacionamento entre doença e pecado no versículo 15. Ele escreveu: “A oração feita com fé curará o doente; o Senhor o levantará. E *se* [o doente] houver cometido pecados, ele será perdoado” (v. 15; grifo do autor). Tiago está em harmonia com Jesus (ver Jo 9.1-3) e Paulo (ver 2 Co 12.1-10) no tocante ao fato de que nem toda doença é resultado direto de pecado. Às vezes é (ver 1 Co 11.27-30; Mc 2.1-12), mas nem sempre. O “se” no versículo 15 não tem o objetivo de sugerir que a pessoa que está doente pode nunca ter pecado. O significado é que, se Deus a curar em resposta à oração, isso indica que qualquer pecado do enfermo que possa ter sido responsável por essa doença específica foi perdoado. Em outras palavras, se o pecado fosse responsável pela doença, o fato de Deus tê-lo curado fisicamente seria uma evidência de que Deus o perdoara espiritualmente.

Segundo, o pecado que Tiago tinha em mente pode ter sido o de amargura, ressentimento, inveja, raiva ou rancor em nossos relacionamentos uns com os outros, ou podemos conceber qualquer pecado que possamos ter cometido contra Deus. Por isso, Tiago nos aconselhou: “... confessem os seus pecados uns aos outros” (Tg 5.16). Provavelmente, ele tinha em mente confessar à pessoa contra quem você pecou ou confessar a outro crente as suas transgressões ou violações mais gerais das leis bíblicas. O que isso nos diz é que Deus decidiu atrelar a misericórdia que traz cura ao arrependimento do seu povo. Quando a ferida não é curada, isso pode ser resultado de teimosia e insensibilidade espiritual, muito mais do que porque “Deus não faz mais esse tipo de coisa”.

Finalmente, devemos observar cuidadosamente o exemplo de Elias (ver Tg 5.17,18). Os cessacionistas argumentam que os milagres bíblicos foram agrupados ou concentrados em apenas três períodos principais da História: os dias de Moisés e Josué, o tempo de Elias e Eliseu, e o tempo de Cristo e dos apóstolos. O ponto central desse argumento é que Elias e Eliseu, por exemplo, eram indivíduos especiais, extraordinários e únicos, que não podem servir como modelos para nós quando oramos.³

Mas Tiago disse precisamente o contrário! O que é dito nos versículos 17 e 18 contraria o argumento de que Elias era singular de alguma maneira, ou que devido ao período em que viveu ele podia orar com sucesso milagroso, mas nós não. Tiago queria que seus leitores soubessem que Elias era exatamente como você e eu. Ele era um ser humano com fraquezas, medos, dúvidas, falhas — não menos do que nós. Em outras palavras, Tiago disse: “Não deixem alguém lhes dizer que Elias pertencia a uma categoria singular. Não era assim. Ele era exatamente igual a vocês. Vocês são exatamente iguais a ele. Portanto, orem como ele orou!”

Não se esqueça do contexto: Tiago recorreu ao exemplo de Elias para nos encorajar ao orarmos pelo enfermo! A questão é que devemos orar por cura milagrosa com a mesma fé e esperança de Elias ao orar pelo fim de uma seca de três anos.

O (?) dom de curar

Isso nos leva de volta à minha afirmação anterior, de que não existe algo como o dom de curar. Disse isso tanto pela maneira como Paulo descreveu esse fenômeno espiritual, quanto pelos equívocos que o rodeiam. O ponto importante acerca de 1 Coríntios 12.9,28 é que tanto *dom* quanto *cura* estão no plural e não têm o artigo definido, daí a tradução: “dons de curar”. Evidentemente, Paulo não entendia que uma pessoa teria um dom de cura operante em todos

os momentos para todas as doenças. A linguagem que ele utiliza sugere muitos dons ou poderes de cura diferentes, cada qual apropriado e eficaz a uma doença correlacionada, ou cada ocorrência de cura constituindo um dom diferente em si mesmo.

Em ocasiões numerosas, tive a oportunidade de encontrar pessoas que têm o que parece uma unção de cura para determinado sofrimento. Algumas são capazes de orar de forma mais eficaz para aqueles com problemas nas costas, enquanto outras têm mais sucesso ao orar por enxaquecas. Isso pode ser o que Paulo tinha em mente ao falar sobre “dons de curar”.

Um dos obstáculos principais para uma compreensão adequada da cura é a pressuposição errônea de que, se alguém puder curar, sempre poderá curar. Contudo, em vista da doença persistente de Epafrodito (ver Fp 2.25-30), Timóteo (ver 1 Tm 5.23), Trófimo (ver 2 Tm 4.20) e, talvez, do próprio Paulo (ver 2 Co 12.7-10; Gl 4.13), é melhor entender esse dom como sujeito à vontade de Deus, não à vontade das pessoas. Portanto, uma pessoa pode ser dotada para curar muitas pessoas, mas não todas. Outra pode ser dotada para curar somente uma pessoa em determinado momento de uma enfermidade específica.

Quando lhes pedem para orar pelos enfermos, muitas vezes as pessoas respondem: “Não posso. Não tenho o dom de curar.” Contudo, se a minha leitura de Paulo estiver correta, não existe algo como o dom de curar, principalmente se ele for entendido como uma capacidade concedida por Deus para curar todos de todas as doenças em todas as ocasiões. Ao contrário, o Espírito distribui soberanamente um carisma de curar para uma ocasião específica, mesmo que orações anteriores por restauração física em circunstâncias semelhantes possam não ter sido atendidas, e mesmo que orações subsequentes para o mesmo sofrimento não sejam respondidas. Em suma, os “dons de curar” são ocasionais e sujeitos aos propósitos soberanos de Deus.

Poucos duvidam de que Paulo tinha um dom de curar, mas suas orações por Epafrodito não foram respondidas, pelo menos não inicialmente (ver Fp 2.25-30). Claramente, Paulo não podia curar segundo a sua vontade. Com a exceção de Jesus, ninguém mais poderia! E há dúvidas de que até mesmo Jesus pudesse fazê-lo (ver Jo 5.19; Mc 6.5,6). Devido ao fracasso de Paulo em curar seu amigo, alguns concluiriam que o dom de curar estava chegando ao fim nessa conjuntura da vida da Igreja — a despeito do fato de Paulo ter curado todos os da ilha de Malta que o procuraram no fim de seu ministério, registrado em Atos 28.9.

Parece melhor concluir que a cura, quando e onde quer que tenha ocorrido, esteve sujeita não à vontade do homem, mas à vontade de Deus. Ninguém, nem mesmo Paulo, podia curar todas as doenças sempre. Paulo compreendeu a natureza ocasional dos dons de curar. Se ele estivesse angustiado por Epafrodito estar doente à beira da morte e por, inicialmente, suas orações terem sido ineficazes, duvido seriamente que o apóstolo teria chegado às mesmas conclusões que as dos cessacionistas modernos.

O fato de a cura ser uma expressão da misericórdia divina (ver Fp 2.27) significa que ela nunca deve ser vista como um direito. A cura não é o pagamento de uma dívida. Deus não nos deve uma cura. Nós não merecemos cura. Acredito que devemos ter fé para a cura, mas há uma enorme diferença entre a fé na misericórdia divina e a presunção com base em um suposto direito.

A palavra “misericórdia” é a mesma usada nos evangelhos para descrever porque Jesus curou pessoas enquanto estava na terra. O motivo de Deus para a cura não mudou! A razão primária pela qual Deus curou por meio de Jesus antes do Pentecostes era Ele ser um Deus compassivo e misericordioso. E a razão primária para Deus continuar a curar depois do Pentecostes é Ele ser um Deus compassivo e misericordioso. Depois do

Pentecostes, Deus não é menos misericordioso, menos compassivo, menos cuidadoso quanto à condição física do seu povo do que era antes do Pentecostes.

Mais do que um espírito

Uma das razões pela quais hoje alguns membros da Igreja desprezam a cura é o fato de negligenciarem o corpo físico. Eles acreditam que é equivocado focar a saúde e o bem-estar do corpo — pelo menos a ponto de orar regularmente por cura. Para eles, nossa atenção será mais espiritual ao focarmos na condição em que se encontram nossas almas. Isso não é muito mais do que uma versão moderna do antigo gnosticismo.

Dentre as muitas crenças do gnosticismo antigo estava a de que o corpo físico não era criação de Deus. Ele era considerado mau, como todo tipo de matéria. Eles acreditavam que o corpo é uma prisão temporária da alma, da qual todos nós seremos libertos na morte. Como resultado dessa crença, os gnósticos tendiam a um de dois extremos: alguns eram inclinados a privar o corpo, puni-lo, tratá-lo duramente por meio de disciplinas ascéticas como jejum prolongado e autoflagelação, enquanto outros iam para o extremo oposto, entregando o corpo a todas as formas de prazer sensual, como o sexo promíscuo e o excesso de alimentos e bebidas.

No entanto, a visão bíblica do corpo é bastante positiva. Deus nos criou como seres físicos. Nós somos materiais e imateriais (ver Gn 2.7). A importância do corpo é vista no fato de o sangue de Cristo ter redimido nossos corpos tanto quanto nossas almas (ver 1 Co 6.20). Nossos corpos são o templo do Espírito Santo (ver 1 Co 6.19). Nossos corpos são projetados “para o Senhor” (1 Co 6.13). Nossos corpos são membros do próprio Cristo (ver 1 Co 6.15). Nossos corpos são capazes de ser objeto

do nosso próprio pecado (ver 1 Co 6.18). Nossos corpos devem ser usados para honrar a Deus (ver 1 Co 6.20). Nossos corpos serão ressuscitados e glorificados. Em outras palavras, passaremos a Eternidade como seres glorificados fisicamente (ver Rm 8.11,23; 1 Co 15.35-49). No tribunal de Cristo, teremos de prestar contas do que tivermos feito em nossos corpos.

A imposição de mãos

Não há como escapar do fato de que a *espiritualidade é física*. Embora Deus seja espírito, Ele criou o mundo físico material e afirmou que ele era bom (ver Gn 1.4,12,18,21,25). Quando nos criou à sua imagem, Deus nos deu corpos.

Não há nada que demonstre melhor essa verdade do que a ênfase bíblica na “imposição de mãos”. Em várias ocasiões, Jesus curou as pessoas somente com a palavra falada. Na maioria dos casos, porém, Ele o fez impondo as mãos sobre elas, tocando-as ou fazendo algum contato físico.⁴ Talvez o texto mais surpreendente de todos seja Lucas 4.40, onde é dito que Jesus colocou as mãos sobre “cada um” de uma vasta multidão que viera a Ele em busca de ajuda. Deve ter sido exaustivo fisicamente e demorado fazê-lo, mas Jesus aproveitou a oportunidade para impor suas mãos sobre cada pessoa que o buscou pedindo oração.

Princípios conclusivos

Deixe-me concluir com várias observações importantes que, espero, encorajem você a tirar as mãos dos bolsos, colocar a sua fé na graça e no poder de Deus, e orar regularmente pelos enfermos. Em primeiro lugar, cura e saúde sempre são retratadas na Bíblia como a bênção de Deus. Em nenhum lugar da Bíblia Deus

promete doença ou enfermidade como bênçãos para seus filhos obedientes. Embora seja verdade que Deus possa usar a doença para nos disciplinar e instruir (ver Sl 6.2,3,6-7; 32.1-7; 38; 41.1-4; 88.1-9,15-18; 102.1-5,8-11; 119.67,71,75), a doença propriamente dita nunca é retratada como algo bom.

Em segundo lugar, embora todas as doenças sejam sofrimento, nem todo sofrimento é doença. Jesus prometeu que todos os que o seguissem sofreriam perseguição, calúnia, rejeição e opressão. Mas Ele nunca disse isso sobre a doença. Em nenhum lugar da Bíblia é dito que os filhos obedientes de Deus devem esperar doença e enfermidade como parte de seu chamado na vida. A doença não faz parte da cruz que somos chamados a carregar.

Em terceiro lugar, e contrariando as afirmações do pensamento popular, as enfermidades e doenças em e por si não glorificam a Deus. São a nossa fé, lealdade e amor inabaláveis por Deus, a despeito de doenças e enfermidades, que glorificam a Deus.

Em quarto lugar, precisamos deixar espaço para o mistério nos caminhos de Deus. Algumas coisas sempre permanecerão sem explicação. Nem sempre podemos esperar compreender por que alguns ficam doentes e outros não, ou por que alguns são curados e outros não. Porém, o mais importante é que o fato de muitos, talvez até a maioria, não serem curados nunca deve ser usado para justificar nossa desobediência à Palavra de Deus no que diz respeito a orar pelos enfermos.

Em quinto lugar, Deus se agrada da cura, não do sofrimento. Minha hipótese de trabalho é que o coração de Deus se agrada da cura, a menos que me provem o contrário por revelação divina ou morte. Em termos práticos, isso significa que você deve continuar a orar pelos enfermos até Deus lhe dizer o contrário ou eles morrerem!⁵

Em sexto lugar, precisamos estar dispostos a suportar o

estigma do insucesso aparente. Temos sucesso quando obedecemos às Escrituras quanto a orar pelos enfermos. Eles serem curados ou não é decisão de Deus.

Muitos na Igreja hoje dizem crer que Deus ainda cura, mas vivem como deístas funcionais, que raramente ou nunca impõem de fato as mãos sobre enfermos e oram com algum grau de expectativa. Uma razão para isso é que, muitas vezes, orar com a expectativa de que algo aconteça é confundido com orar de forma presunçosa. A oração é presunçosa quando a pessoa declara a cura sem a garantia trazida por uma revelação, ou pelo pressuposto não bíblico de que Deus sempre quer curar naquele momento e naquele lugar. Então, as pessoas se sentem obrigadas a explicar a ausência de cura, apelando para o fracasso moral ou para a deficiência de fé — geralmente daquele por quem é feita a oração.

As pessoas oram com expectativa quando pedem humildemente a um Deus misericordioso algo que não merecem, mas que Ele se agrada em dar (ver Lc 11.9-13; ver também Mt 9.27-31; 20.29-34; Lc 17.13,14). A oração com expectativa flui do reconhecimento de que Jesus curava as pessoas porque Ele as amava e sentia compaixão por elas (ver Mt 14.13,14; 20.34; Mc 1.41,42; Lc 7.11-17), que é uma disposição no coração de Deus que nada nas Escrituras indica haver mudado.

Adendo: a história de uma cura milagrosa

Um pouco antes neste capítulo, referi-me brevemente à cura de um menino ocorrida no início da década de 1990. Pedi à sua mãe para descrever o que acontecera em mais detalhes. Ela me enviou a carta a seguir em 2011. Tomei a liberdade de mudar os nomes, mas todo o restante foi mantido precisamente da maneira como ela escreveu:

Quando Ricky nasceu, presumimos que ele teria icterícia fisiológica. Todos os nossos filhos, com exceção do primogênito, tiveram esse problema, por isso presumimos haver uma incompatibilidade entre o sangue AB positivo do meu marido e o meu tipo A-DU positivo. Ricky teve icterícia dentro de 24 horas, como havíamos previsto. Os médicos podem fazer dois tipos de exame de sangue para icterícia: bilirrubina indireta e bilirrubina direta. Não tenho certeza de qual é a taxa que ouvimos com tanta frequência quando se falava de icterícia, mas o fato é que, quando essa taxa específica atinge certo número, utiliza-se um tratamento com luzes. A outra taxa indica como o fígado está trabalhando para se livrar da bile. Se essa taxa é baixa, o que significa que o fígado está cumprindo a sua função, a taxa mais elevada logo diminuirá e tudo ficará bem — às vezes, sem uso da luz. Alguns médicos nem chegam a fazer o levantamento da segunda taxa. Bem, os médicos estavam fazendo o levantamento da taxa de Ricky. Ele tinha o mesmo tipo sanguíneo que eu e não deveria ter tido qualquer icterícia fisiológica. O que eu não sabia era que a taxa estava subindo lentamente, o que significava que o fígado de Ricky não estava funcionando!

Estávamos em Norman, Oklahoma, e recebi um telefonema do consultório do médico. Ricky estava com poucos menos de duas semanas de vida. Ele era um bebê maravilhoso! Eu tinha literalmente de acordá-lo para alimentá-lo — algo, que na verdade, não era tão bom assim, como descobri mais tarde. A contagem atingira um nível crítico e já estava marcada uma consulta com um gastroenterologista pediátrico para a segunda-feira. Perguntei ao médico qual era a preocupação e sua resposta foi: ou o fígado de Ricky não iria funcionar e ele precisaria de um transplante, ou ele tinha um bloqueio que poderia ser corrigido por cirurgia. Pela primeira vez, olhei para Ricky de maneira objetiva. Ele tinha uma coloração azulada e

não ganhara peso desde que nascera. Ele era muito letárgico (lembre-se, ele era aquele bebê maravilhoso que nunca chorava!) e só comia quando eu o fazia comer! Aquilo me atingiu como uma tonelada de tijolos. Eu tinha um bebê muito doente e não sabia disso!

Nós telefonamos para você e perguntamos se os presbíteros poderiam orar por Ricky. Fomos à igreja na manhã seguinte e, depois do culto, fomos ao seu escritório com os presbíteros. Ricky nascera às 11h58m, duas semanas antes, portanto, provavelmente ele estava muito próximo de completar precisamente duas semanas de idade quando vocês oraram por ele. Ao sairmos, você nos disse que Ricky ficaria bem. Sei que você deve ter recebido uma palavra especial de Deus. O QUE ACONTECEU A VOCÊ PARA QUE ACREDITASSE NISSO? Na manhã seguinte, peguei Ricky e ele estava BRANCO! Até então ele tinha aquela cor azul horrível. Ele até tinha um montinho de gordura sob o queixo! Sua aparência era ótima! Nunca fui tomada por qualquer sensação especial, mas sabia estar olhando para um bebê muito saudável!

Nós o levamos ao hospital e o especialista fez vários exames no sangue dele. Ele tinha o prontuário de Ricky e disse que ele parecia estar ótimo, mas o prontuário indicava que ele estava realmente muito doente. O médico tinha registros de mais de uma semana de exames de sangue de Ricky. Ele também nos disse que telefonaria no dia seguinte para informar sobre os resultados e o que precisaríamos fazer. Ele ligou na mesma noite! Ele estava muito animado, porque a notícia era boa. Ele disse que Ricky parecia estar totalmente normal naquele momento. Perguntei-lhe como isso poderia acontecer e ele disse que não tinha respostas para me dar, porque Ricky estivera muito doente. Eu lhe disse que todo o Estado de Oklahoma estava orando por ele e, nesse momento, ele revelou que era cristão! Ele nos

disse que a oração era a única maneira pela qual aquilo poderia ter acontecido e agora entendia por que Ricky estava bem. Foi um milagre! De fato, Ricky pesava mais do que no dia em que nascera, então ele ganhara muito peso durante a noite. Ele nunca teve qualquer problema de saúde desde então. A oração é uma coisa poderosa e maravilhosa!

Você compreendeu?

1. O que quero dizer quando afirmo não haver tal coisa como “o” dom de curar? Se a explicação que apresentei é significativa, como isso afetaria a sua abordagem ao orar por pessoas para que elas possam ser curadas?
2. Quais são as diferentes maneiras pelas quais um cristão pode vivenciar “fé”? Como isso ajuda você na compreensão da maneira como Deus cura as pessoas?
3. Como o dom da fé descrito neste capítulo difere do conceito de “declarar e tomar posse”, tão predominante em alguns círculos carismáticos?
4. De que maneira a confissão dos nossos pecados uns aos outros influencia a cura? Por que você pensa que Deus poderia atrelar a cura física à nossa confissão de pecados?
5. Se você pedisse a alguém para orar pelos enfermos e a pessoa se recusasse dizendo “não ter o dom de curar”, como você responderia? O que na natureza de como Deus cura sugere que todos os cristãos devem orar pelos enfermos?

É um milagre!

Há algum problema em orar por um milagre? Por muitos anos, pensei não ser uma atitude espiritual desejar ou buscar quaisquer dons espirituais, especialmente os de natureza miraculosa mais evidente. Eu fora ensinado que, em todos os sentidos, buscar sinais era uma indicação de imaturidade — quem orava por cura ou por uma demonstração do poder divino era uma pessoa de fé pequena em decorrência de sua ignorância teológica. De fato, um autor que li afirmou que desejar milagres é pecaminoso e incrédulo! Porém, dei-me conta do que Atos 4.29-31 diz ao registrar a seguinte oração da Igreja de Jerusalém:

“Agora, Senhor, considera as ameaças deles e capacita os teus servos para anunciarem a tua palavra corajosamente. Estende a tua mão para curar e realizar sinais e maravilhas por meio do nome do teu santo servo Jesus”. Depois de orarem, tremeu o lugar em que estavam reunidos; todos ficaram cheios do Espírito Santo e anunciavam corajosamente a palavra de Deus.

Creio que ninguém acusaria esses crentes de sentimentalismo ou desequilíbrio mental! Evidentemente, eles não acreditavam haver qualquer inconsistência entre milagres e a mensagem do Evangelho, entre as maravilhas pelas quais eles oraram e a Palavra da Cruz que eles pregavam tão fervorosamente.

Mas não é fato que Jesus repreendeu as pessoas que anseiam por sinais e os buscam, chamando-as de perversas e adúlteras (ver Mt 12.39; 16.4; comparar com 1 Co 1.22)? Sim, mas as pessoas que Ele denunciou eram escribas e fariseus incrédulos, não cristãos. Essas pessoas estavam desesperadas por uma maneira de justificar sua incredulidade e racionalizar sua recusa de seguir a Jesus. Não há qualquer razão pela qual a motivação delas de buscar sinais deva ser a sua ou a minha.

Se as nossas orações por poder nascem de um desejo de ver Deus glorificado e seu povo curado, penso que dificilmente Jesus nos responderia como fez aos líderes religiosos de seu tempo. Quando uma paixão por dons milagrosos é despertada, não por uma ânsia egoísta pelo sensacional, mas pela compaixão por almas doentes e desesperadas, Deus só pode se agradar.

Fazendo as obras de Jesus

Uma das coisas mais surpreendentes que Jesus disse está em João 14.12: “Digo-lhes a verdade: Aquele que crê em mim fará também as obras que tenho realizado. Fará coisas ainda maiores do que estas, porque eu estou indo para o Pai.” Praticamente todos ficam confusos com esse texto em algum grau. A pergunta é: como você responde à sua confusão? Parece haver somente três opções.

Alguns simplesmente rejeitam o texto e descobrem como viver com uma Bíblia que contém um erro. Duvido seriamente que grande parte daqueles que leem este livro adotaria tal ponto de vista. A maioria das pessoas que conheço interpreta o texto à luz

da incapacidade de explicar como sua experiência pessoal não está à altura do texto bíblico. Essa foi a postura que adotei por vários anos. Mas não posso mais fazê-lo com a consciência tranquila. A terceira opção é receber o texto e confiar em Deus para resolver a confusão à medida que buscamos o seu cumprimento em oração.

Muitos tentaram explicar as palavras de Jesus afirmando que ele se referia a algo diferente de atos milagrosos e cura física. Por exemplo, alguns argumentam que os seguidores de Jesus fariam um maior número de obras do que Ele fez devido ao fato de a Igreja ser uma multidão, enquanto Jesus é apenas um. Mas isso é tão patentemente óbvio, que não parece necessário Jesus afirmá-lo.

Outros afirmam que as grandes obras que os seguidores de Jesus fariam era uma referência ao sucesso evangelístico no que diz respeito ao número de almas salvas. Afinal, embora Jesus tenha realizado muito em seu ministério terreno, o número de pessoas que abraçaram a fé salvadora durante sua presença física no mundo foi muito pequeno.

Outra interpretação apela para Mateus 11.11, onde, referindo-se a João Batista, Jesus disse que “o menor no Reino dos céus é maior do que ele”. Por maior que fosse, João nunca experimentou a plenitude das bênçãos do Reino dos céus que vieram com a morte — e especialmente a ressurreição — de Jesus. O ministério de João se deu logo no início da história da redenção, muito cedo para lhe permitir participar da glória da nova era que Jesus inaugurou. Sendo assim, argumenta-se que as obras realizadas após Jesus ascender e enviar o Espírito são maiores, considerando que ocorrerão em uma fase diferente e mais avançada do plano de salvação divino, fundamentando-se na obra de redenção concluída de Jesus.

Existem três problemas em todas essas interpretações. Em primeiro lugar, Jesus descreveu uma pessoa que realizasse essas obras como “aquele que crê em mim”. Essa frase grega específica do evangelho de João sempre se refere a todos os crentes, a

qualquer pessoa que confia em Cristo, seja apóstolo ou seguidor comum (ver Jo 3.15,16,18,36; 6.35,40,47; 7.38; 11.25,26; 12.44,46; 14.12). Essa frase descritiva nunca se refere a um grupo seletivo dentro do Corpo de Cristo como um todo. Ela nunca se refere unicamente aos apóstolos. Portanto, qualquer tentativa de restringir o cumprimento de João 14.12 a um grupo restrito de santos especiais que já morreram há muito tempo simplesmente não funciona.

Em segundo lugar, as obras que de acordo com o texto são realizadas pelos crentes podem muito bem ser mais do que atos milagrosos e curas físicas, mas certamente não são menos do que atos e curas milagrosos. O versículo imediatamente anterior diz: “Creiam em mim quando digo que estou no Pai e que o Pai está em mim; ou pelo menos creiam por causa das mesmas obras” (Jo 14.11). Se fosse para acreditar em Jesus “por causa de” certas “obras” que Ele fez, ou seja, se certas obras deveriam servir como base ou fundamento para a fé, elas precisariam ter sido visíveis e irrefutáveis. Essas obras por meio das quais Jesus constantemente convidava as pessoas a crer eram os milagres que Ele realizava.¹

Meu terceiro problema com essas interpretações é que a maioria das pessoas se concentra nas obras maiores da segunda metade do versículo 12, e não consegue abordar as obras equivalentes da primeira metade do versículo. Mesmo que alguém fosse capaz de explicar as obras maiores como algo diferente de milagres — por exemplo, o sucesso evangelístico — ainda é necessário explicar o fato de Jesus ter prometido que aqueles que cressem nele fariam as mesmas obras que Ele fez.

Jesus atribuiu a capacidade de seus seguidores fazerem as suas obras ao fato de Ele estar indo “para o Pai”. No contexto do discurso do cenáculo (ver Jo 13 a 17), isso aponta claramente para o dom do Espírito Santo, que dependia da ascensão de Jesus à direita do Pai (ver Jo 14.16,26; 15.26; 16.7).

Finalmente, se as obras que Jesus fez e prometeu que os crentes fariam fossem uma referência a atos miraculosos e curas físicas, não é provável que o cumprimento completo dessa palavra ainda seja futuro? Se o que Jesus disse for verdade, e tudo o que Ele disse era verdade, certamente o cumprimento dessa promessa ainda será consumado. Será que isso acontecerá na nossa geração?

O dom de milagres

A tradução mais literal das palavras de Paulo em 1 Coríntios 12.10 é “obras de poderes” (*energemata dunameon*). Embora todos os dons sejam “obras” (*energemata*) ou “energizações” por poder divino (compare com os vs. 6,11), aqui a palavra é usada em conjunto com “poderes” (*dunamis*) para um dom em especial. A palavra muitas vezes traduzida como “milagres” em 1 Coríntios 12.10 é, na verdade, a palavra grega para poderes (*dunamis*). Assim, temos novamente um duplo plural, “obras de poderes”, o que provavelmente indica certa variedade nessas operações.

O que são essas “obras” ou “realizações” ou “produções” de “poderes”? Parece improvável que Paulo incluísse a cura no exercício desse dom. Isso não quer dizer que curar não seja um milagre. Ao contrário, é simplesmente dizer que Paulo não se repetiria desnecessariamente. Embora curas sejam certamente milagrosas, o dom de milagres precisa abranger também e principalmente outros fenômenos sobrenaturais. Simplificando, ainda que todas as curas sejam demonstrações de poder, nem todas as demonstrações de poder são curas.

Várias manifestações possíveis do poder divino podem ser incluídas no que Paulo quer dizer com “obras de poderes” ou “milagres”. Considere o seguinte:

- Atos 9.40, onde Pedro ressuscitou Tabita/Dorcas dos mortos (embora até mesmo isso seja uma cura no sentido mais estrito do termo).
- Atos 13.8-11, onde Paulo fez Elimas ficar cego. Poderia também ser incluída aqui a palavra de Pedro para julgar e disciplinar Ananias e Safira, resultando na morte imediata do casal (ver Atos 5.1-11).
- Talvez milagres ligados a fenômenos naturais possam ser incluídos, como transformar água em vinho, acalmar a tempestade no mar da Galileia, reproduzir alimentos e fazer a chuva cessar (ou começar), como ocorreu com Elias.
- Talvez livramentos sobrenaturais (exorcismos) também sejam contemplados.

Definindo um milagre

Em certa medida, a palavra “milagre” é usada de maneira indiscriminada para descrever todo tipo de coisa, desde curar um paralisado até encontrar uma vaga de estacionamento no *shopping center* na véspera de Natal. Qual seria uma boa definição prática e bíblica de milagre? Max Turner, professor de Novo Testamento no *London Bible College*, usa o termo no sentido semitécnico de um evento que reúne as seguintes características:

1. É um evento observável extraordinário ou surpreendente;
2. Não pode ser explicado de modo racional em termos de capacidades humanas ou outras forças conhecidas no mundo;
3. É percebido como um ato direto de Deus; e

4. É habitualmente entendido como tendo valor simbólico ou sinalizador (por exemplo, aponta para Deus como redentor e juiz).²

Parte do problema é que muitos cristãos imaginam Deus como alguém que está distante do mundo — afastado de qualquer envolvimento direto e diário em suas vidas. Contudo, inúmeros textos afirmam o envolvimento imediato de Deus em tudo, desde o crescimento de uma folha de grama (ver Sl 104) até a sustentação da nossa própria vida (ver At 17; Cl 1.17). Por esse motivo, precisamos rejeitar a definição de milagre como uma intervenção direta de Deus no mundo. A frase “intervenção... em” implica que Deus está fora do mundo e só se intromete em seus assuntos ocasionalmente.

Alguns definem um milagre como o ato de Deus trabalhar no mundo independentemente de meios ou instrumentos que produzam o resultado desejado. Muitas vezes, porém, Deus usa instrumentos para a realização de coisas milagrosas, como no caso de Jesus alimentando cinco mil pessoas por meio da multiplicação do almoço de um menino.

Outros definem um milagre como Deus agindo de modo contrário à lei natural. Mas isso implica afirmar que existem forças (leis naturais) que operam independentemente de Deus — forças ou leis que Deus precisa violar ou transpor para realizar um milagre. Mas Deus é o autor e o Senhor providencial de todos os processos naturais.

Wayne Grudem propôs uma definição que previne contra o vírus do deísmo ao mesmo tempo em que procura manter-se fiel às Escrituras: “Um milagre”, diz Grudem, “é um tipo menos comum da atividade de Deus no qual Ele desperta o respeito e a admiração das pessoas, e dá testemunho de si mesmo”.³ O que é importante lembrarmos é que, não importa a maneira como

definimos milagre, não podemos pensar que um milagre significa que um Deus geralmente ausente está presente a partir desse momento. Ao contrário, o Deus que está sempre presente em toda parte, mantendo, sustentando e dirigindo todas as coisas para a sua consumação destinada, está operando de uma forma surpreendente e desconhecida no momento do milagre. Isso também nos ajuda a responder à pergunta: “Respostas incomuns à oração são milagres?” Eu diria que sim, se essas respostas forem incomuns o suficiente a ponto de despertarem temor e admiração, promovendo o reconhecimento do poder e da ação de Deus (por exemplo, 1 Rs 18.24,36-38; At 12.5-17; 28.8).

Jesus “relutava” em realizar milagres?

Uma razão para as pessoas serem relutantes em orar por um milagre, mais ainda pelo dom de milagres, é que elas acham que Jesus também era relutante. Philip Yancey, autor de livros conhecidos, como *Decepcionado com Deus* e *Onde Está Deus Quando Chega a Dor?* sugere que os milagres desempenharam um papel muito menos importante no ministério de Jesus do que fomos levados a acreditar. Yancey defendeu esse ponto em seu livro *O Jesus Que Eu Nunca Conheci*.

Concordo com algumas das declarações de Yancey a respeito de Jesus, uma das quais é a sua observação de que “Jesus não fez milagre algum para fins de captação de recursos, fama ou autopreservação”.⁴ Em um artigo publicado em uma conhecida revista cristã, o autor defende dez argumentos que mostram que Jesus tinha uma postura relutante ao realizar milagres, vários dos quais considero enganosos e carentes de correção. Combinei minha resposta aos seus argumentos em cinco títulos. Por favor, note, porém, que tenho o maior respeito por Philip Yancey e seus escritos. Estou usando seus comentários simplesmente porque

eles incorporaram com precisão o que eu temo que muitos evangélicos acreditem sobre milagres — crenças que considero que devemos reconsiderar cuidadosamente. Ele escreveu:

Os evangelhos registram cerca de três dúzias de milagres, alguns deles curas em grupo. (João nos diz que muitos outros milagres realizados por Jesus não estão registrados.) Embora tenham sido muito impressionantes para as testemunhas, os milagres afetaram um número relativamente pequeno de pessoas que viviam em uma diminuta parte do mundo. Nenhum europeu ou chinês sentiu o toque de cura de Jesus. Fica claro que Ele não veio para resolver “o problema da dor” durante o seu tempo na terra.⁵

Preocupo-me com as implicações dessa afirmação. Evidentemente, Yancey acredita que “três dúzias de milagres” é um número pequeno, o que nos leva a concluir que os milagres eram relativamente sem importância para o próprio Jesus e, portanto, deveriam ser relativamente sem importância para nós hoje. Entretanto, quando se considera a natureza desses aproximadamente trinta e seis milagres, uma conclusão muito diferente é necessária: ressuscitar pessoas, purificar leprosos instantaneamente, curar paráliticos de nascença, dar vista a pessoas totalmente cegas, caminhar sobre a água, multiplicar peixes e pães para alimentar milhares, e a lista poderia prosseguir.

Yancey afirmou que alguns desses milagres foram “curas grupais”, mas você percebe o que isso significa? Tome Mateus 4 e Lucas 4 como exemplo, onde lemos que grandes multidões chegavam com pessoas que sofriam de todo tipo de doença. É razoável estimar que várias centenas — se não milhares — de pessoas estiveram presentes nesses encontros em que Jesus curou a todos! Isso dificilmente leva à conclusão de que Ele realizou apenas cerca

de “três dúzias de milagres” e que tal atividade foi, portanto, uma parte relativamente sem importância do seu ministério.

Em uma declaração parentética, Yancey parece ignorar as declarações em João 20.30 e 21.25 sobre atos não registrados de Jesus. O fato é que esses versículos dizem que Jesus realizou tantos outros milagres, além dos registrados nas Escrituras, que seria difícil enumerá-los (ver Jo 21.25). No fim das contas, embora não possa haver precisão, eu sugeriria que ao longo de seu ministério público de três anos, Jesus realizou milhares de milagres, o que é muito diferente de “três dúzias”!

Yancey considera importante o fato de que esses milagres afetaram apenas um número relativamente pequeno de pessoas. Mas, o que mais se poderia esperar, dado o fato de Jesus ter vivido e ministrado apenas na Palestina, não na Europa, na China ou em qualquer lugar? Sugerir que os milagres não foram uma parte importante do ministério de Jesus simplesmente porque as pessoas da China não sentiram o seu toque pessoal é um pouco enganoso. Na verdade, ousar dizer que, nos dias de hoje, pessoas da China estão sendo tocadas e impactadas profundamente pelo Cristo operador de milagres, pois os relatos de avivamento e fenômenos sobrenaturais ocorridos nessa região continuam a chegar aos ouvidos ocidentais.

Yancey concluiu que Jesus “não veio para resolver ‘o problema da dor’ durante o seu tempo na terra”.⁶ Na verdade, Jesus descreveu o objetivo de seu ministério como “pregar boas-novas aos pobres”, “proclamar liberdade aos presos”, “recuperar a vista aos cegos” e “libertar os oprimidos” (Lc 4.18). Meu palpite é que as pessoas que sofriam na pobreza e na prisão, de doenças físicas e corações partidos, também teriam uma opinião diferente. Se Yancey quis dizer que Jesus não veio para erradicar a dor da terra imediatamente, ele está certo. Mas Jesus certamente veio resolver o problema da dor, e o fez de três maneiras.

Primeira: seu ministério pessoal era focado na libertação de indivíduos de dor, pobreza, demônios e angústias. Segunda: sua morte na Cruz é o fundamento para a eliminação definitiva da dor do seu povo, quer isso aconteça agora ou no céu. O fato, porém, é que foi por isso que Ele veio. Terceira: Jesus subiu ao céu para poder enviar o Espírito, para que possamos fazer as mesmas obras de cura, libertação, misericórdia e milagres que Ele mesmo fez (ver Jo 14.12).

Não estou dizendo que toda a dor desaparecerá antes do retorno de Cristo. Mas, mesmo assim, Jesus veio para nos dar um exemplo de como suportá-la (ver 2 Co 12.7-10 e o “espinho na carne” de Paulo), quando não formos curados e libertos dela. Devemos orar por cura e libertação da dor, confiantes de que o nosso Pai celestial amoroso tem prazer em glorificar seu Filho ao nos ministrar com misericórdia e compaixão. Mas se, em vez disso, por razões que excedem o nosso entendimento, o Pai escolher nos dar graça e força para suportarmos a dor enquanto aguardamos o seu Filho voltar do céu, que assim seja. Em qualquer caso, é simplista dizer que Jesus não veio para resolver o problema da dor. Pois, se Jesus não o fez, quem o fará? De fato, quem pode fazê-lo?

Yancey argumentou que Jesus resistia a operar os milagres que lhe eram solicitados, apontando para a sua repreensão àqueles que pediram um sinal milagroso. Ele também relaciona isso à instrução de Jesus aos seus discípulos de que não saíssem contando às pessoas sobre certos milagres, porque Jesus “parecia cauteloso sobre o tipo de fé que os milagres podem produzir” — especificamente, “uma atração por espetáculo ou por magia, não o tipo de compromisso vitalício sacrificial que Ele exigia”.⁷ Isso dá ao leitor desavisado a impressão de que orar por um milagre é pecaminoso, ou pelo menos um sinal de imaturidade, e que os milagres produzem uma fé inferior. Deixe-me simplesmente fazer uma referência à minha resposta a essa questão no capítulo 1.

Muitos cristãos estão confusos sobre a relação entre milagres e o Evangelho de Cristo crucificado. Eles temem que a oração pelos primeiros implique em abandono do último. Esses temores são infundados. Eu creio na absoluta centralidade da Cruz de Cristo e de seu poder para salvar almas perdidas (ver Rm 1.16). Obviamente, assim fez Paulo, um homem que descreveu o seu ministério evangélico como caracterizado “pelo poder de sinais e maravilhas e por meio do poder do Espírito de Deus” (Rm 15.19). O mesmo homem que declarou que “a mensagem da cruz” é o poder de Deus para a salvação (1 Co 1.18) também escreveu 1 Coríntios 12 a 14! O mesmo homem que pronunciou anátema (ver Gl 1.6-8) sobre quem quer que adulterasse o Evangelho é a figura central do livro de Atos, com todos os seus fenômenos milagrosos. O mesmo homem que disse: “Pois decidi nada saber entre vocês, a não ser Jesus Cristo, e este, crucificado” (1 Co 2.2) também pregava aquela verdade “não [em] palavras persuasivas de sabedoria, mas [em] demonstração do poder do Espírito” (1 Co 2.4). Foi esse mesmo Paulo que lembrou aos tessalonicenses que o Evangelho não chegou a eles “somente em palavra, mas também em poder, no Espírito Santo e em plena convicção” (1 Ts 1.5).

Como se isso não bastasse, o próprio Deus é assim descrito: “... confirmava a mensagem de sua graça realizando sinais e maravilhas pelas mãos deles” (At 14.3). Certamente, Deus não é culpado de inconsistência ou de minar sua própria atividade! Só posso concluir que, se há um conflito entre a atividade milagrosa do Espírito e a Palavra da Cruz, o problema está em nossas mentes. Ele não estava na mente de Paulo. E certamente não está na de Deus.

Note-se que se qualquer geração tivesse menos necessidade de uma confirmação sobrenatural, essa era a da Igreja Primitiva. Contudo, eles oravam fervorosamente por sinais e maravilhas.

Essa foi a geração cuja pregação — de Pedro, Estêvão, Filipe e Paulo — foi mais ungida do que a de qualquer geração seguinte. Se alguma pregação era o poder de Deus para a salvação e não precisava ser acompanhada por sinais e maravilhas, era essa pregação. Além disso, essa foi a geração com as provas mais imediatas e convincentes da verdade da Ressurreição do que qualquer geração desde então. Centenas de testemunhas oculares do Senhor ressuscitado estavam vivas em Jerusalém. Se, na história da Igreja, alguma geração conheceu o poder da pregação e da confirmação do Evangelho a partir de provas em primeira mão da Ressurreição, foi essa. Não obstante, eram eles que oravam apaixonadamente para que Deus estendesse sua mão fazendo sinais e maravilhas.

Outros argumentam que qualquer foco no poder dos dons espirituais acabará por gerar um espírito de triunfalismo que é inconsistente com o chamado a sofrer pelo Evangelho. Aqueles que desejam e oram por milagres, assim diz a acusação, não levam a sério as realidades dolorosas de viver em um mundo caído. Eu certamente concordo que fraqueza, aflições, perseguição e sofrimento são uma parte inevitável do viver no “ainda não” do Reino, mas isso não precisa implicar uma diminuição da ênfase sobre os carismas. Certamente, Paulo não percebia qualquer incompatibilidade entre as duas coisas, porque eram características de sua vida e seu ministério. Os milagres no ministério de Paulo não foram realizados em um palco, elevado acima dos rigores da vida ou isolado das dores da perseguição, mas sim em meio à angústia, à calúnia e à mágoa que ele sofria invariavelmente como um servo obediente de Cristo.

Como disse John Piper, “sem dúvida, o ‘espinho’ [na carne] de Paulo se aprofundava a cada cura que ele realizava”.⁸ Provações e aflições pessoais não o levaram a renunciar ao aspecto milagroso em seu ministério. As demonstrações sobrenaturais do poder de Deus também não o levaram a uma perspectiva ingênua e iludida

da condição humana. Novamente, se sinais e sofrimento são incompatíveis, é preciso procurar em outro lugar que não seja a Bíblia para provar isso.

Embora eu já o tenha mencionado, quero dizer algo mais sobre a sugestão de Yancey de que “o tipo de fé que os milagres podem produzir” não é maduro ou suficiente para nos capacitar a fazer sacrifícios vitalícios ao seguir a Cristo.⁹ Milagres nem sempre produzem fé salvadora naqueles que os testemunham, mas não devido ao fato de que há algo errado com o milagre ou porque os milagres sejam perigosos em si, ou algo do gênero. É simplesmente porque as pessoas são extremamente duras de coração, indiferentes e espiritualmente cegas. Mas isso não é razão para não orar ou esperar milagres.

O fato é que milagres muitas vezes levam a um grande sucesso evangelístico (ver Jo 5.36; 10.25,37-38; 12.9-11; 14.11; 20.30,31; At 8.4-8; 9.32-43; Rm 15.18,19) e podem ser um reforço tremendo para a nossa fé no poder e na compaixão de Deus (ver 1 Co 14.3). A propósito, considero instrutivo o apóstolo Paulo crer que Deus concedeu todos os fenômenos sobrenaturais — como curas, línguas, profecia e até mesmo o dom de milagres — à Igreja “para o bem comum” (1 Co 12.7)!

Yancey escreveu: “Milagres espetaculares criavam distância, não intimidade”,¹⁰ e apontou para a reação dos discípulos quando Jesus acalmou a tempestade no mar da Galileia. Isso leva o leitor sem discernimento a pensar que não deve orar por milagres ou esperá-los, porque tais fenômenos não apenas não conseguem gerar intimidade com Deus, mas também a impedem. Afinal, quem quer “distância” de Deus? Se você quer “intimidade”, fique longe de milagres. Talvez Yancey não desejasse que eu chegasse a essas conclusões, mas tanto a maneira como ele formulou sua declaração quanto a ausência de explicações qualificadas importantes e com maiores nuances

do que isso não significa só podem desorientar o leitor cristão comum e criar um preconceito inconsciente e equivocado contra o sobrenatural.

Yancey afirmou que “os milagres espirituais tendiam a empolgar Jesus mais do que os milagres físicos”.¹¹ Eu concordo com isso, se por milagres espirituais ele entende o milagre da conversão e outros semelhantes. Mas isso não significa ou implica que os milagres físicos não são importantes ou devem ser evitados, ou que são, de alguma maneira, proibidos para crentes que necessitem do poder de Deus. Em seguida, Yancey apelou para a cura do parálítico, quando Jesus perguntou aos fariseus: “Que é mais fácil dizer ao parálítico: Os seus pecados estão perdoados, ou: Levante-se, pegue a sua maca e ande?” (Mc 2.9). A resposta de Yancey foi: “A cura física era muito mais fácil.”¹² Mas eu não tenho tanta certeza disso.

Acredito que é mais fácil dizer as palavras “Os seus pecados estão perdoados”, porque ninguém sabe se estão ou não. É muito mais difícil dizer “Levanta-te e anda”, porque os observadores podem confirmar ou contestar a declaração imediatamente, observando se o parálítico caminha ou não. Demonstrando o poder de curar aquele coxo — algo visível —, Jesus quis provar que tinha o poder de perdoar pecados — algo invisível. O próprio Jesus, em seguida, declarou: “Mas, para que vocês saibam que o Filho do homem tem na terra autoridade para perdoar pecados” — disse ao parálítico — “eu lhe digo: Levante-se, pegue a sua maca e vá para casa” (Mc 2.10,11). Este é simplesmente um exemplo do desafio lançado por Jesus aos fariseus em João 10.37,38:

Se eu não realizo as obras do meu Pai, não creiam em mim.
Mas se as realizo, mesmo que não creiam em mim, creiam nas obras, para que possam saber e entender que o Pai está em mim, e eu no Pai.

Os milagres são a cura para todos os males da sociedade e os problemas da Igreja? Claro que não. Jesus é. Entretanto, o Jesus que entrou na sociedade e ministrou aos seus males, o Jesus que criou a Igreja e é o seu Senhor soberano e salvador, é um Jesus que faz milagres. E eu não acredito que Ele ficou ou fique relutante em ser descrito como tal. E se Deus graciosa-mente nos capacita para ministrar milagres, nós também não devemos ficar.

Dois exemplos

Como já observei, o dom de milagres ou “poderes” provavelmente se refere a demonstrações de poder sobrenatural que não incluem a cura física — embora esta seja de natureza milagrosa. Deixe-me dar dois exemplos ocorridos nos primeiros dias da igreja de Kansas City, em que servi como pastor associado durante sete anos.

Na noite da quarta-feira de 13 de abril de 1983, o pastor sênior Mike Bickle sentiu que o Senhor estava convocando-o a decretar um jejum de vinte e um dias para toda a igreja, a fim de orar pelos propósitos de Deus na cidade. Mike decidiu que o jejum deveria começar no dia 7 de maio. No dia seguinte, um homem chamado Bob Jones disse a Mike que Deus confirmaria essa revelação enviando um sinal nos céus que não poderia ser produto de engenharia humana.¹³ Ele disse:

Deus enviará no céu um cometa que nunca foi descoberto ou previsto por qualquer cientista ou astrônomo de qualquer lugar do mundo. Ele virá como uma surpresa completa para eles e provará, sem sombra de dúvida, que Deus convocou esse tempo de oração e jejum, e que Ele tem total intenção de trazer avivamento a esta cidade e a este país.

Pare e recupere o fôlego por um momento e pense nas implicações dessa palavra. Essa foi uma afirmação bastante ousada. Não foi a interpretação do sonho de alguém ou um conselho de como conhecer a vontade de Deus, nem a garantia a um cren-te perturbado de que sua esposa não cristã logo viria a ter fé. Tratava-se de uma previsão ousada e inequívoca de um cometa desconhecido pela comunidade científica. Nesse caso, não há muita chance para ilusionismo, trapaça religiosa ou outras táticas bem conhecidas de quiromantes e videntes.

Mike convocara o início do jejum para 7 de maio de 1983. Ele informara Bob acerca disso na manhã de 14 de abril. Bob profetizou o aparecimento do cometa naquele mesmo dia. Posso ouvir os murmúrios dos céticos: “Mas, e se Bob Jones descobriu secretamente esse cometa antes de ele e Mike conversarem no dia 14? Ele poderia, então, transmitir facilmente essa informação como uma palavra profética, apenas para engrandecer seu ministério e ganhar mais posição na igreja.”

É claro que ele poderia. Mas há um problema. O cometa só foi descoberto onze dias depois! O cometa IRAS-Araki-Alcock foi descoberto em dados transmitidos à Terra em 25 de abril, pelo Satélite Astronômico Infravermelho (conhecido como IRAS) e, depois, confirmado de modo independente por dois astrônomos amadores — um homem chamado Genichi Araki, no Japão, e outro chamado G. E. D. Alcock, na Inglaterra, que o viu com um binóculo em sua janela. Embora não fosse um cometa extremamente grande, ele se aproximou da Terra mais do que qualquer cometa em mais de duzentos anos e continua a ser o segundo encontro mais próximo da História.¹⁴

Quando 7 de maio chegou, data em que o jejum deveria começar, numerosos pastores de outras igrejas da cidade estavam presentes. Mike pediu a cada um deles que se apresentasse no início da reunião. Mas o momento mais emocionante da reunião

veio quando Bob Jones entrou com a edição do dia do jornal *The Independence (Missouri) Examiner*. As notícias sobre o cometa tinham finalmente chegado aos jornais. A manchete dizia: “Passagem do Cometa Poderá ser Vista de Perto.” O artigo relatava:

Na próxima semana, os cientistas terão uma oportunidade rara de estudar um cometa descoberto recentemente, que se aproxima da distância “extremamente” próxima de 4,8 milhões de quilômetros... O Dr. Gerry Neugebauer, pesquisador chefe dos Estados Unidos do Projeto Satélite Astronômico Infravermelho (IRAS) internacional disse: “Foi pura sorte estarmos olhando para onde o cometa estava passando.”

Em um livro recente, o autor e astrônomo Fred Schaff comentou novamente sobre “a chegada repentina desse objeto”.¹⁵ Em praticamente todos os relatos escritos acerca do cometa é feita referência à natureza súbita e inesperada de sua vinda. Frases como “recém-descoberto” e “aparição surpresa” são usadas repetidamente. Com um início tão espetacular, havia grandes expectativas para o jejum de 21 dias. Mas, no último dia do jejum, Bob Jones entregou o que deve ter sido uma palavra desconcertante:

O Senhor falou-me em um sonho na noite passada e disse que o avivamento não começará imediatamente, como tínhamos pensado. Deus reterá seu mover sobre esta cidade até o tempo e o momento determinados. E, quando ele vier, não haverá um só dia de atraso.

Essa não era uma notícia boa para aqueles que haviam jejuado, muitos ingerindo apenas água durante os últimos 21 dias. Mas Bob não terminara:

Deus enviará ainda outro sinal. Haverá uma seca de três meses sobre esta cidade, no mundo natural, bem como haverá uma seca de três meses no Espírito. Mas em 23 de agosto choverá, como um sinal para vocês de que Deus enviará a chuva do Espírito no seu tempo, como Ele prometeu.

A seca começou no fim de junho e se estendeu até a primeira semana de outubro, como Bob dissera. Na verdade, esses três meses de 1983 foram o segundo verão mais seco de Kansas City em mais de cem anos!¹⁶ Mas e o dia 23 de agosto? Eu esperava que você não tivesse esquecido.

Até 22 de agosto, Kansas City recebera apenas 5,33 milímetros de chuva durante todo o mês. A precipitação normal para esse mesmo período era de sessenta milímetros. A igreja tinha uma reunião programada para o dia 23 de agosto, embora as previsões meteorológicas insistissem em que não havia probabilidade de chuva. Os nervos das pessoas estavam à flor da pele. E se não chovesse? Parecia que tudo estava em risco: a validade do ministério profético, o propósito do jejum de maio, a credibilidade de Mike e de Bob. À noite, porém, nuvens de chuva se formaram. Quando os céus se abriram e uma chuva torrencial (8,13 milímetros em menos de uma hora) caiu sobre aquele pequeno grupo de crentes, eles entenderam que Deus falara. Muitos vieram correndo do estacionamento gritando com alegria, encharcados da cabeça aos pés. No dia seguinte, a seca voltou e continuou inabalável até o seu tempo determinado se cumprir, no outono.

A propósito, assim como eu, você poderá achar interessante saber que na primeira página do jornal *Kansas City Star* da manhã de 24 de agosto havia uma foto tirada no dia anterior, de uma senhora sentada debaixo de seu guarda-chuva com uma vara de pesca na mão. A legenda dizia: "Apenas pescando na chuva." O artigo descrevia como as pancadas de chuva de 23 de agosto

proporcionaram apenas uma pausa temporária no clima brutalmente quente e seco.

Milagres são, por definição, eventos incomuns e extraordinários. Eles não são acontecimentos diários que podemos prever ou esperar com regularidade. Mas não podemos deixar isso nos impedir de orar pela manifestação do poder sobrenatural de Deus ou, de alguma maneira, diminuir a realidade desse dom espiritual específico.

Adendo: os “milagres” continuam, mas não o “dom” de milagres?

Quero abordar uma distinção que muitos fazem entre dons “miraculosos” do Espírito e “milagres”. Isso é típico entre todas as linhas de pensamento cessacionistas. Eles negam que os “dons” são válidos, mas são “abertos” à possibilidade de Deus “poder” fazer milagres, se assim desejar ao longo da história da Igreja. Deixe-me dizer duas coisas em resposta a isso.

Em primeiro lugar, essa distinção tem peso para as pessoas somente — ou pelo menos em grande parte — devido a uma compreensão completamente falaciosa de como os dons miraculosos do Espírito operam. Minha sensação é que os cessacionistas querem negar a validade dos dons “milagrosos”, mas confirmam os “milagres”, simplesmente porque não gostam da ideia de qualquer pessoa hoje afirmar operar em cura, profecia ou palavra de conhecimento — ou não acreditam nela. Eles não gostam disso porque não o veem. Ou seja, ninguém cura sempre conforme a sua vontade, profetiza conforme a sua vontade ou recebe palavras de revelação conforme a sua vontade. Os cessacionistas têm a noção acerca dos dons espirituais de que se alguém, em qualquer ocasião, é capaz de curar ou profetizar, essa pessoa deve ser capaz de fazê-lo sempre, em todas as ocasiões. E, considerando que

todos reconhecem que ninguém ministra qualquer dom milagroso nesse nível de constância e precisão, os cessacionistas só podem concluir que tais dons cessaram.

Isso, eu insisto, é uma compreensão inteiramente equivocada e enganosa a respeito desses dons. Nem mesmo o apóstolo Paulo operava em seus dons dessa maneira. Os dons mais claramente sobrenaturais ou milagrosos, e especialmente os mais dependentes de revelação divina — palavra de conhecimento, palavra de sabedoria, profecia, discernimento de espíritos — não são permanentes e residentes, como se estivessem sempre presentes e pudessem ser usados conforme a vontade do crente. Como argumentei, eles são ocasionais e circunstanciais. Eles são dados pela boa vontade soberana de Deus, segundo o seu tempo e propósito. Eles só podem ser exercidos quando Ele quer, não quando nós queremos.

Então, o fato de alguém que já curou não poder sempre curar, ou o fato de alguém que já profetizou não poder profetizar sempre, ou o fato de alguém que já operou um milagre não poder operar um milagre sempre, não prova absolutamente nada sobre a cessação ou a perpetuidade de tais dons. Não há necessidade de um cessacionista negar a validade dos dons milagrosos enquanto afirma a validade dos milagres, já que todos os casos de milagres, sejam de cura, palavras de revelação ou outros semelhantes, estão sujeitos à vontade soberana e à supervisão providencial de Deus.

Então, meu primeiro ponto é que os cessacionistas estão tirando a conclusão errada a respeito da ausência relativa ou suposta raridade nos dias de hoje (ou na história da Igreja em geral) de dons milagrosos. Eles nunca estiveram sob o controle do indivíduo e nunca foram projetados por Deus para operar sempre que desejarmos ou sempre que orarmos. Sua ausência relativa ou suposta raridade é devida à própria natureza dos fenômenos

milagrosos, não a qualquer suposto propósito de Deus no tocante à validade permanente ou, contrariamente, à cessação dos dons descritos por Paulo em 1 Coríntios 12.8-10. Se os cessacionistas apenas reconhecessem a distinção entre os dons residenciais e permanentes — como ensino, misericórdia, evangelismo, liderança ou exortação — e os dons ocasionais e circunstanciais — como cura, palavra de conhecimento, sabedoria, milagres, fé, discernimento de espíritos — creio que grande parte desse debate simplesmente cessaria.

Segundo, os cessacionistas precisam ser capazes de diferenciar entre o que Paulo denomina dom de “milagres” (literalmente, a “operação de poderes”) em 1 Coríntios 12.10 e a ocorrência de um “milagre”, cuja existência nos dias atuais — e ao longo de toda a história da Igreja — eles parecem reconhecer sem problemas. Mas qual é a diferença? Você não pode reagir ou responder dizendo: “A diferença está entre uma ‘pessoa’ com dons que sempre opera conforme a sua vontade usando esse tipo de poder sobrenatural e a ocorrência isolada de um ‘milagre’ que acontece apenas pela mão soberana de Deus.” Por que essa resposta está errada? Há dois motivos.

O primeiro motivo é o que eu disse antes: nunca houve e nunca haverá, pelo que posso dizer com base nas Escrituras, qualquer pessoa (à exceção de Jesus) que “sempre opera conforme a sua vontade usando esse tipo de poder sobrenatural”.

O segundo motivo diz respeito a como os milagres, que até mesmo os cessacionistas admitem ocorrer, realmente ocorrem. Eis aqui o que quero dizer. A maioria dos cessacionistas reconheceria que, às vezes, Deus cura o doente ou, talvez, realiza algo que é chamado de milagre “da natureza”. Mas como Deus faz isso? Ou, melhor ainda, por quais meios ou instrumentalidade Ele faz isso? Na maioria dos casos, não é por meio de ou em resposta às orações do povo de Deus? Não é depois de, e devido a, os

presbíteros terem ungido uma pessoa com óleo e feito a oração da fé (ver Tg 5)? Não é geralmente de uma ou de outra maneira, por meio de um ser humano que está buscando a Deus, olhando para Deus e orando a Deus exatamente por uma intervenção sobrenatural como aquela?

Não estou sugerindo que Deus nunca faça um milagre por decreto ou de alguma maneira não mediada. É claro que Ele faz. Mas, quando se trata de cura ou experiências reveladoras em especial, na maioria das vezes isso ocorre através do recebimento de um “dom” para uma cura, de uma palavra de conhecimento e revelação ou de alguma expressão de poder por uma pessoa ou por mais de uma.

Eu simplesmente pediria aos cessacionistas que dizem crer em milagres — ou que acreditam que Deus certamente pode realizá-los após o tempo do Novo Testamento — para descreverem para mim um milagre que eles tenham visto, ou do qual ouviram falar, que ocorreu independentemente dos cristãos que estavam orando e buscando Deus por seu poder sobrenatural ou que estavam diretamente envolvidos na facilitação desse milagre de alguma maneira. Para cada exemplo que eles possam citar, eu tenho dez em que Deus fez isso por meio de uma instrumentalidade humana. É disso, creio eu, que se trata a “operação de milagres” (1 Co 12.10). Trata-se de Deus, em seu tempo e segundo o seu propósito, concedendo um dom ou capacitação a uma pessoa determinada em uma ocasião determinada, para realizar um propósito específico.

Talvez a melhor ilustração do que estou dizendo esteja em Gálatas. Paulo pergunta: “Aquele que lhes dá o seu Espírito e opera milagres entre vocês realiza essas coisas pela prática da Lei ou pela fé com a qual receberam a palavra?” (Gl 3.5). Observe nesse texto duas coisas que se aplicam à nossa discussão. Em primeiro lugar, parece que Deus estava realizando milagres entre os gálatas

soberanamente, segundo a sua vontade e o seu tempo. Alguns poderiam pensar que isso é o que até os cessacionistas admitem que pode acontecer, e de vez em quando acontece, ao longo de todo o curso da história da Igreja. Nenhum “dom” espiritual especial é necessário para que Deus faça isso.

Contudo, estou convencido de que essa é, de fato, mais uma referência ao “dom” de milagres. Observe o que Paulo diz a respeito de como ou por quais meios tais milagres são realizados: “... pela fé com a qual receberam a palavra”! Os gálatas — e nós também, creio eu — ouvem a Palavra de Deus; o Espírito, que Deus nos dá, desperta a crença em suas verdades e aprofunda a fé em quem Deus é e no que Ele pode fazer, ao que Deus, então, responde transmitindo ou concedendo um “dom” para operar um milagre ou demonstrar a sua presença sobrenatural.

Em segundo lugar, Paulo tem em vista nessa passagem exatamente o mesmo fenômeno (o “dom de milagres”) que ele descreve em 1 Coríntios 12.10, e novamente em 1 Coríntios 12.28,29, o que fica evidente pela linguagem que ele emprega. Em Gálatas 3.5, a frase “opera milagres” é uma tradução do grego *energon dunameis*, praticamente a mesma terminologia que Paulo usa em 1 Coríntios 12.10 para descrever o “dom” espiritual de milagres (*energemata dunameon*; em 12.28,29, onde sua descrição dos dons é abreviada, ele usa somente *dunameis*). Deus “opera milagres” entre nós ou indivíduos que possuem dons “operam milagres” entre nós? Sim! Deus “opera milagres” entre nós despertando a fé na sua Palavra, com a qual, ou como resultado da qual, Ele concede uma capacitação divina graciosa (ou seja, um carisma, um dom) para que o crente possa “operar milagres” entre nós.

Então, se os cessacionistas estão dispostos a reconhecer que essa é a natureza do “dom de milagres”, bem como a

natureza dos dons de curar e das experiências reveladoras, e assim por diante, qual é o sentido ou valor de negar que esses “dons” continuam na vida da Igreja, se ao mesmo tempo eles admitem que milagres ainda acontecem? Em resumo, penso que os cessacionistas continuam a fazer essa distinção porque não querem ser encurralados em um canto teológico no qual se encontrem duvidando ou, pior ainda, negando que o Deus onipotente do universo “pode” fazer alguma coisa. Eles querem ser capazes de justificar a oração por um milagre quando alguém está enfermo, de explicar o que aconteceu com Charles Spurgeon, por exemplo, e outros casos semelhantes, sem ceder nesse debate para os continuístas.

Assim, simplesmente não vejo isso como uma distinção útil ou bíblica. Creio que Deus continua a conceder o “dom de milagres” de maneira muito semelhante a como Ele provavelmente fez na Igreja Primitiva: raramente, ocasionalmente e na maioria das vezes (mas nem sempre) por meio de determinado cristão que estava buscando a Deus, crendo em Deus e orando por uma grande resposta sobrenatural específica. E creio que Deus continua a conceder “dons de curar” de maneira muito semelhante a como Ele provavelmente fez na Igreja Primitiva: raramente, ocasionalmente e na maioria das vezes (mas nem sempre) por meio de determinado cristão que estava buscando a Deus, crendo em Deus e orando por uma grande resposta sobrenatural específica.

E assim, essa insistência dos cessacionistas ouvida com tanta frequência, de que milagres podem certamente ocorrer, mas não por meio do “dom de milagres”, ou que curas podem acontecer, mas não por meio de “dons de curar”, nada mais é do que uma distinção entre coisas que não são diferentes, que serve apenas para ofuscar e confundir as pessoas nesse debate.

Você compreendeu?

1. Como você definiria a palavra “milagre”? Que fundamentação bíblica você encontra para a sua definição?
2. Existe alguma validade na distinção que as pessoas com frequência fazem entre Deus ainda realizar “milagres”, mas não conceder a indivíduos o “dom” de milagres? Que evidência bíblica você usaria para apoiar seu argumento?
3. Você é capaz de identificar, em sua própria experiência, um exemplo inegável de milagre bíblico? Explique.
4. Que motivos bíblicos você daria para sustentar a ideia de que não só é permitido, mas também essencial, os cristãos de hoje orarem a Deus para operar milagres em nosso meio?
5. Quão importantes foram os milagres no ministério de Jesus? Quão importantes eles devem ser em nossos ministérios hoje? Explique sua resposta.

Profecia e discernimento de espíritos

Uma ex-aluna minha estava passando por um momento difícil na vida. Deus lhe parecia muito distante, seu emprego era insatisfatório e ela pensava em pedir demissão e buscar uma linha de trabalho diferente. Certamente, ela não esperava pelo que aconteceu em seguida.

Foi em uma palestra oferecida pela nossa igreja. Embora nunca a tivesse encontrado, um homem conhecido amplamente por seu dom profético pediu a essa aluna para levantar-se. Enquanto ele lhe dizia palavras de encorajamento, com alguns conselhos retirados de um texto bíblico que ele acreditava ser relevante para a vida dela, fez uma pausa e disse: “Acabo de ver o número 202 acima de sua cabeça. Acredito ser o lugar onde você trabalha.” Então, ele voltou a entregar-lhe a mensagem do texto bíblico.

Eu observava essa senhora atentamente enquanto ele falava. Percebi sua confusão inicial quando ele mencionou 202 e, em seguida, cerca de trinta segundos depois, sua compreensão súbita do que ele dissera. Mais tarde, perguntei-lhe o que acontecera. Ela disse: “Quando ele identificou 202 como o lugar em que eu trabalhava, pensei equivocadamente que ele se referia ao número

do prédio. Minha primeira reação foi pensar que ele estava errado. Mas, poucos momentos depois, dei-me conta de que 202 é o número da sala do meu escritório no edifício onde trabalho no centro da cidade!”

Já vi esse tipo de coisa dezenas de vezes. Muitas vezes, uma palavra profética parece vir no momento certo na vida de uma pessoa, um momento em que há a necessidade de saber que Deus está próximo, que Ele se importa, que Ele ainda ama você, o guia e responde sua oração. Como devemos agir diante disso? Simplesmente não há como explicar esse fenômeno dizendo que se trata de um palpite de sorte ou uma coincidência. Ou estas informações vieram do diabo para enganar e destruir a confiança de minha aluna em Deus, ou então vieram do Espírito Santo para edificá-la, exortá-la e consolá-la (ver 1 Co 14.3).

Quando uso a palavra “profecia”, não estou me referindo essencialmente à previsão de eventos futuros. Infelizmente, na mente de muitos, a palavra veio a ser associada quase que de modo exclusivo ao que eles podem ler em um livro sobre o fim dos tempos. Porém, quando eu uso a palavra “profecia”, tenho em mente o dom espiritual descrito por Paulo em 1 Coríntios 12 a 14 e no restante do Novo Testamento. Uma definição simples de profecia seria “o relato humano de uma revelação divina”. Profetizar é falar algo que Deus trouxe espontaneamente à sua mente usando meras palavras humanas.

Muito já foi escrito a respeito deste assunto, mas quero fazer uma abordagem um pouco diferente. Entre as coisas que falamos sobre profecia e as muitas histórias que contamos, há uma tendência de negligenciar os princípios e as diretrizes para esse dom estabelecidos pelo apóstolo Paulo em 1 Coríntios 14. Acredito que boa parte da confusão, bem como os erros em que as pessoas incorrem com frequência

por mau uso desse dom, podem se dissipar se apenas dedicarmos algum tempo a examinar cuidadosamente tudo que Paulo diz nesse importante capítulo do Novo Testamento. Portanto, quero levá-lo a um estudo breve de 1 Coríntios 14. Mais uma vez, encorajo você a ler essa discussão com a Bíblia aberta. O que vem a seguir não é uma exposição versículo a versículo de 1 Coríntios 14, mas uma seleção de percepções que procuram responder a várias perguntas cruciais da natureza e da função do dom profético.

É correto buscar profecias?

Não somente é correto, mas também obrigatório. Em 1 Coríntios 14.1, Paulo *nos ordena* buscarmos com dedicação os dons espirituais, “principalmente o dom de profecia”. Mais uma vez, em 1 Coríntios 14.39, o apóstolo nos exorta: “... busquem com dedicação o profetizar...” Em 1 Coríntios 14.12, Paulo escreveu: “Visto que estão ansiosos por terem dons espirituais [referindo-se ao entusiasmo coletivo de seus leitores pelo dom de línguas], procurem crescer naqueles que trazem a edificação para a igreja [em especial, o dom de profecia, em conformidade com o contexto].”

Essa é de fato uma declaração surpreendente. Paulo não estava simplesmente sugerindo que a profecia é um dom benéfico. Ele estava ordenando que desejemos sinceramente exercer esse dom no Corpo da igreja local. Isso não é uma opção. Paulo não nos deu escolha. Suas palavras deixam pouco espaço para recursos. O argumento é: se você não deseja ardentemente profetizar, se não ora por oportunidades e ocasiões para falar às pessoas da Igreja e a outros crentes profeticamente, você está desobedecendo a Deus! A busca da profecia é uma obrigação moral e espiritual à qual devemos nos dedicar.

Qualquer pessoa pode profetizar?

Sim, *qualquer* crente poderia profetizar, mas isso não significa que *todo* crente deve esperar atuar como um profeta na igreja constantemente. Paulo desejou que “todos” profetizassem (1 Co 14.5), mas isso significa que ele *esperava* que eles o fizessem? O desejo de Paulo de que as pessoas profetizassem é resultado do seu reconhecimento de que “quem profetiza edifica a igreja” (1 Co 14.4). Em outros dois textos, ele pareceu vislumbrar a possibilidade de qualquer cristão poder falar profeticamente (ver 1 Co 14.24,31). Mas, novamente, isso não significa que todo mundo *o fará*. Provavelmente, Paulo estava fazendo uma distinção entre as pessoas que demonstram facilidade e precisão na profecia constantemente, e aquelas que profetizam apenas ocasionalmente.

Também precisamos ter em mente a citação de Pedro, em Atos 2, da profecia de Joel sobre o derramamento do Espírito. O resultado dessa efusão do Espírito é que “seus filhos e as suas filhas profetizarão” (At 2.17). O que caracteriza a era atual da Igreja é a atividade reveladora do Espírito — sonhos e visões — que forma a base para a declaração profética. Nem todos serão profetas (ver Ef 4.11; 1 Co 12.29), mas parece que todos *têm a capacidade* de profetizar.

Que informação Deus revela na profecia?

Em 1 Coríntios 14.25, Paulo descreveu a profecia como reveladora dos “segredos” do coração. Testemunhei esse fenômeno em ocasiões diversas. Homens e mulheres que acreditavam que seus pensamentos, suas fantasias, seus pecados e seus planos para o futuro estavam escondidos secretamente, até mesmo de Deus, ficaram chocados com a atividade reveladora do Espírito Santo. Paulo descreve apenas uma das muitas reações que uma pessoa poderia ter

diante do dom profético: “... se prostrará, rosto em terra, e adorará a Deus, exclamando: ‘Deus realmente está entre vocês!’”

Referi-me a Charles Spurgeon (1834-1892), reconhecido amplamente como um dos maiores pregadores que a Igreja já conheceu. Sua vida foi um exemplo irrepreensível de piedade e zelo, e seu ministério caracterizou-se por um compromisso inabalável com a autoridade das Escrituras. Milhares de pessoas dão testemunho do impacto de Spurgeon em suas vidas.

Embora o amasse profundamente e dependesse do poder do Espírito Santo em seu ministério, Spurgeon não era conhecido por defender a validade de dons milagrosos na Igreja. No entanto, o próprio Spurgeon experimentou o que só pode considerar-se uma revelação profética. O fato de ele não se referir à experiência como carismática não muda a realidade do que ocorreu em seu púlpito. Os acontecimentos a seguir foram extraídos diretamente da autobiografia de Spurgeon. Julgue você se eles são, ou não, expressões do derramamento milagroso do dom descrito pelo apóstolo Paulo em 1 Coríntios 14.24,25.

Em certa ocasião, enquanto pregava no salão, apontei deliberadamente para um homem no meio da multidão e disse: “Há um homem sentado ali que é um sapateiro. Ele mantém sua loja aberta aos domingos, ela estava aberta na manhã do último domingo, ele recebeu nove pence* e obteve um lucro de quatro pence. Sua alma está vendida a Satanás por quatro pence!” Ao fazer suas visitas, um missionário da cidade encontrou esse homem e, vendo que ele estava lendo um dos meus sermões, perguntou: “Você conhece o senhor Spurgeon?” “Sim”, respondeu o homem, “conheço-o muito bem, fui ouvi-lo e, por sua pregação, pela graça de Deus tornei-me uma nova criatura em Cristo Jesus. Devo dizer-lhe como isso aconteceu? Fui ao Music Hall e me

* Antiga subdivisão da libra esterlina; plural de “penny” (N. do T.)

sentei no meio da plateia. O senhor Spurgeon olhou para mim como se me conhecesse e, em seu sermão, apontou para mim e disse à congregação que eu era sapateiro e que mantinha minha loja aberta aos domingos. Isso era mesmo verdade, senhor. Eu não deveria ter me importado com aquilo, mas ele também disse que eu recebera nove pence no domingo anterior e lucrara quatro pence. Eu realmente recebi nove pence naquele dia, sendo quatro pence de lucro, mas como ele poderia saber disso eu não sei dizer. Então, ocorreu-me que Deus falara à minha alma por meio dele, por isso fechei minha loja no domingo seguinte. De início, tive medo de ir novamente ouvi-lo, tive medo que ele pudesse dizer ao povo mais coisas a meu respeito, mas ainda assim fui. O Senhor se encontrou comigo e salvou a minha alma”.¹

Em seguida, Spurgeon acrescentou o seguinte comentário:

Eu poderia contar uma dúzia de casos semelhantes em que apontei para alguém no salão, sem saber absolutamente nada acerca dessa pessoa ou ter qualquer ideia se o que eu disse estava correto, apenas acreditando ser movido pelo Espírito a dizê-lo. E tão marcante tem sido a minha descrição, que as pessoas saem e dizem aos seus amigos: “Venham ver um homem que me disse todas as coisas que já fiz; sem dúvida, ele só pode ter sido enviado por Deus à minha alma, ou não poderia ter me descrito com tanta exatidão.” E não somente isso, mas conheci muitos casos em que os pensamentos dos homens foram revelados do púlpito. Às vezes, vi pessoas cutucarem seus vizinhos com o cotovelo diante de uma revelação e dizerem ao sair: “O pregador disse exatamente o que falamos um ao outro quando entramos.”²

Se alguém examinasse a teologia e o ministério de Spurgeon, bem como seus registros reunidos por biógrafos contemporâneos e

também posteriores a ele, encontraria uma ausência de referências explícitas a carismas milagrosos, como profecia e palavra de conhecimento. Como resultado, seria tentado a concluir que esses dons haviam sido retirados da vida da Igreja. Mas, sem que essa fosse sua intenção, o próprio testemunho de Spurgeon diz o contrário!

De onde vem a profecia?

Toda profecia baseia-se em revelação. Em 1 Coríntios 14.30, Paulo escreveu: “Se vier uma *revelação* a alguém que está sentado, cale-se o primeiro” (grifo do autor; ver também v. 26). Em 1 Coríntios 13.2, Paulo parece sugerir que as profecias se fundamentam no recebimento de “mistérios” divinos. O verbo “revelar” (*apokalupto*) ocorre vinte e seis vezes no Novo Testamento, e o substantivo “revelação”, dezoito vezes. Em todos os casos, faz-se referência a uma atividade divina, nunca à comunicação humana.

A profecia não se alicerça em um palpite, uma suposição, uma inferência, uma conjectura, ou mesmo em uma sabedoria santificada. A profecia não se baseia em visão pessoal, intuição ou iluminação. A profecia é o *relato* humano de uma *revelação* divina. Isso é o que faz a distinção entre profecia e ensino. O ensino sempre se apoia em um texto da Bíblia. A profecia sempre se fundamenta em uma revelação espontânea.

Embora enraizada em uma revelação, a profecia pode falhar ocasionalmente. Sei o que você está pensando: *Como Deus pode revelar algo que contém erro? Como Deus, que é infalível, pode revelar algo que é falho?* A resposta é simples: Ele não pode. Ele não o faz.

Precisamos nos lembrar de que cada profecia tem três elementos, dos quais apenas um provém seguramente de Deus. Primeiro, há a *revelação* em si, o ato divino da divulgação a um receptor humano. O segundo elemento é a *interpretação* do que foi revelado, ou a tentativa de determinar seu significado.

Terceiro, há a *aplicação* dessa interpretação. Deus é responsável unicamente pela revelação. Tudo que Ele revela à mente humana é totalmente isento de erro, portanto, é tão infalível quanto o próprio Deus. A revelação de Deus é verdadeira em todas as suas partes; nela não há qualquer traço de falsidade. De fato, a revelação, que é a raiz de toda expressão profética genuína, é tão inerrante e infalível quanto a própria Palavra de Deus escrita — a Bíblia.

O problema é que você pode interpretar mal ou aplicar mal o que Deus revelou. O fato de Deus ter *falado* de modo perfeito não significa que você *ouviu* perfeitamente. É possível uma pessoa interpretar e aplicar o que Deus revelou sem erros. Mas a existência de uma revelação divina não garante, por si só, que a interpretação ou aplicação da verdade revelada de Deus compartilhará da sua perfeição.

Essa possibilidade deixa algumas pessoas especialmente preocupadas, levando-as a concluir que a profecia do Novo Testamento não traz qualquer benefício à Igreja. Afinal, como pode um dom potencialmente falível ser uma bênção para alguém? Mas uma comparação da profecia com o dom do ensino deve aplacar seus temores.

Profecia e ensino

Considere este cenário hipotético, mas não incomum. O pastor de sua igreja está ministrando uma série de aulas sobre a carta de 1 Tessalonicenses. A cada semana no púlpito, ele tem diante de si a Palavra de Deus escrita, revelada e inspirada, a partir da qual (espero eu) ele elabora os seus comentários. Ao chegar ao capítulo 4, no qual Paulo discute o Arrebatamento da Igreja, ele diz que após um estudo cuidadoso e muita oração, acredita que o Arrebatamento ocorrerá antes da Tribulação.

Depois do culto, você está almoçando com um amigo que insiste que o Arrebatamento acontecerá na metade da Tribulação. Por sua vez, você está igualmente convencido de que o Arrebatamento ocorrerá somente após a Tribulação. O que está acontecendo? Vocês três estão lendo a mesma Bíblia, inclusive a mesma tradução. Cada um de vocês foi diligente no estudo da passagem em questão. Cada um orou por iluminação divina. Todavia, apesar da presença da revelação objetiva de Deus escrita, ao fim da leitura vocês têm interpretações conflitantes e aplicações diferentes de relevância dessa revelação para as suas vidas. Desejaríamos que Deus tivesse prometido garantir que a nossa interpretação e posterior comunicação da sua Palavra revelada seria sempre precisa. Mas Ele não o fez.

O que fazer então? Condenar o ensino e insistir no fato de que um dom tão obviamente suscetível a erros e usos equivocados seja banido da vida da Igreja? É claro que não. O fato é que você foi abençoado tremendamente pela série de sermões sobre Tessalonicenses e está entusiasmado com o que Deus está fazendo em sua vida. Você se dá conta de que somente a Bíblia tem uma autoridade divina intrínseca. O que seu pastor diz, no exercício do dom espiritual que recebeu, tem autoridade somente em um sentido secundário, derivado. O fato de seu pastor talvez ter deixado a desejar em suas habilidades interpretativas e homiléticas não é motivo para repudiar o dom espiritual do ensino.

Assim como o ensino, a profecia também se fundamenta em uma revelação dada por Deus. De uma maneira que excede a percepção sensorial comum, Deus *revela* à mente do profeta algo não encontrado nas Escrituras (mas nunca contrário a ela). Por ter vindo de Deus, a revelação é verdadeira. Ela é isenta de erros. Como a Bíblia, ela tem em si mesma autoridade divina. Mas o dom de profecia não garante a *transmissão* infalível da revelação. O profeta pode *perceber* de modo imperfeito, pode *compreender*

de forma imperfeita e, como consequência, pode *comunicar* de maneira imperfeita (semelhantemente ao que aconteceu com o pastor e sua exposição de 1 Tessalonicenses 4).

É por isso que Paulo diz que “vemos apenas um reflexo obscuro, como em espelho” (ver 1 Co 13.12). O dom de profecia pode resultar em uma profecia *falha*, assim como o dom de ensino pode resultar em um ensino *falho*. Portanto, se o ensino, que é um dom sujeito a falibilidade, pode edificar e fortalecer a Igreja, por que a profecia não pode também ser boa para a edificação (ver 1 Co 14.3,12,26), ainda que esses dois dons sofram de imperfeição humana e necessitem de análise? (O foco do nosso capítulo seguinte é a maneira precisa como esse teste deve ser feito.)

De que forma a revelação vem?

A forma ou a maneira em que a revelação vem a nós não é especificada. Embora voz audível e visão não sejam descartadas, muitas vezes a revelação vem por meio de palavras, pensamentos ou mesmo imagens mentais impressas na mente e no espírito do profeta.

Você se lembra da história que contei da minha aluna e o número 202? Um incidente semelhante ocorreu na mesma reunião, poucos momentos depois. O mesmo homem estava falando com um casal a respeito de seu chamado para a evangelização, quando fez uma pausa e disse: “Acabo de ver uma foto de um rapzinho vestido como o general MacArthur. Garanto que o nome do seu filho é Douglas.” Eles de fato têm um filho, um menino chamado Douglas.

Isso pode ser chocante para você e lhe parecer uma forma bizarra de Deus se comunicar com alguém. Só posso sugerir que você leia sua Bíblia novamente e tome nota de quantas vezes Deus fez coisas incrivelmente bizarras e estranhas, pelo menos para os

padrões ocidentais. É claro que, em última análise, não se trata de avaliar o quanto um acontecimento é estranho se comparado aos padrões normais, mas se aquele evento revelador é coerente com as Escrituras e edificante para os envolvidos.

Mas como um profeta sabe se sua experiência ou pensamento é uma revelação do Espírito Santo e não de outra fonte? E há uma questão relacionada a essa, talvez mais importante: como os demais de nós sabemos? Tentarei responder a essa pergunta extremamente importante no capítulo seguinte.

Os profetas experimentam um êxtase?

Depende muito da definição de êxtase de cada um. Pode significar uma experiência na qual uma pessoa tem uma sensação de distanciamento mental, tornando-se inconsciente do seu entorno e, em graus variados, ficando alheia à visão ou a sons. Isso pode ou não implicar uma perda total de consciência. Outros definem êxtase como algo semelhante a um arrebatamento divino no qual o Espírito Santo se sobrepõe e assume o controle das faculdades de pensamento e de expressão de alguém.

Paulo não ensina que o êxtase é uma parte da experiência profética. Vários fatores apoiam essa conclusão.

Paulo presumia que a pessoa que estava profetizando era capaz de reconhecer, a partir de algum tipo de sinal, que outra pessoa recebera uma revelação e estava pronta para falar (ver 1 Co 14.30). Portanto, fica claro que os profetas não eram alheios ao seu ambiente.

Também se esperava que a pessoa que estava profetizando deixasse de falar ao reconhecer que outra recebera uma revelação (“cale-se o primeiro”). O profeta poderia falar ou manter-se em silêncio, de acordo com a sua vontade. Além disso, o segundo profeta não desatava a falar simplesmente, mas antes indicava sua

intenção ao primeiro de algum modo, esperando em seguida até o primeiro se calar.

Paulo disse que todos os que profetizavam poderiam fazê-lo em ordem, “cada um por sua vez” (v. 31), indicando que eles tinham um controle sensível e voluntário de suas faculdades.

Em 1 Coríntios 14.32, Paulo disse: “O espírito dos profetas está sujeito aos profetas.” Ele se referia às muitas e diferentes manifestações do mesmo Espírito Santo por meio do espírito de cada profeta individual (ver também 1 Co 14.12,14-16). Isso significa que o Espírito Santo nunca forçará ou obrigará um profeta a falar, mas que Ele submete a sua obra à sabedoria de cada indivíduo. Nesse sentido, o Espírito se submete de modo voluntário para que haja ordem. Essa não é uma declaração teológica de que somos, em algum sentido, superiores ou mais poderosos do que o Espírito Santo, mas simplesmente não é da natureza do Espírito incitar confusão ou coagir pessoas. Assim, Ele subordina sua inspiração ao tempo do próprio profeta. Esse versículo também vai de encontro ao argumento de alguns, que poderiam dizer que o Espírito os forçou a profetizar e, portanto, eles foram incapazes de se conter ou de dar a vez a outra mensagem (ver 1 Co 14.30). A resposta de Paulo foi que o Espírito Santo permanece sujeito aos profetas, nunca forçando alguém a falar de maneira desordenada ou caótica. O Espírito não é impetuoso nem incontrolável.

O caso das línguas é paralelo em muitos aspectos. Quem fala em línguas pode falar ou ficar em silêncio segundo a própria vontade. Além disso, esperava-se que essa pessoa seguisse uma “ordem de culto” prescrita no exercício do dom (ver 1 Co 14.27,28), algo fora de questão se essa pessoa estivesse, em qualquer sentido, desvinculada mentalmente dos eventos da reunião.

Entretanto, descartar o êxtase não significa que a experiência profética careça de uma dimensão emocional. A recepção e a comunicação da revelação divina podem muito bem implicar

entusiasmo espiritual, um senso de urgência e até mesmo uma sensação inequívoca da presença de Deus.

Paulo permitia que mulheres profetizassem?

Acredito que as mulheres podem e devem profetizar. No discurso de Pedro no dia de Pentecostes, ele disse explicitamente que uma característica da era atual da Igreja é a comunicação do dom profético do Espírito a homens e mulheres. Leia atentamente sua citação da promessa de Joel:

“Nos últimos dias”, diz Deus, “derramarei do meu Espírito sobre todos os povos. Os seus filhos e *as suas filhas* profetizarão, os jovens terão visões, os velhos terão sonhos. Sobre os meus servos e as *minhas servas* derramarei do meu Espírito naqueles dias, e eles profetizarão” (At 2.17,18; grifos do autor).

Em Atos 21.9, Lucas se referiu às quatro filhas de Filipe como possuidoras do dom de profecia. E em 1 Coríntios 11.5, Paulo deu instruções a respeito de como as mulheres deveriam orar e profetizar na reunião da igreja.

Então, diante desses fatos, o que Paulo queria dizer ao escrever: “... permaneçam as mulheres em silêncio nas igrejas, pois não lhes é permitido falar” (1 Co 14.34)? Todos reconhecem que essa é uma passagem difícil, cujas interpretações são muitas e variadas. Aqui, porém, quero mencionar somente os dois pontos de vista mais prováveis.

A visão mais popular entre os estudiosos conservadores entende que Paulo está proibindo as mulheres de participar da emissão de julgamento ou da avaliação dos profetas (ver 1 Co 14.29). Em outras palavras, Paulo não está impondo silêncio absoluto a todas as mulheres. Em vez disso, ele está pedindo

silêncio somente em um caso: especificamente a avaliação pública de declarações proféticas.

Devemos notar que Paulo já impôs silêncio duas vezes antes nesse mesmo parágrafo, e em nenhum dos casos o silêncio é absoluto. Primeiro, no versículo 28, ele diz que aqueles que falam em línguas devem permanecer “calados” se não houver um intérprete. Mas, certamente, eles poderiam falar de outras maneiras durante o culto. Depois, no versículo 30, ele diz aos que estavam profetizando para permanecerem “calados” se outra pessoa recebesse uma revelação. Novamente, ninguém acredita que essas duas exigências de “silêncio” signifiquem que tais pessoas não poderiam mais abrir suas bocas novamente durante o culto!

Em outras palavras, sempre há limitações contextuais em relação ao comando de “calar-se” (*sigao*). A restrição à fala pode ser temporal ou temática. No caso da primeira, alguém deve ficar em silêncio enquanto outra pessoa está falando (ver At 12.17; 15.12,13; 1 Co 14.30). No caso da última, aquele que fica em silêncio não fala de determinada maneira ou sobre determinado tema, mas pode falar de outras maneiras e acerca de outras questões. Assim, nessa visão, Paulo estaria restringindo o discurso destinado a criticar declarações proféticas, mas não proibindo outras formas de participação verbal.

Um argumento adicional para apoiar esse ponto de vista é encontrado na estrutura de 1 Coríntios 14.27,28. Quando Paulo dá conselhos sobre línguas, ele primeiro restringe o número dos que podem falar — “devem falar dois, no máximo três” — e, em seguida, dá instruções que visam assegurar que a congregação será edificada: “... cada um por sua vez/e alguém deve interpretar/se não houver intérprete, fique calado na igreja/falando consigo mesmo e com Deus.”

Então, no versículo 29, Paulo se volta à questão da profecia e faz a mesma coisa. Primeiro, ele restringe o número de pessoas

que podem profetizar — “devem falar dois ou três” — e, em seguida, assegura que a congregação será edificada, insistindo em que os outros devem emitir julgamento.

Nos versículos 30 a 35, Paulo aborda as questões que levantou no versículo 29 com mais profundidade. Nos versículos 30 a 33 primeira parte, ele explica o início do versículo 29: “Tratando-se de profetas, falem dois ou três...”. A partir da segunda parte do versículo 33 até o versículo 35, ele explica o final do versículo 29: “... e os outros julguem cuidadosamente o que foi dito.” Se esse perfil estiver correto, Paulo estaria proibindo as mulheres de falar na igreja somente no tocante ao julgamento ou à avaliação de declarações proféticas. Evidentemente, ele acreditava que isso implicava um exercício de autoridade restrito somente aos homens (ver 1 Tm 2.12-15).

Caso alguém se pergunte por que Paulo permitiria que as mulheres profetizassem, mas não que avaliassem as profecias de outros, a resposta está na própria natureza da profecia. Diferentemente do ensino, a profecia não implica o exercício de uma posição de autoridade dentro da igreja local. O profeta era apenas um instrumento por meio do qual a revelação é relatada à congregação. Pessoas que profetizavam não interpretavam oficialmente (ou com autoridade) ou aplicavam as Escrituras à vida. Profetas que não eram apóstolos não proclamavam os padrões teológicos e éticos pelos quais a igreja era guiada, nem são retratados exercendo autoridade governamental na igreja.

Mas avaliar, criticar ou julgar declarações proféticas é outra questão. Nessa atividade, dificilmente se poderia evitar a instrução teológica e ética explícita de outros crentes. Se presumirmos que em 1 Timóteo 2 Paulo proíbe as mulheres de ensinar ou exercer autoridade sobre homens, é compreensível que ele permitiria que as mulheres profetizassem em 1 Coríntios 11.5, mas as proibiria de julgar as palavras proféticas de outras pessoas (especialmente homens) em 1 Coríntios 14.34.

Essa visão também explica o apelo de Paulo à “Lei” (isto é, o Antigo Testamento) no versículo 34. O Antigo Testamento não ensina que as mulheres devem permanecer em silêncio durante todo o tempo no culto (ver Êx 15.20,21; 2 Sm 6.15, 19; Sl 148.12), mas endossa a liderança masculina no lar e no culto, o que é consistente com o ensinamento de Paulo nessa passagem e em outras.

Dito isso, penso haver outro ponto de vista que pode, mais provavelmente, ser o correto. De acordo com esse ponto de vista, quando Paulo diz às mulheres que “permaneçam em silêncio”, ele não as está proibindo de dar uma contribuição verbal à reunião, seja adorando, orando, profetizando, lendo as Escrituras, compartilhando um testemunho, ou atividades semelhantes. Ao contrário, Paulo está proibindo as mulheres de se engajarem em um interrogatório público com o marido de outra mulher. Há dois motivos principais pelos quais muitos acham esse ponto de vista interessante.

O primeiro está no versículo 35. Nele, Paulo diz que o falar das mulheres era motivado por um desejo de “aprender”. O “falar” que Paulo silencia eram as perguntas feitas por elas em uma tentativa de obter conhecimento e discernimento. Se elas quiserem aprender, e é perfeitamente correto e bom que o façam, deverão esperar e perguntar aos seus maridos em casa. Note bem: Paulo não diz: “Se elas tiverem algo a contribuir, deverão falar aos seus maridos mais tarde em casa”, mas: “Se quiserem aprender alguma coisa, que perguntem a seus maridos em casa.”

Mas, por que seria inadequado para as mulheres fazerem perguntas na reunião da igreja, em sua busca por conhecimento? A resposta é encontrada na segunda chave para entender essa passagem. É a palavra traduzida como “vergonhoso” no versículo 35 (ou “indecente”, na versão Almeida Revista e Corrigida). Por que seria “vergonhoso” ou “indecente” as mulheres interrogarem ou perguntarem publicamente algo a outros homens, que não seus maridos, em uma reunião pública da igreja? Christopher Forbes

diz que “existia no mundo greco-romano [do primeiro século]... um forte preconceito contra mulheres falarem em público e, especialmente, contra elas falarem aos maridos de outras mulheres. Em uma sociedade com papéis sociais e de gênero estritamente definidos e uma forte visão dos direitos do homem sobre sua esposa, tal comportamento era tratado como totalmente inadequado”.³

Portanto, as mulheres são livres para orar e profetizar na reunião. Mas, quando surgem questões que não compreendem, elas devem se abster de indagar. Por quê? Por um lado, em qualquer reunião há um limite de tempo, e Paulo não quer que qualquer indivíduo ou grupo domine a reunião — o que parece pelo menos uma parte do motivo para a sua instrução nos versículos 27 a 31, onde ele estabelece limites sobre quantos podem falar em línguas e profetizar. Por outro lado, e ainda mais importante, “fazer perguntas aos maridos de outras mulheres (especialmente porque isso pode levar a discussões prolongadas) seria muito inadequado e, como tal, não deve ser permitido”.⁴

Seria razoável argumentar que, se esse ponto de vista for correto, a proibição de Paulo no versículo 34 às mulheres de falarem não será mais aplicável, porque todos reconhecerão, pelo menos na sociedade ocidental, que hoje não é vergonhoso nem inadequado uma mulher fazer, em público, uma pergunta ao marido de outra mulher. Para ser totalmente franco, nenhuma interpretação é isenta de problemas. Isso deve, no mínimo, servir de advertência para todos nós contra sermos excessivamente dogmáticos sobre esse assunto controverso e muitas vezes causador de divisão.

Qual é o propósito da maioria das declarações proféticas?

As declarações proféticas *edificam*, *exortam* e *consolam* (ver 1 Co 14.3). Quando confrontadas repentinamente com a realidade inescapável

de que Deus conhece verdadeiramente os seus corações, ouviu as suas orações e está familiarizado intimamente com todos os seus caminhos, as pessoas são encorajadas a prosseguir e a perseverar. Tenho falado com frequência com crentes que, a despeito daquilo que sabiam ser verdade em termos teológicos, *sentiam-se* como se Deus os tivesse esquecido. Suas orações pareciam nunca ser ouvidas, muito menos respondidas. Então, muitas vezes sem aviso, um total estranho lhes dá uma palavra profética que só poderia ser conhecida pelo próprio Deus, sua fé é fortalecida e seus espíritos consolados.

As declarações proféticas também trazem *convicção* quando os segredos do coração do pecador são expostos (ver 1 Co 14.24,25). Paulo recebeu declarações proféticas ao *ensinar* (ver 1 Co 14.31) e até mesmo como um *direcionamento para o ministério* em certa ocasião (ver At 13.1-3). Um jovem casal de minha igreja anterior em Oklahoma estava considerando se Deus os estava, ou não, chamando a deixar a casa em que viveram toda sua vida e se mudar para Kansas City, para começar um treinamento ministerial. Certa noite, em um congresso em Kansas City, eles receberam uma curta, mas poderosa palavra de conselho de um homem que não os conhecia. Ele disse:

Artie e Jennifer... Arthur... e há uma Cheryl? Vocês são amigos de Sam, de Oklahoma, e estão se perguntando se devem ou não mudar-se para seguir o ministério. Bem, façam suas malas, porque seu ministério não está em Oklahoma.

A importância disso fica clara quando você percebe que eu não havia dito nada sobre um Arthur ou uma Cheryl, entretanto, esses são os nomes dos pais de Artie, que vivem na pequena comunidade de Lone Grove, em Oklahoma! Talvez você esteja se perguntando: *Por que Deus revelaria os nomes dos pais de um jovem dessa maneira?* Mais uma vez, acredito que este foi um sinal

do próprio Senhor para Artie e Jennifer, alertando-os para o fato de que o conselho tinha precisão. Não há qualquer maneira pela qual aquele ministro profético poderia ter obtido essa informação, exceto por revelação divina. É importante salientar que esse jovem casal já decidira mudar-se para Kansas City, mas a palavra profética foi uma confirmação divina para eles de que a sua decisão estava realmente dentro da vontade de Deus.

Por fim, ocasionalmente as declarações proféticas também podem conter *advertências* (ver At 21.4,10-14) ou apresentar *oportunidades*. Elas podem até *identificar e transmitir dons espirituais* (ver 1 Tm 4.14).

Cuidados

Permita-me concluir com algumas palavras de cautela a respeito de como a profecia *não* deve ser usada.

Primeiro, evite o uso de profecia para estabelecer doutrinas ou práticas que carecem de uma sustentação bíblica explícita. A Bíblia é o tesouro final e totalmente suficiente de toda doutrina ou verdade teológica dada por Deus. Também não devemos esperar receber princípios éticos novos por intermédio do ministério profético. O que é certo e o que é errado estão estabelecidos na Palavra de Deus escrita de modo definitivo e eterno.

Segundo, não apele às profecias para definir padrões de comportamento em questões secundárias. Tenha cuidado com aqueles que afirmam saber se é ou não da “vontade de Deus” os cristãos assistirem a filmes, beberem vinho, jogar sinuca ou se envolverem em outras atividades não defendidas ou proibidas explicitamente nas Escrituras.

Terceiro, evite o uso de profecia para divulgar em público informações negativas ou excessivamente críticas. Lembre-se de que, de acordo com 1 Coríntios 14.3, a profecia tem o propósito

de encorajar, edificar e consolar as pessoas da igreja. Ela não tem o objetivo de humilhá-las ou constrangê-las.

Quarto, tenha cuidado antes de conceder autoridade governamental na igreja àqueles que têm o dom de profecia. Ouça-os por todos os meios! Busque seu conselho e discernimento. Mas, ao mesmo tempo, lembre-se de que a liderança da igreja é responsabilidade dos presbíteros. O Novo Testamento não diz “sujeitem-se aos profetas”, mas “sujeitem-se aos mais velhos” (1 Pe 5.5; ver também Hb 13.17). Paulo foi de cidade em cidade ordenar ou nomear anciãos — não profetas (ver At 14.23; 20.17; 1 Tm 5.17; 1 Pe 5.2; Tt 1.5). Embora seja bom alguns presbíteros e pastores terem o dom profético, isso por si só não os qualifica ao ofício. Os presbíteros devem ser “aptos para ensinar” (1 Tm 3.2), não necessariamente capazes de profetizar.

Quinto, tenha cuidado para não desenvolver uma dependência excessiva de palavras proféticas para a tomada de decisões rotineiras em sua vida. Não obstante, em certas situações, a orientação de uma palavra profética é adequada. A decisão a ser tomada pelo jovem casal de Oklahoma, que mencionei, é um desses casos. Até mesmo o apóstolo Paulo alterava ocasionalmente seus planos de viagem e de ministério com base em revelações proféticas (ver At 16 e Gl 2.1,2).

Geralmente, porém, Paulo enfatizava a importância de “avaliar” as circunstâncias de qualquer situação que se esteja enfrentando. Considere as necessidades das pessoas, os princípios da Palavra de Deus e procure o conselho daqueles que são conhecidos pela sua sabedoria (ver Fp 2.25; 1 Co 6.5).

A respeito de seus planos de viagem, Paulo escreveu: “Se me parecer conveniente ir também, eles me acompanharão” (1 Co 16.4). Nessa passagem, Paulo planejava tomar sua decisão com base em uma avaliação sóbria do que era “adequado” ou aconselhável, tendo em vista as circunstâncias e o que ele sentia

que agradaria a Deus. Claramente, nada do que ele disse descartava a possibilidade de a visão profética desempenhar um papel. Em outros textos, Paulo apelou a “conhecimento” e “sabedoria e entendimento espiritual” (Fp 1.9,10; Cl 1.9) como essenciais no processo de tomada de decisão. Certamente, a revelação dada pelo Senhor pode ser crucial em tal deliberação, mas Deus não quer que fiquemos paralisados na ausência dela.

Finalmente, resista à pressão de profetizar na ausência de uma revelação divina. Pessoas que têm o dom profético estão sob pressão constante para produzir de acordo com a necessidade. “Preciso de uma palavra de Deus e preciso dela agora” não é um pedido incomum feito aos envolvidos no ministério profético. A todo custo, resista à tentação de falar quando Deus está em silêncio. Algumas das denúncias e avisos de julgamento mais graves são reservados àqueles que afirmam falar em nome de Deus, quando Deus não falou (ver Ez 13.1-9; Jr 23.25-32).

O dom de discernimento de espíritos

Esse dom espiritual pode ser a capacidade de julgar com discernimento declarações proféticas, estando, assim, relacionado ao dom de profecia, da mesma maneira que a interpretação está relacionada ao dom de línguas (ver 1 Co 14.29). Todavia, os “outros” citados em 1 Co 14.29 são provavelmente todos os outros crentes, não apenas um grupo seleta com um dom especial (ver capítulo 7).

Sinto-me inclinado a acreditar que esse dom é a capacidade de distinguir entre obras do Espírito Santo e obras de outro espírito (demoníaco) ou, talvez, até mesmo o espírito humano. O Espírito Santo não produz todos os milagres ou demonstrações sobrenaturais. Embora todos os cristãos sejam responsáveis por “examinar os espíritos para ver se eles procedem de Deus” (1 Jo 4.1),

Paulo tem em mente aqui uma capacidade especial, fundamentalmente intuitiva ou de natureza subjetiva. Levando em conta o contexto de 1 João, todos devem examinar os espíritos avaliando suas mensagens. Em particular, eles confessam que “Jesus Cristo veio em carne” (1 Jo 4.2)? Isso não requer qualquer dom especial. Mas o dom espiritual de discernimento de espíritos é, provavelmente, um sentido ou sensação despertado sobrenaturalmente, referente à natureza e à origem do espírito.

Alguns possíveis casos em que esse dom estava operante incluem:

- Atos 16.16-18, onde Paulo discerniu que o poder de certa escrava era, na verdade, um espírito demoníaco.
- Atos 13.8-11, onde Paulo discerniu que Elimas, o mágico, fora energizado por demônios em sua tentativa de se opor à apresentação do Evangelho.
- Atos 14.8-10, onde mais uma vez Paulo discerniu (“viu”) que um homem tinha fé para ser curado.
- Quando uma pessoa é capaz de discernir se um problema vivido por alguém é de origem demoníaca ou mera consequência de outros fatores emocionais e psicológicos, ou talvez uma combinação complexa de ambos.
- Quando pessoas com esse dom são capazes de detectar ou discernir a presença de espíritos demoníacos em uma sala ou outro lugar semelhante.
- Em Atos 8.20-24, diz-se que Pedro “viu” (não fisicamente, mas percebeu ou sentiu) que o feiticeiro Simão estava cheio de amargura e iniquidade.

Parece que Jesus exerceu algo semelhante a esse dom quando olhou para Natanael e o descreveu como um homem “em quem não há falsidade” (Jo 1.47). Em João 2.25 a Bíblia diz que Jesus “bem sabia o que havia no homem”. Esse era um dom de discernimento de espíritos?

A profecia é, certamente, um dom precioso de Deus para o seu povo. Mas isso não significa que ela está imune a qualquer mau uso. Talvez o maior desserviço que demonstremos para com aqueles que profetizam seja não avaliar o que eles dizem à luz da Bíblia. Quero abordar exatamente esse ponto no capítulo seguinte.

Você compreendeu?

1. Defina o dom espiritual de “profecia”. Se for possível, como você diferenciaria esse dom do dom da palavra de conhecimento?
2. Você já transmitiu ou recebeu o que acreditava ser uma palavra profética? Descreva-a e explique por que você pensa que esse foi um caso de dom “profético”.
3. Leia novamente os exemplos extraídos da vida de Charles Spurgeon. Ele provavelmente foi um cessacionista e não acreditava que os dons de revelação, como o de profecia, ainda fossem válidos após o período dos apóstolos. Em vista disso, como você explicaria o que aconteceu a ele? Como você pensa que ele explicaria isso?
4. De que maneiras os dons espirituais de profecia e de ensino se assemelham e diferem entre si? O que podemos aprender sobre a profecia comparando-a à maneira como o ensino funciona?

5. Que provas existem de que os autores do Novo Testamento esperavam que as mulheres profetizassem tanto quanto os homens?
6. Defina e descreva o dom do discernimento de espíritos. Você pode dar um exemplo de sua própria experiência, ou de alguém que você conhece, desse dom em operação? Como ele foi útil? De que maneira Deus o usou para fortalecer ou incentivar outro crente?

Quem disse que Deus disse?

Hoje em dia, a necessidade mais urgente no ministério profético não é a capacidade de ouvir a voz de Deus com maior clareza. Por mais importante que isso seja, *a necessidade mais urgente é uma igreja instruída nas questões teológicas e que conheça a Bíblia o suficiente para poder julgar e avaliar de modo eficaz tanto a origem quanto o significado de sonhos, visões e impressões subjetivas.*

Aqueles de nós que abraçam com alegria os dons do Espírito Santo precisam encarar honestamente o fato de que, com demasiada frequência, pessoas do ministério profético têm sido pouco diligentes em seu estudo da Palavra de Deus *escrita* e, portanto, pouco competentes para testar e analisar com eficácia o significado da Palavra de Deus *falada*. Alguns se tornaram tão cativos do sensacionalismo das palavras reveladas espontaneamente que têm negligenciado as Escrituras.

Uma tendência perturbadora entre alguns membros do Corpo de Cristo é a falta de diligência e disciplina no estudo da Palavra de Deus, motivada pela premissa não verbalizada de ser muito mais fácil receber uma profecia transformadora de vida

do que ser transformado pelo estudo das Escrituras. Em certo sentido, eles estão corretos. É mais difícil aprofundar-se ativamente nos rigores do estudo bíblico do que receber passivamente uma palavra empolgante de revelação vinda de uma voz profética ungida. Isso não deve, de maneira alguma, minimizar — e muito menos negar — a realidade da profecia. Mas as palavras proferidas por profetas nunca devem se tornar uma desculpa para sermos preguiçosos quando se trata de buscar profundamente os tesouros da Palavra de Deus escrita que, caso contrário, permanecerão ocultos para sempre.

Não estou sugerindo que devemos opor uma à outra: a Palavra de Deus escrita contra a Palavra de Deus falada. Afinal, foi na Palavra *escrita* (ver 1 Ts 5.20 e outras passagens) que Paulo nos disse para não desprezarmos a Palavra *falada*! Mas nunca se esqueça de que é a primeira que julga e examina a última.

Há numerosos motivos pelos quais as pessoas têm ficado cada vez mais negligentes no seu dever de julgar as palavras proféticas. Algumas estão tão acostumadas a ouvir a voz de Deus e a ter pessoas que esperam ouvi-la delas, ou a interpretá-la para aqueles que afirmam tê-la ouvido, que tendem a não fazer uma avaliação. Estão simplesmente muito felizes em interpretar aquilo que acreditam ser o significado da palavra, mas não se preocupam em avaliar sua origem ou validade. Com frequência, elas simplesmente assumem ou tomam como certo que o que é supostamente uma palavra profética veio totalmente de Deus. Elas ficam tão animadas com a profecia que têm medo de reconhecer que algumas coisas chamadas de “palavras” não são genuínas.

Além disso, é difícil e desagradável desafiar uma pessoa quanto à validade de uma palavra que ela tenha falado. O confronto é desconfortável e, muitas vezes, usaremos qualquer desculpa para evitá-lo. Afinal, não queremos ferir os seus sentimentos ou correr o risco de “podá-la”, deixando-a com medo de voltar a abrir-se à

possibilidade de Deus falar. Esse senso de compaixão admirável, mas equivocado, só agrava o problema.

Outros estão tão preocupados em não desprezar palavras proféticas nem reprimir o Espírito Santo que se eximem de julgar ou avaliar criticamente o que é dito. Relacionado a isso está o medo de que, se julgarem mal uma palavra profética, eles poderão perder a bênção ou o benefício que Deus planejara que eles recebessem por meio dela. Não querem parecer críticos, muito menos céticos, sobre o que pode muito bem ser a voz dos céus.

Certa vez, alguém justificou para mim uma relutância em avaliar criticamente uma palavra profética, dizendo: “Eu quero ser capaz de responder como Maria, a mãe de Jesus, quando Gabriel trouxe a notícia de sua concepção virginal iminente: ‘Que aconteça comigo conforme a tua palavra’.” Essa pessoa acreditava, equivocadamente, que responder com outra coisa que não uma fé inquestionável e submissão à palavra poderia desqualificá-la para colher o fruto que isso deveria produzir em sua vida. Compreendendo o zelo dessa pessoa e, até certo ponto, realmente o considero louvável. Mas ele pode também ser extremamente perigoso. A exortação de Paulo a julgar todas as palavras proféticas indica que *não é falta de fé avaliar primeiramente o que é dito*.

Depois, há o fator adicional que denomino *temor profético*. Com isso, quero dizer o respeito, de fato, a reverência virtual que algumas pessoas têm para com aqueles especialmente dotados no ministério profético. Certas pessoas têm tanta reverência por alguns profetas que, no momento em que os profetas abrem a boca, colocam o cérebro em ponto morto, lançam o discernimento ao vento e nunca pensam em abrir a Bíblia para ver se o que eles estão dizendo é realmente verdadeiro. O resultado é que todos os tipos de ideias esquisitas e antibíblicas são transmitidos como se fossem revelação divina. Pior ainda, as pessoas acabam sendo feridas, usadas e manipuladas; e a própria profecia acaba sendo

ridicularizada pelos que são de fora da igreja e minimizada pelos que estão dentro dela. Isso precisa parar. Deixe-me apenas lembrá-lo de que o apóstolo Paulo não foi, de modo algum, ofendido ou constrangido pelos bereanos que examinavam as Escrituras para determinar se o que ele dizia era verdadeiro (ver At 17.10,11).

A profecia é preciosa e importante demais para a igreja para que esse tipo de mau uso continue por mais tempo. Alguns que acreditam no dom de profecia e desejam zelosamente ser excelentes em seu exercício têm exagerado na reação ao ceticismo e cinismo dos cristãos que acreditam que ele morreu com o apóstolo João. Essa reação exagerada resultou em uma resposta igualmente perigosa: credulidade e aceitação impensada de qualquer coisa que seja pronunciada como uma “palavra”. Essas duas respostas à profecia acabarão destruindo a sua eficácia na Igreja.

A ordem bíblica

Veja o conselho de Paulo em 1 Tessalonicenses 5.19-22. Muitos leem essa passagem como uma exortação geral a respeito de nossa reação diante do bem e do mal. Contudo, do início ao fim, a passagem descreve especificamente a responsabilidade de toda a Igreja em julgar declarações proféticas:

Não apaguem o Espírito [v. 19]. Não tratem com desprezo as profecias [v. 20], mas ponham à prova todas as coisas e fiquem com o que é bom [v. 21]. Afastem-se de toda forma de mal [v. 22].

Observe o paralelo entre o versículo 19 e o versículo 20. A exortação de Paulo no versículo 19 a não apagar o Espírito tem a ver com nossa resposta à profecia no versículo 20. Ele pode muito bem se aplicar ao exercício de outros dons espirituais na Igreja, mas sua referência primeira e principal é ao dom de profecia. A

atividade do Espírito de transmitir visão reveladora da vontade e dos caminhos de Deus é comparada a um fogo que não devemos apagar com a água do ceticismo, da religiosidade ou do medo.

Talvez a palavra mais importante de todas seja “mas”, no início do versículo 21. Claramente, Paulo está estabelecendo um contraste. *Em vez de* apagar o Espírito Santo ao desprezar declarações proféticas, examine tudo. “Tudo”, ou “todas as coisas” no versículo 21, refere-se às declarações proféticas mencionadas no versículo 20.

Isso leva à conclusão de que o “bom”, ao qual devemos nos apegar (v. 21), e o “mal”, do qual devemos nos abster ou afastar (v. 22), também são referências a declarações proféticas (ver v. 20). A maioria tem apelado aos versículos 21 e 22 como uma exortação geral para nos ajudar em nossa resposta ao bem e ao mal do mundo. Porém, quando observados à luz do contexto geral, vemos que o “bom” refere-se às declarações proféticas que realmente vêm de Deus e encorajam, edificam e consolam, enquanto o “mal” refere-se àquilo que se alega ser revelação de Deus, mas na verdade não é, pois demonstrou ser inconsistente com as Escrituras.

O fato de Paulo ter se sentido compelido a escrever isso é, em si, notavelmente instrutivo. Assim, ele nos diz que nem todos da Igreja Primitiva estavam totalmente felizes com o dom de profecia. Alguns estavam desiludidos claramente com o seu uso na Igreja e realmente tomavam medidas para suprimir seu exercício. Isso é notável pelo simples fato de estar acontecendo na igreja de Tessalônica, uma das primeiras congregações e uma das mais piedosas e maduras (ver o elogio que Paulo lhes faz em 1 Ts 1.1-10).

Por que alguns de Tessalônica estavam “tratando com desprezo” as palavras proféticas? Provavelmente, pelo mesmo motivo que as pessoas fazem isso hoje! Sem dúvida, foi feito mau uso do dom profético em Tessalônica, levando alguns a pedir por sua

eliminação completa. Alguns podem ter usado o dom profético para controlar a vida de outras pessoas ou para aumentar sua esfera de influência e poder na Igreja.

Talvez ele tivesse sido usado em demasia. Sabemos que, na cidade de Corinto, as pessoas com dom profético tendiam a dominar as reuniões públicas da igreja, forçando Paulo a estabelecer diretrizes rígidas para a profecia em ambientes de grupo (ver 1 Co 14.29-36). Eu imagino que as palavras proféticas não tenham sido devidamente julgadas. Problemas surgiram por causa de pessoas que aceitavam cada palavra como sendo “de Deus”, de modo ingênuo e simplório. Não há dúvida de que alguns entre eles consideravam a profecia estranha e se envergonhavam pelo seu uso na congregação.

É provável que alguns alegassem ser especiais para Deus, favorecidos singularmente ou mais espirituais e mais maduros, simplesmente por terem esse dom. Os desprovidos do dom estariam compreensivelmente fartos desse tipo de elitismo e, talvez, responderam insistindo em que tal atividade fosse estritamente controlada e até suprimida. É bem possível que alguns estivessem desiludidos com palavras que não viram tornar-se realidade, e por se sentirem feridos reagiram de forma exagerada à simples presença desse dom na Igreja. Não é incomum pessoas presumirem erroneamente que uma profecia é uma garantia infalível, quando na realidade, com mais frequência ela assume a forma de um mero convite ou exortação. Sabemos que o povo de Tessalônica estava um pouco inquieto quanto a supostas palavras proféticas, como deixa claro o cenário descrito em 2 Tessalonicenses 2.1-2.

Não perca de vista a força do que Paulo estava dizendo. Dito de maneira simples, não importa o quão frequentemente as pessoas tenham feito mau uso desse dom, é *pecado* desprezar a profecia. Esse é um mandamento divino. Não trate a profecia com desprezo; não a trate como se ela não tivesse importância; não a banalize. Em

outras palavras, há algo verdadeiro e vivo sob aquela água escura e repugnante. Portanto, ao jogá-la fora, tenha cuidado para não jogar fora também algo de valor que está ali submerso!

Essa exortação também significa que, se você *despreza* a profecia, se procura excluí-la de sua vida na igreja, se a ignora com irreverência, você “apagou o Espírito Santo”, apagou o seu fogo! Isso em si revela muito a respeito de como o Espírito Santo ministra por nosso intermédio. Ele raramente, ou nunca, irá forçar uma manifestação ou exibição de um dom, ou qualquer expressão sobrenatural ou natural. O Espírito se submete de bom grado à vontade e ao tempo do crente (ver 1 Coríntios 14.32). O Espírito Santo não atua sobre nós ou por meio de nós como se fôssemos marionetes. O Espírito soberano se sujeita com alegria à nossa decisão sobre quando e como entregamos palavras proféticas. Isso também significa que você pode apagar pecaminosamente o fogo do Espírito que está queimando no coração de outra pessoa! Cuidado, esse é um terreno perigoso!

Então, qual é a alternativa para não apagar o Espírito Santo quando Ele fala profeticamente por meio de alguém? Não é a do “vale tudo”. Ao contrário, devemos avaliar, julgar ou examinar cada palavra. Paulo não corrigiu o mau uso ordenando o desuso — como é a prática de muitos não carismáticos dos dias de hoje. Não devemos acreditar ingenuamente em toda palavra falada, nem cinicamente rejeitar todas. O remédio de Paulo para o desprezo pecaminoso não foi a abertura incondicional. Sua solução foi o discernimento fundamentado na Bíblia.

Ponderando uma palavra

Qual é, então, a nossa responsabilidade quando profecias são dadas? É bastante simples: devemos testar, examinar, avaliar, aferir, ponderar, julgar essas “declarações”.¹ A exortação de Paulo é tripla:

(1) examinar tudo, (2) apegar-se ao que é bom e (3) abster-se de toda forma de mal. Vejamos maneiras práticas de fazer essas coisas.

Examinar tudo

Primeiro, ele ordenou “examinar tudo”. Ao dizer “tudo”, Paulo não se referia a tudo em geral, mas o contexto indica que ele quis dizer “todas as declarações proféticas”. E como as examinamos ou testamos? Aqui estão algumas sugestões.

A Igreja Primitiva devia avaliar as profecias à luz das tradições apostólicas transmitidas a ela por Paulo (ver 2 Ts 2.15). A referência ao que eles foram “ensinados... de viva voz”, obviamente, faz alusão à instrução verbal recebida de Paulo durante sua estada em Tessalônica. A “carta” que Paulo menciona é, provavelmente, uma referência a 1 Tessalonicenses ou 2 Tessalonicenses.

Para nós, nos dias de hoje, todas as palavras proféticas precisam estar em absoluta conformidade com a Bíblia. No deserto, Jesus testou as palavras de Satanás contrapondo-as com o que o restante das Escrituras diz e expôs como ele estava aplicando os textos enganosamente (ver Mt 4).

Nós também medimos uma palavra profética pelo quanto ela é capaz de edificar. De acordo com 1 Coríntios 14.3, precisamos sempre perguntar: *Ela edifica e fortalece? Ou destrói e cria desunião, medo, dúvida e autodesprezo? A palavra tende a exortar e encorajar? A palavra tende a consolar ou leva ao desespero?* Se a palavra for uma previsão, descubra se o evento aconteceu conforme foi profetizado.

Devemos também aplicar o teste do amor (ver 1 Co 13), pelo qual todos os dons carismáticos devem ser mensurados e subordinados. Paulo não mostraria se importar muito com qualquer dom do Espírito se ele violasse os ditames do amor. O teste da comunidade também é importante. A sabedoria exige que sempre

apresentemos a palavra a outras pessoas que tenham habilidade e experiência na avaliação de revelações proféticas.

Finalmente, há o teste da experiência pessoal. Quando foi dada a Paulo uma palavra sobre o perigo que o aguardava em Jerusalém (ver At 21.3,4 e 21.10-14), ele avaliou e, então, respondeu com base no que Deus já lhe dissera e mostrara (ver At 20.22,23). Na realidade, Paulo disse: “Sim, todos tivemos a mesma revelação e interpretação de que o sofrimento me aguarda em Jerusalém, mas diferimos na sua aplicação.”

Apegar-se ao que é bom

A segunda exortação de Paulo é “apegar-se ao que é bom”. Após determinar que a palavra é *boa*, bíblica e cumpre todos os outros critérios, e que portanto provavelmente vem de Deus, acredite nela, obedeça-a e preserve-a.

Abster-se de toda forma de mal

A terceira exortação de Paulo foi “abster-se de toda forma de mal”. A palavra “abster-se” (ou, em outras versões, “evitar”) também é encontrada em 1 Tessalonicenses 4.3 (“abstenham-se da imoralidade sexual”) e 1 Timóteo 4.3 (“abstinência de alimentos”, na versão Almeida Revista e Atualizada). A palavra traduzida como “forma” ou “tipo” é usada somente nesse versículo nos escritos de Paulo. Portanto, devemos evitar todo tipo de declaração profética que seja má e não esteja de acordo com as Escrituras, que não edifique, encoraje, exorte e console.

Implicações práticas

Isso leva a várias conclusões importantes. Primeiro, significa que, de maneira geral, os profetas podem falar palavras boas e palavras más. Mas, lembre-se, o mal pode se apresentar em diversas

nuanças! Mal pode significar simplesmente não ser bom ou não fazer de forma eficaz o que a Bíblia diz que a profecia deve fazer. Nesse caso, *mal* significa “ineficaz” ou “infrutífero”. Ou *mal* pode também denotar “contrário às Escrituras”. Isso não dá a entender necessariamente “odioso, malvado, sinistro, perverso ou motivado por um desejo de infligir dano a você”. Quer dizer simplesmente uma palavra que não realiza o que palavras proféticas verdadeiras são projetadas por Deus para realizar.

Segundo, significa que não podemos presumir que toda ideia, imagem ou palavra que vem à nossa mente — ou à mente de um profeta reconhecido — é uma revelação de Deus.

Terceiro, significa que há uma grande diferença entre profetizar falsamente e ser um falso profeta. Todos nós — alguns mais, outros menos — já profetizamos falsamente em algum momento. Falamos palavras que pensamos ser de Deus, mas, de fato, não eram. Mas isso não nos torna falsos profetas. Isso só nos torna seres humanos! De fato, o Novo Testamento fala sobre falsos profetas, mas eles não eram cristãos que cometiam erros ao entregar palavras proféticas. Os falsos profetas eram inimigos não cristãos do Evangelho (ver Mt 7.15-23; 24.10,11,24; 2 Pe 2.1-3; 1 Jo 4.1-6).

Emissão de julgamento (1 Coríntios 14.29)²

Outro texto relevante para julgar palavras proféticas é encontrado em 1 Coríntios 14.29. Nesse versículo, Paulo escreveu: “Tratando-se de profetas, falem dois ou três, *e os outros julguem*” (grifos do autor).

A declaração de Paulo de que devemos “deixar dois ou três profetas falarem” em uma reunião indica que seria uma violação da Palavra de Deus permitir que esse número fosse *maior*? Se assim for, seu objetivo seria limitar o número a três para que

as pessoas com esse dom não dominassem a reunião. Há uma instrução semelhante no versículo 27 sobre aqueles que falam em línguas. No entanto, os versículos 24 e 31 parecem sugerir que muitos poderiam profetizar em uma reunião. Nesse caso, não deveria haver mais do que três de cada vez, antes de os outros pesarem cuidadosamente o que estava sendo dito. Em outras palavras, o versículo 29 pode ter sido concebido para restringir quantos podem falar *em sequência*, mas não o número total de profecias dadas em qualquer culto.

Os “outros” que devem emitir julgamento são, provavelmente, os outros da congregação como um todo, isto é, todos os outros crentes presentes. O texto de 1 Tessalonicenses 5.20,21, que exige a avaliação das declarações proféticas, é dirigido a toda a igreja, não a um grupo com um dom especial.³

Qual é a natureza desse julgamento a ser emitido? Não é determinar se a declaração é do Espírito ou do diabo, mas se ela é compatível com o que o Espírito já disse — nas Escrituras, na tradição apostólica e assim por diante. Se a profecia congregacional do Novo Testamento é, ocasionalmente, uma mistura de revelação divina e interpretação e aplicação humanas (ver At 21.4-6; 21.10-14,27-35), é essencial que a Igreja avalie e analise o que é dito, rejeitando o que é errado e aceitando o que é certo (ver 1 Ts 5.19-22; ver também 1 Jo 4.1-6). Apenas sob o pressuposto de que algumas das coisas ditas pelo profeta são expressão de suas próprias ideias e, portanto, possivelmente errôneas ou enganosas, Paulo poderia ordenar que suas declarações fossem avaliadas. Grudem diz:

Enquanto um profeta falava, cada membro da congregação ouvia atentamente, avaliando a profecia à luz das Escrituras e dos ensinamentos competentes que já sabia serem verdadeiros. Em seguida, havia uma oportunidade de falar em resposta; sem

dúvida, os sábios e maduros eram os que mais contribuía. Mas nenhum membro do corpo precisaria se sentir inútil, pois cada membro ponderaria e avaliaria o que fora dito, ainda que fosse apenas silenciosamente.⁴

A conclusão a ser tirada deste capítulo é simples: sempre que você for o destinatário de uma palavra profética, abra sua Bíblia e avalie cuidadosamente o que foi dito. Fazer isso não é um sinal de descrença, cinismo ou orgulho, muito menos é suspeitar da pessoa que a proferiu. É sua obrigação cristã. Minha esperança é que cada um de nós determine, em seu coração, não ser um cético que acaba apagando o fogo do Espírito, nem um tolo que ingenuamente acredita em tudo que é dito.

Respondendo a argumentos contra a profecia para os dias de hoje

Referi-me em várias ocasiões à minha contribuição para o livro *Cessaram os Dons Espirituais? 4 Pontos de Vista*. Grande parte da interação dos autores nesse livro gira em torno desta questão: *Como responderíamos hoje se Deus falasse conosco profeticamente da mesma maneira como falou aos cristãos do primeiro século?*

Richard Gaffin, que defendia o ponto de vista cessacionista, fez objeção à possibilidade de uma revelação pós-canônica, com base na ideia de que seríamos obrigados a atendê-la e a nos submetermos a ela *tanto quanto às Escrituras*. Mas a questão a respeito de os cristãos serem obrigados a se submeter à autoridade de “palavras” diferentes das palavras da Bíblia é algo que os próprios cessacionistas precisam enfrentar. Lembre-se de que Paulo instruiu os cristãos de Tessalônica a dar grande valor às declarações proféticas. Eles eram obrigados a atender e a submeter-se — literalmente, “ficar com” (1 Ts 5.21) — às palavras proféticas

que recebiam, da mesma forma que eram “obrigados a atender e a submeter-se” às Escrituras em que essa mesma instrução é encontrada. Evidentemente, Paulo não temia que a resposta deles à palavra profética falada minasse a autoridade definitiva ou a suficiência da revelação escrita (a Bíblia) que ele lhes estava enviando. A questão é: a revelação não canônica não era incompatível com a autoridade da Bíblia *naquela época*, nem precisa ser *agora*. Isso é especialmente verdadeiro se, como argumentei, presumimos que a profecia contemporânea produz palavras que são, ocasionalmente, uma mistura de coisas falíveis e infalíveis.

Alguém poderia perguntar: “Mas, no século vinte e um, em um mundo no qual o cânon está fechado, como devemos responder a uma revelação não canônica?” A resposta é: “Da mesma maneira que os cristãos, como os tessalonicenses, respondiam a ela em seu mundo do primeiro século cujo cânon ainda estava aberto, ou seja, *avaliando-a à luz das Escrituras*.” Nesse período a Bíblia ainda estava surgindo e, portanto, era parcial para eles, mas é completa para nós. Tal revelação teria o mesmo peso de autoridade para nós que tinha para eles. Além disso, estamos em uma posição muito melhor hoje do que a Igreja Primitiva, porque temos a forma final do cânon a partir do qual avaliar afirmações de revelação profética. Se eles eram capazes de avaliar a revelação profética naquele tempo (e Paulo acreditava que eles eram; seu ensino em 1 Tessalonicenses 5 e 1 Coríntios 14 testemunha precisamente isso), quanto mais somos nós hoje!

Se a revelação não canônica não era uma ameaça para a autoridade definitiva das Escrituras em sua forma emergente, também não deve constituir uma ameaça para as Escrituras em sua forma final. Os cristãos do primeiro século eram obrigados a crer na Bíblia e obedecê-la no período em que seu cânon ainda estava aberto, simultaneamente com e na presença de revelações proféticas não canônicas. Portanto, não há qualquer razão para

pensar que a revelação não canônica no período canônico fechado da história da Igreja apresentaria qualquer problema adicional.

Seguindo uma linha de pensamento correlata, Gaffin argumentou que a Bíblia não pode ser usada para avaliar a profecia contemporânea, devido à suposta especificidade da profecia. Mas, novamente, isso não é um problema maior para nós hoje do que teria sido para os cristãos do primeiro século. Eles não avaliaram a revelação profética apesar de sua especificidade e individualidade? Se eles foram obedientes à instrução de Paulo, certamente o fizeram (ver 1 Co 14.29; 1 Ts 5.21,22). Nós podemos fazer o mesmo. Lembre-se de que, de fato, estamos mais bem equipados para avaliar as profecias do que eles, porque temos em mãos a forma final da revelação canônica, pela qual podemos fazer tais julgamentos.

Gaffin também insistiu no fato de que admitir a possibilidade de qualquer revelação além das Escrituras implica, necessariamente, certa insuficiência no texto bíblico que precisa ser compensada. Mas é preciso perguntar: “A Bíblia é suficiente para quê?” Certamente ela é suficiente para nos fornecer as verdades e os princípios teológicos essenciais para uma vida de santidade. Todavia, Gaffin reconheceu que Deus se revela a indivíduos em uma variedade de maneiras pessoais muito íntimas. Mas não haveria necessidade de Ele fazer isso se a Bíblia fosse tão exaustivamente suficiente como Gaffin insiste em outro trecho. Se Deus acha importante e útil revelar-se aos seus filhos de maneiras pessoais e íntimas, isso testemunha o fato de que a suficiência da Bíblia não tem a função de sugerir que não precisamos mais ouvir do nosso Pai celestial ou receber orientação específica em áreas em que o texto bíblico é silencioso.

Em lugar nenhum a Bíblia afirma que nos fornece todas as informações possíveis e necessárias para tomar todas as decisões que precisaremos tomar na vida. Ela pode nos dizer para

pregar o Evangelho a todas as pessoas, mas não diz a um novo missionário, na época atual, que Deus deseja o seu serviço na Albânia em vez da Austrália. A possibilidade de Deus falar além da Bíblia, seja para orientação, exortação, encorajamento ou convencimento de pecado, não representa uma ameaça à suficiência que ela reivindica para si.

Você compreendeu?

1. Você já relutou em “julgar” ou “ponderar” declarações proféticas quando elas foram ditas em público na igreja? Se sim, por quê? Seja específico.
2. O que exatamente Paulo esperava dos tessalonicenses quando lhes disse para “julgar”, “pesar” ou “testar” declarações proféticas? Como eles deveriam responder a tal ordem? E como nós devemos fazê-lo?
3. Como alguém deve usar as Escrituras no julgamento de palavras proféticas?
4. Em 1 Coríntios 14.29, quem são os “outros” chamados a julgar as palavras proféticas? Em que você fundamenta sua resposta?
5. Quais são as maiores objeções ou temores quando se trata do uso de profecia nos dias atuais? Como você responde aos que insistem em que não precisamos de profecia hoje, já que temos o cânon completo das Escrituras?

O que é o dom de línguas?

“**D**ou graças a Deus por falar em línguas mais do que todos vocês.”

Você poderia pensar que essas palavras são de um místico medieval sombrio, ou talvez de um exibicionista carismático participando como convidado no programa *Praise the Lord*,^{*} da emissora norte-americana TBN. Para surpresa de muitos, essas são as palavras de Paulo de Tarso, apóstolo de Jesus Cristo, gênio teológico e escritor da Bíblia, em 1 Coríntios 14.18. Evidentemente, em sua vida religiosa Paulo dedicava-se regularmente a orar, cantar e louvar em línguas, e ele não tinha a menor hesitação ou vergonha de dizer isso. Na verdade, ele era grato a Deus profundamente por ter recebido esse dom. No mínimo, isso nos fará pensar duas vezes antes de dispensarmos rapidamente as línguas por considerá-las um hábito de fanáticos excessivamente emocionais e mal informados. O dom de línguas é simplesmente a capacidade, ativada pelo Espírito, de orar, adorar, dar graças ou falar em um idioma diferente do seu, ou de algum que você tenha aprendido na escola.

* *Praise the Lord* [Louve ao Senhor] é um programa cristão de variedades da rede norte-americana TBN que recebe convidados como músicos, cantores e evangelistas.

O dom de línguas talvez seja a questão mais polêmica e controversa no Cristianismo do século vinte e um. Ocorrem na Igreja disputas acaloradas de coisas como o papel da mulher, o tempo do Arrebatamento, o batismo nas águas, a infalibilidade das Escrituras, o milênio; mas nada se compara à hostilidade e às ofensas provocadas pelo debate sobre a natureza e a validade do falar em línguas contemporâneo. As pessoas raramente são neutras a respeito desse dom espiritual.

Fui criado em uma tradição que considerava o falar em línguas apenas um degrau acima do manuseio de serpentes. As pessoas ignorantes e indignas falavam em línguas, provavelmente com os olhos revirados em suas órbitas, à beira de algo semelhante a um ataque epilético — assim fui levado a acreditar. No entanto, as pessoas que sabiam ler e escrever e esperavam deixar sua marca no mundo não seriam vistas resmungando aquele tipo de fala sem nexos ou associando-se àqueles que o faziam. Pelo menos foi desse modo que fui levado a acreditar.

Eu sei o que é sentir repulsa pelo falar em línguas. Durante muitos anos, ridicularizei aqueles que afirmavam vivenciar esse fenômeno. Sei o que é ficar envergonhado por uma explosão repentina não interpretada que rompe a solenidade de um culto de adoração e perturba o sentimento de temor santo e reverência. Mas peço-lhe que não deixe que o desconforto causado por um incidente impróprio o endureça para sempre contra a possibilidade de isso ser um dom de Deus. Nunca devemos nos esquecer de que o dom de línguas foi ideia de Deus, não do homem. Ele deu esse dom à Igreja tanto quanto deu os dons de ensino, misericórdia, exortação e evangelismo. Tomemos a decisão, desde o início, de não desprezar ou ridicularizar algo precioso aos olhos de Deus, concedido graciosamente por um Pai celestial amoroso que só dá boas dádivas aos seus filhos.

Também é importante mantermos nosso senso de perspectiva. As línguas não são nem o maior dom de Deus para os seus filhos

mais ricamente favorecidos, nem a ferramenta mais sinistra de engano do diabo. As línguas são como qualquer dom do Espírito. Esse dom não é um sinal de amor especial de Deus. Não é um sinal de maior maturidade em Cristo. Não é um sinal de maior zelo ou compromisso. Não é um sinal de que a pessoa tem mais do Espírito Santo do que as outras. Na verdade, *as línguas não são um sinal de coisa alguma*. Elas são apenas uma dentre muitas daquelas que o apóstolo Paulo denomina “manifestação do Espírito” (1 Co 12.7) dadas aos crentes para o bem comum da Igreja.

Contrariamente às caricaturas que muitos têm do dom de línguas, a maioria testemunhará como ele tem servido para aprimorar e aprofundar o seu relacionamento com o Senhor Jesus — que é precisamente o que a oração e o louvor devem fazer! Acredite ou não, as pessoas que falam em línguas ainda são capazes de amarrar seus sapatos, preencher um talão de cheques, dirigir um carro, manter um emprego, e raramente babam! Não tenho a intenção de ser sarcástico, mas esse dom do Espírito Santo tem uma imagem pública terrível. Alguém revelar que fala em línguas é correr o risco de ser visto como um fanático irracional espiritualmente fraco que, periodicamente, murmura em transe convulsivo ou hipnótico. Gostaria apenas de incentivá-lo a pesquisar as Escrituras, buscar a face de Deus e continuar lendo enquanto tento proporcionar uma base bíblica para a compreensão e o exercício desse dom do Espírito.

Encorajo você a ler os parágrafos a seguir com a Bíblia aberta. Se o que eu disser não corresponder à Palavra de Deus escrita, descarte. A experiência pessoal só é boa na medida em que reflete o ensinamento das Sagradas Escrituras. Francamente, estou um pouco farto da acusação de que as pessoas que acreditam nos dons do Espírito Santo são demasiadamente preguiçosas para pensar ou se recusam a fazê-lo por medo de que a Bíblia possa contradizer sua experiência. Eu não tenho nem um pouco de medo da Bíblia.

As línguas tinham um propósito evangelístico?

Não há qualquer evidência de que o falar em línguas fosse projetado para evangelizar descrentes. Isso não quer dizer que Deus não possa usá-lo para salvar almas, ou mesmo como uma forma de pré-evangelismo, mas esse não é seu objetivo primário. Quando as pessoas falavam em línguas, declaravam "... as maravilhas de Deus" (At 2.11; observar a mesma frase em At 10.46 e 19.17). As pessoas não ouviam uma mensagem evangelística, mas sim adoração. Era somente a pregação de Pedro que trazia salvação. Nesse trecho, como em outras passagens, vemos que o objetivo primário do falar em línguas é *ministrar a Deus*, seja louvor ou oração (ver 1 Co 14.2, 14). E quando as pessoas reunidas na casa de Cornélio falaram em línguas, longe de questionar a sanidade ou a estabilidade desses gentios crentes, Pedro concluiu que eles foram salvos e, portanto, podiam ser batizados nas águas como se fossem judeus que aceitaram a Jesus (ver At 10.47).

No livro de Atos, alguns dos que receberam Cristo como Salvador falaram em línguas imediatamente após a sua conversão, mas não todos. Em Atos, há vários casos de conversão nos quais não se faz menção ao falar em línguas.¹ Isso não prova que as pessoas não o fizeram, mas tampouco se deve concluir que isso aconteceu.

Somente em Atos 2 é dito de modo explícito que as línguas são idiomas humanos não aprendidos anteriormente pelo orador (falarei mais sobre isso adiante). Em nenhuma passagem do livro de Atos o falar em línguas atuou como ferramenta evangelística; também não se encontra uma exortação apostólica para que ele seja usado para essa finalidade. Nas três referências explícitas a línguas em Atos, somente uma vez (ver At 2) pessoas descrentes estão presentes. Alguns cessacionistas argumentam que as línguas eram essencialmente um dom-sinal evangelístico para judeus descrentes. Esse ponto de vista perde muito de sua

força pelo fato de somente *crentes* estarem presentes em duas das três ocorrências de línguas em Atos. Voltarei a esse ponto ao discutir 1 Coríntios 14.

O falar em línguas em 1 Coríntios

Há várias passagens controversas nas cartas de Paulo que alguns acreditam se referir a línguas, mas o nosso foco estará em diversos princípios encontrados em 1 Coríntios 12 a 14.

Antes de chegar lá, porém, preciso fazer um comentário. Alguns ressaltam que o falar em línguas não é mencionado explicitamente em qualquer epístola do Novo Testamento, exceto 1 Coríntios (a menos que, é claro, Efésios 6.18 e Romanos 8.26,27 se refiram a línguas). Então, eles concluem que o dom de línguas era exercido com pouca frequência ou estava “saindo de moda”, por assim dizer. Mas esse é um argumento fundamentado no silêncio, o qual se aplicado às Escrituras de maneira consistente resulta em interpretações distorcidas. Por exemplo, a Ceia do Senhor é mencionada de modo explícito somente em 1 Coríntios. Mas, certamente, ninguém concluiria que por esse motivo ela era algo pouco comum ou obsoleto!

Além disso, o silêncio de outras epístolas do Novo Testamento pode ser explicado com igual facilidade e de modo mais sensato pelo fato de que, diferentemente do que ocorria em Corinto, as línguas não eram um problema nas outras igrejas às quais Paulo escreveu e ministrou. Não haveria necessidade de abordar um problema que não constituísse em ameaça para uma igreja.

É lamentável que a imagem que muitos têm do falar em línguas seja moldada pela sua familiaridade com uma declaração negativa de Paulo em 1 Coríntios 13.1: “Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver amor, serei como o sino que ressoa ou como o prato que retine.” Não nos esqueçamos,

porém, de que a fala de Paulo diz respeito ao *abuso* desse dom espiritual em Corinto. Se Paulo estivesse escrevendo a uma igreja em que as línguas fossem empregadas adequadamente, talvez suas palavras tivessem sido formuladas assim: “Se eu falo as línguas dos homens e dos anjos, e o faço com amor e compaixão para com meu próximo, o som é como o de uma sinfonia gloriosa que agrada ao ouvido.”

O problema em Corinto não era o falar em línguas, mas o fato de que quem fizesse isso imaginar-se espiritualmente superior ou mais ricamente favorecido do que os demais. Para piorar a situação, eles estavam usando o dom na reunião pública da igreja sem a interpretação correspondente. Paulo abordou o primeiro problema em 1 Coríntios 12 a 13, e o segundo no capítulo 14.

A natureza das línguas

O que mais preocupava Paulo em 1 Coríntios 14 era a *edificação* dos crentes na igreja (ver 1 Co 14.3-6,12,17,19,26). Mas os demais só poderão ser edificados e fortalecidos em sua fé se compreenderem o que está sendo dito. Por isso ele insistiu repetidamente em que as línguas faladas na assembleia precisam ser interpretadas.

Não entenda mal os contrastes de Paulo. A profecia é superior às línguas não interpretadas *somente* porque, por ser inteligível, ela edifica os outros. Quando as línguas são interpretadas, elas se tornam um *equivalente funcional* à profecia (ver 1 Co 14.5). Línguas não interpretadas são ininteligíveis, portanto não podem edificar os outros. Somente por essa razão elas são consideradas inferiores à profecia. Línguas interpretadas são inteligíveis e, por conseguinte, edificam. Logo, não as proíba (v. 39).

A preocupação de Paulo era a importância *relativa* entre profecia e línguas. Ele não estava sugerindo que a profecia é o dom mais importante em termos absolutos, ou que o dom

de línguas é menos importante em termos absolutos. Ele só estava dizendo que as línguas *não interpretadas* são menos valiosas do que a profecia na assembleia reunida. Naquele momento, Paulo não cogitava como as línguas ou a profecia poderiam se comparar ao apostolado, ao ensino, à administração ou qualquer dom.

Não perca de vista o fato de que a ordenança de Paulo em 1 Coríntios 12.31 e 14.1,39, bem como sua declaração em 1 Coríntios 14.12, indiquem que devemos *desejar e buscar* os dons espirituais! Longe de ser um sinal de imaturidade ou um anseio ilegítimo por fenômenos sensacionais — como alguns cessacionistas afirmam —, *a busca de dons espirituais é uma obrigação moral e bíblica para todos os cristãos*.

A declaração de Paulo em 1 Coríntios 14.2 é crucial para compreendermos as línguas. Quatro coisas são ditas. Primeira: o falar em línguas é dirigido ou ministrado para Deus, não para os homens. As línguas, sejam faladas ou cantadas, são fundamentalmente adoração e intercessão! Mesmo quando elas são interpretadas em uma reunião pública, quando falamos em línguas estamos nos dirigindo a Deus.

Segunda: ninguém na igreja entende as línguas. Por quê? Porque elas não são interpretadas. Esse é o motivo da relativa “inferioridade” das línguas em relação à profecia. A importância dessa declaração para determinar se as línguas são sempre idiomas humanos se tornará evidente nos parágrafos seguintes.

Terceira: Paulo disse que “em” ou “por” seu espírito (Espírito Santo?) ele fala mistérios. Mas o espírito de quem, ou qual espírito, Paulo tinha em mente? Em 1 Coríntios 12.7-11, somos informados de que os “dons” são manifestações do Espírito Santo. Talvez Paulo tivesse a intenção de mesclar os dois, com a ideia de que o dom é exercido pelo Espírito Santo, por meio do nosso espírito humano.

Quarta e ainda mais importante: o que se entende por “mistérios”? Essa palavra pode se referir a verdades relacionadas à nossa salvação em Cristo, não reveladas anteriormente nos tempos do Antigo Testamento, mas agora dadas a conhecer por um ato de revelação. Mais provavelmente, Paulo estava se referindo a algo que excede a compreensão, tanto de quem fala quanto de quem ouve. Em outras palavras, ele fala mistérios, no sentido de que ninguém os compreende. O falar em línguas, quando não interpretado, é simplesmente um mistério para todos.

Por sua vez, a profecia faz o que as línguas não interpreta-das não podem fazer e, por esse motivo, deve ser preferida na reunião pública da igreja. A profecia edifica, exorta e consola (ver 1 Co 14.3).

É correto edificar a si mesmo?

Alguns argumentam que Paulo estava sendo sarcástico no versículo 4, com a intenção de censurar ou repreender como egoísta quem deseja ser edificado pelo uso desse dom. Mas edificar a si mesmo não é uma coisa ruim. Isso simplesmente não é o objetivo principal do tipo de reunião pública que Paulo tinha em vista. Nós estudamos a Bíblia para edificar a nós mesmos. Oramos para edificar a nós mesmos. Ouvimos sermões para edificar a nós mesmos. Inúmeras atividades cristãs são um meio eficaz de autoedificação. Espero que a sua motivação ao ler este livro seja edificar-se ao aumentar a sua compreensão bíblica dos dons espirituais! Se alguma dúvida ainda persiste, Judas 20 nos manda edificar a nós mesmos orando no Espírito!

Todo dom do Espírito edifica seu usuário em alguma maneira ou grau, direta ou indiretamente. Isso não é mau, a menos que a autoedificação se torne um fim em si mesma. Se o seu dom espiritual servir para aumentar sua maturidade, aumentar sua

sensibilidade, expandir sua compreensão e intensificar seu zelo, melhor para o Corpo de Cristo! Dessa forma, a autoedificação é simplesmente um passo intermediário para o crescimento de outras pessoas na igreja. Por que alguém se oporia a isso? Tenho certeza de que Paulo não se oporia.

Além disso, se a autoedificação pelo falar em línguas fosse errada, Paulo não teria incentivado o seu uso na primeira parte do versículo 5. E as línguas não interpretadas *eram* de fato o que Paulo tinha em mente, pois ele as comparou com a profecia, insistindo em que a última é mais adequada para a edificação dos outros — a menos, é claro, que o falar em línguas seja interpretado (ver a segunda parte do v. 5).

Alguns talvez se perguntem: “Como mistérios que não são compreendidos nem mesmo por quem fala podem edificar?” A resposta está nos versículos 14 a 15. Como Gordon Fee destacou:

Contrariamente à opinião de muitos, a edificação espiritual pode ocorrer de outras maneiras — não somente por meio do córtex cerebral. Paulo acreditava em uma comunhão imediata com Deus por meio do E/espírito que, às vezes, ignorava a mente. E nos versículos 14 a 15 ele argumenta que, para a sua própria edificação, ele usaria as duas coisas. Mas, *na igreja*, ele usaria somente o que também é capaz de transmitir aos outros crentes por meio das mentes deles.²

O êxtase faz parte do dom de línguas?

O falar em línguas é uma experiência de êxtase? É importante lembrar que o Novo Testamento nunca usa o termo “êxtase” para descrever o falar em línguas. Ele é encontrado em algumas traduções para o inglês, mas não está no texto grego. Muitos definem *êxtase* como um estado mental ou emocional em que a pessoa está

mais ou menos alheia ao mundo externo. Tem-se a percepção de que o indivíduo perde o autocontrole, talvez caindo em um estado de frenesi no qual a autoconsciência e a capacidade de pensar racionalmente estão encobertas.

Em nenhum lugar da Bíblia há indicação de que as pessoas que falam em línguas perdem o autocontrole ou a consciência do seu entorno. Paulo insiste em que a pessoa que fala em línguas pode começar e parar de acordo com sua vontade (ver 1 Co 14.15-19; 14.27,28; 14.40; comparar com 14.32). Há uma enorme diferença entre uma experiência ser um êxtase e ela ser emocional. Muitas vezes, as línguas são uma experiência altamente emocional e emocionante, trazendo paz, alegria e coisas semelhantes, mas isso não significa que elas são uma experiência de êxtase.

Todos podem falar em línguas?

Contrariamente a algumas distorções, em nenhuma passagem Paulo tornou o dom de línguas desacreditado. Ele desejava que todos os cristãos falassem em línguas (ver 1 Co 14.5). Ele elogiou a capacidade das línguas de edificarem o crente (v. 4). Ele agradeceu a Deus pelas línguas em sua vida de oração (ver vs. 18,19) e advertiu explicitamente contra qualquer tentação de proibir o exercício desse dom precioso (ver v. 39)!

Mas ainda nos resta a questão mais controversa referente ao falar em línguas: a declaração de Paulo no versículo 5 significa que *todos* os cristãos devem falar ou falarão em línguas?

Aqueles que respondem “não” se baseiam em vários fatos importantes. Primeiro, eles apontam para 1 Coríntios 7.7, onde Paulo usa uma linguagem idêntica à encontrada em 14.5: “*Gostaria* que todos os homens fossem como eu [referindo-se ao seu celibato]” (grifo do autor). Ninguém argumentará que Paulo

pretendia que todos os cristãos fossem celibatários como ele. Certamente, então, também não devemos esperar que todos falem em línguas. Segundo, de acordo com 1 Coríntios 12.7-11, o dom de línguas, assim como os outros dons mencionados, é concedido aos indivíduos a critério do Espírito Santo. Se Paulo quisesse dizer que todos receberiam esse dom, por que usaria a terminologia “a um é dada... a outro... a outro...”?

O argumento final a favor desse ponto de vista é 1 Coríntios 12.28-30, onde Paulo afirmou de modo bastante explícito que “nem todos falam em línguas”, assim como nem todos são apóstolos, nem todos são mestres, nem todos têm dons de curar, e assim por diante.

Mas o debate não termina aí. Aqueles que respondem “sim” à nossa pergunta começam destacando que 1 Coríntios 7.7 não é o único lugar onde Paulo usa a terminologia “eu desejo” ou “eu gostaria”. É preciso cotejar também os textos de 1 Coríntios 10.1, 11.3 e 12.1, nos quais aquilo que o apóstolo quer se aplica a todos os crentes. Além disso, em 1 Coríntios 7, Paulo disse explicitamente por que o seu desejo de celibato universal não pode e não deve ser cumprido. Mas em 1 Coríntios 14 não é encontrada qualquer dessas pistas contextuais que sugeriram que o desejo de Paulo, de que todos falem em línguas, não pode ser cumprido.

Também se pode perguntar: “Por que Deus reteria de qualquer um de seus filhos um dom que os capacita a orar e louvá-lo de maneira tão eficaz, um dom que também serve para edificá-los em sua fé?” E 1 Coríntios 14.23 não implica, no mínimo, que existe o potencial para todos falarem em línguas?

Algumas pessoas acreditam que a resposta está em analisar o cenário em que o dom de línguas é exercido. Talvez 1 Coríntios 12.7-11 e 12.28-30 se refiram ao dom no *ministério público*, enquanto 1 Coríntios 14 esteja descrevendo o dom no *devocional particular*. Em 1 Coríntios 12.28, Paulo disse especificamente

que estava descrevendo o que acontece “na igreja” ou “na assembleia” (compare com 11.18; 14.19,23,28,33,35). Nem todas as pessoas são dotadas pelo Espírito Santo para falar em línguas durante o encontro coletivo da igreja. Mas existe o potencial para todo crente orar em línguas em particular. Eles não são dois dons diferentes, e sim dois contextos distintos em que um único dom poderia ser empregado. Uma pessoa que ministra a toda a igreja em línguas é alguém que também usa línguas em sua vida de oração.

Jack Hayford argumenta de maneira muito semelhante, usando termos diferentes. Ele sugere que o *dom* de línguas é (1) limitado em sua distribuição (ver 1 Co 12.11,30) e (2) o seu exercício público deve ser governado estritamente (ver 1 Co 14.27,28), enquanto a *graça* de falar em línguas é tão amplamente disponível, que Paulo desejava que todos desfrutassem da sua bênção (ver 1 Co 14.5a), que inclui: (1) uma comunicação distinta com Deus (ver 1 Co 14.2), (2) edificação da vida particular do crente (ver 1 Co 14.4), e (3) adoração e ação de graças com beleza e propriedade (ver 1 Co 14.15-17).³

A diferença entre essas operações do Espírito Santo é que *nem todo* cristão tem motivo para esperar que ele (ou ela) exercerá, necessariamente, o *dom* público, embora *qualquer* cristão possa esperar e acolher a *graça* particular de uma linguagem espiritual em seu tempo pessoal de comunhão *com* Deus em oração (ver 1 Co 14.2), adoração repleta de louvor *diante* de Deus (ver 1 Co 14.15-17) e oração de intercessão *a* Deus (ver Rm8.26,27).

O argumento de Paulo no fim de 1 Coríntios 12 é que nem todo crente contribuirá para o Corpo precisamente da mesma maneira. Nem todos ministrarão uma palavra profética, nem todos ensinarão, e assim por diante. Mas se todos podem ou não orar em línguas em seu momento pessoal com Deus é outra questão, não discutida por Paulo até o capítulo 14.

Considere o que Paulo disse sobre profecia: “Todos são profetas?” (1 Co 12.29). Não, claro que não. Mas Paulo se apressa em dizer que existe o potencial para todos profetizarem (ver 1 Co 14.1,31). Por que o mesmo não poderia ser verdadeiro para as línguas? Não poderia Paulo ter dito que, embora nem todos falem em línguas como expressão de um ministério público corporativo, é possível que todos possam falar em línguas como uma expressão de louvor e oração pessoais? Assim como a pergunta retórica de Paulo em 1 Coríntios 12.29 não tem a intenção de descartar a possibilidade de todos poderem pronunciar uma palavra profética, assim também a sua pergunta retórica em 1 Coríntios 12.30 não tem a intenção de excluir a possibilidade de alguém exercer o dom de línguas em sua experiência devocional pessoal.

Para ser honesto, não tenho certeza de como responder a essa pergunta. Preciso confessar que parece improvável que Deus reteria o dom de línguas de um de seus filhos se este o desejasse de modo apaixonado e sincero. Minha suposição é que, tendo todas as coisas o mesmo valor, se você deseja profundamente esse dom, provavelmente é porque o Espírito Santo despertou em seu coração esse desejo. E Ele o fez porque é a vontade dele conceder o dom de línguas. Então, se você anseia por esse dom, persevere em suas orações. Tenho a impressão (embora não possa garantir nada) de que, a seu tempo, Deus lhe responderá com um “sim” que lhe trará satisfação.

A vida de oração de Paulo

Ao descrever o seu próprio dom de falar em línguas, Paulo escreveu: “... meu espírito ora...” (1 Co 14.14). Essa pode ser uma referência ao Espírito Santo, talvez ao seu próprio espírito humano, ou mesmo a uma cooperação dos dois, que efetivamente constitui a essência de um dom espiritual. (Um dom espiritual é

quando o Espírito Santo desperta e capacita o meu espírito para fazer o que, de outra maneira, eu seria incapaz de fazer.) O ponto importante, porém, é que quando Paulo ora em línguas a sua mente fica “infrutífera”. Com isso, ele quer dizer “*Eu não entendo o que estou dizendo*” ou “*As outras pessoas não entendem o que estou dizendo*”. O primeiro significado é o mais provável.

Esse entendimento é crucial. Muitos insistem em que se a mente fica infrutífera, ou seja, se a mente de um crente não está envolvida de tal maneira que ele possa entender o que está ocorrendo de modo racional e cognitivo, a experiência é inútil, qualquer que seja a sua natureza. O apóstolo Paulo discordava enfaticamente. Uma vez que Paulo afirmou que sua mente ficava infrutífera quando ele orava em línguas, muitos pensariam que seu passo seguinte seria repudiar totalmente o seu uso. Afinal, que benefício pode haver em uma experiência espiritual que a mente não consegue compreender? No mínimo, seria de se esperar que Paulo dissesse alguma coisa para diminuir sua importância, de modo a torná-la banal, pelo menos em comparação com os outros dons. Mas ele não fez nada desse tipo.

Observe atentamente a conclusão de Paulo. Ele chegou a apresentar a sua conclusão ao perguntar, em vista do que acabara de ser dito no versículo 14: “Então, que farei?” (v. 15). Em outras palavras, o que devo fazer? A resposta dele poderá escandalizar você.

Ele estava determinado a fazer as duas coisas! “Orarei com o espírito [ou seja, orarei em línguas], mas também orarei com o entendimento [ou seja, orarei em grego para que outras pessoas que falam e entendem grego possam tirar proveito do que eu digo].” Claramente, Paulo acreditava que uma experiência espiritual além do alcance da sua mente ainda era profundamente proveitosa. *Paulo acreditava não ser absolutamente necessário uma experiência ser racionalmente cognitiva para ser espiritualmente benéfica e glorificar a Deus.*

Isso não deve, de maneira alguma, macular ou contestar a importância crucial da mente na vida cristã. Em Romanos 12.1, Paulo ordenou que renovemos as nossas mentes. Apenas estou dizendo — e acredito que seja isso o que *Paulo* diz — que orar em línguas é eminentemente benéfico e glorifica a Deus, mesmo que tenha uma natureza que excede a razão.

Além disso, já que Paulo estava determinado a orar com o espírito — isto é, orar em línguas sem interpretação —, onde e quando ele faria isso? Uma vez que ele descartou fazê-lo na reunião pública, ele devia estar se referindo à sua vida de oração devocional particular. “Cantar em ou com o espírito” é cantar em línguas — uma forma mais melodiosa e musical de falar em línguas e uma prática que também, sem dúvida, caracterizava a experiência de oração individual de Paulo.

A referência nos versículos 16 e 17 a “aquele que está entre os não instruídos” (“o indouto” na versão Almeida Revista e Atualizada), provavelmente aponta para quem não tem o dom da interpretação. Trata-se, obviamente, de outro cristão, pois tal pessoa é capaz de ser edificada e espera-se que ela diga amém. Paulo também afirmou claramente que, entre outras coisas, o falar em línguas abençoa e dá graças, sendo, portanto, uma forma de oração e louvor. Contudo, a menos que os demais presentes compreendam tal oração ou louvor, embora Deus possa apreciá-la, ninguém mais aprecia.

É difícil imaginar Paulo dizendo algo mais explosivo do que o que lemos nos versículos 18 e 19. Claramente, orar, cantar e louvar em línguas caracterizavam a vida devocional de Paulo, e ele era profundamente grato a Deus por esse dom. Sua afirmação no versículo 19 é simples: a questão crucial não é se alguém fala em línguas, mas o que é adequado na assembleia pública da igreja.

Paulo disse que o falar em línguas na reunião pública da igreja é proibido se não houver interpretação. Uma vez que o

propósito das reuniões da igreja é a edificação de outros crentes, Paulo preferia falar em uma língua que todos pudessem entender. Por isso, ele raramente falava em línguas em um ambiente público. Agora, note bem: se Paulo falava em línguas com mais frequência e fervor do que qualquer pessoa, mas na igreja ele quase nunca o fazia — preferindo falar ali de uma maneira que todos pudessem entender —, onde ele falava em línguas? A única resposta possível é que Paulo exercia seu dom notável em particular, no contexto da sua intimidade devocional com Deus.

Lembre-se de que este é o homem que escreveu Romanos. Este é o homem cuja mente e poder de argumentação lógica incomparáveis deixavam os seus oponentes teológicos indefesos. Este é o homem que é reconhecidamente o maior teólogo da História, excetuando-se apenas o próprio Jesus. Este é o homem que enfrentou e derrotou os filósofos de Atenas (ver At 17)! Sim, o lógico, sensato e cultíssimo Paulo orava em línguas mais do que ninguém!

As línguas são um sinal?

De acordo com 1 Coríntios 14.22, a resposta parece “sim”. Vamos procurar entender o cenário que Paulo tem em mente. De acordo com o versículo 23, Paulo tem em mente uma reunião pública como “toda a igreja” reunida. O objetivo de tal reunião não é apenas louvar e orar, mas também instruir, encorajar e edificar os membros do Corpo. Portanto, tudo que acontece precisa ser *inteligível*. É por isso que, mais adiante, ele insiste na interpretação de todo o falar em línguas, para que todos possam compreender e todos sejam edificados.

O problema em Corinto é que muitas pessoas estavam falando simultaneamente em línguas não interpretadas. Imagine a confusão, o caos. Ninguém entende, ninguém é instruído. Isso não quer dizer que elas não estivessem falando genuinamente em

línguas. Isso não quer dizer que elas não estivessem louvando a Deus, orando e dando graças. Elas estavam, mas não para o benefício de outros, apenas delas mesmas.

Nessa situação entram os descrentes. É aqui que Paulo cita Isaías 28.11 e aplica essa passagem às circunstâncias de Corinto. Mas, para compreender a passagem de Isaías, é preciso observar um aviso anterior de Deus a Israel, em Deuteronômio 28.49. Nesse versículo, lemos que se Israel violasse o pacto, Deus os castigaria enviando um inimigo estrangeiro, que falava uma língua estrangeira. Assim, a desordem e o falar confuso eram um sinal do juízo de Deus contra um povo rebelde. Esse é o julgamento que Isaías diz ter recaído sobre Israel no século oito a.C., quando os assírios invadiram e conquistaram o território dos judeus (compare também com o que aconteceu no século seis a.C., em Jeremias 5.15).

Muitos cessacionistas argumentam que Deus está julgando os judeus descrentes do primeiro século, sendo uma linguagem que eles são incapazes de compreender (ou seja, as línguas) um sinal desse julgamento. Portanto, o objetivo principal, se não único, das línguas é indicar o juízo de Deus contra Israel por rejeitar o Messias e, assim, impactá-los, levando-os a arrependimento e fé. As línguas, segundo esse argumento, são um “sinal” aos descrentes do julgamento de Deus. Uma vez que as línguas deixaram de ter essa função quando Israel foi disperso em setenta d.C., o dom só era válido para o primeiro século.

Mas esse ponto de vista apresenta numerosos problemas. Primeiro, se as línguas são destinadas a servir como um “sinal” para os descrentes, por que Paulo aconselhou contra o seu uso quando descrentes estão presentes (ver v. 23)? Ademais, mesmo que as línguas servissem como um sinal do juízo de Deus, em nenhum lugar o Novo Testamento restringe ou reduz esse dom a esse único propósito. Simplesmente porque é dito que as línguas

desempenham determinada função não significa que elas não possam desempenhar outras. As línguas também servem ao “bem comum” do Corpo de Cristo (ver 1 Co 12). Em 1 Coríntios 14.4, o dom de línguas edifica o indivíduo por meio da oração pessoal. Precisamos evitar o erro do reducionismo — isto é, identificar um uso válido para um dom e depois reduzi-lo unicamente a esse uso, excluindo todas as outras possibilidades.

Além disso, se o falar em línguas não fosse um dom espiritual para a igreja, por que Paulo permitiria que ele fosse exercido e usado nela? Se interpretado, o falar em línguas era inteiramente permissível. Mas isso parece difícil de explicar se o seu objetivo único ou primário fosse declarar o julgamento contra judeus descrentes.

Novamente, se as línguas não interpretadas foram projetadas para significar o desagrado e julgamento de Deus, Ele não precisaria proporcionar o dom da interpretação que o acompanha. O dom da interpretação só faz sentido se o falar em línguas for proveitoso e benéfico para os cristãos da assembleia.

Por todos esses motivos, concluo que a visão de que as línguas sejam apenas (ou até primariamente) um sinal de juízo sobre os judeus descrentes do primeiro século não é convincente.

Então, qual é o princípio encontrado por Paulo em Isaías 28.11 que se aplica a Corinto (e a nós)? Este: quando Deus fala ao povo em uma linguagem que ele não consegue compreender, essa é uma forma de punição pela descrença. Ela significa a ira do Senhor. Uma fala incompreensível não guiará, instruirá ou levará à fé e ao arrependimento, mas só confundirá e destruirá. Assim, se pessoas de fora ou descrentes entrarem em sua reunião, provavelmente movidas pela curiosidade espiritual, ou talvez até em busca do Evangelho, e você falar em uma língua que elas não conseguem entender, você simplesmente as afastará. Você lhes dará um “sinal” totalmente errado, porque a dureza de coração delas não atingiu o ponto em que elas mereçam esse grave sinal de julgamento.

Então, quando vocês se reunirem (ver 1 Co 14.26), se alguém falar em uma língua, tenha a certeza de que haja interpretação (ver v. 27). Caso contrário, aquele que fala em línguas deve ficar calado na igreja (ver v. 29). No entanto, a profecia é um sinal da presença de Deus entre os crentes (ver v. 22b) e, assim, Paulo incentiva o seu uso quando descrentes estão presentes, para que eles possam ver esse sinal e, assim, vir à fé cristã (ver vs. 24,25).

Portanto, Paulo não fala sobre o papel do dom de línguas em geral, apenas sobre o resultado negativo do mau uso desse dom — ou seja, seu uso sem interpretação na assembleia pública. Então, não permita o falar em línguas não interpretadas na igreja, pois, ao fazê-lo, você corre o risco de comunicar um sinal negativo às pessoas, o que só as afastará.

O falar em línguas na igreja

Parece que alguns dos crentes de Corinto cometeram dois erros ao exercitar esse dom. Primeiro, eles superestimaram a sua importância, pensando que aqueles que exercitavam um dom tão obviamente sobrenatural precisam ser, eles mesmos, extraordinariamente favorecidos por Deus. Sua imaturidade infantil os levou a concluir que o falar em línguas era evidência de uma espiritualidade transcendente e superior. Segundo, eles estavam utilizando — de fato, ostentando — o seu falar em línguas na assembleia pública sem interpretação. A resposta de Paulo a essa utilização equivocada *não* foi proibir o dom de línguas na vida da igreja. O mau uso egoísta e pecaminoso não anula a realidade de um dom divino. Sua recomendação não foi a rejeição, mas a correção.

Resumidamente, Paulo lhes deu dois conselhos (ver 1 Co 14.26-40): tomar medidas para evitar uma cacofonia simultânea de línguas sendo faladas e permitir que apenas dois, ou no máximo três, falassem durante o desenrolar de um culto.

Por quê? (1) Para que a reunião não se torne desordenada ou de difícil controle; e (2) para que as pessoas com o dom de línguas não assumissem, no Corpo, um lugar mais proeminente do que seria justificável. Quem fala em línguas nunca deve pensar que o dom não pode ser controlado. O Espírito Santo não obriga ou oprime. Se dois ou três já tivessem falado, Paulo esperava que os outros ficassem calados — o que implica que eles tinham controle/domínio sobre o dom. Paulo não aceitaria a desculpa: “Mas eu não podia fazer nada a respeito. A presença, o poder e o impulso do Espírito Santo eram fortes demais para serem contidos. Eu estaria extinguindo a obra do Espírito se tivesse me mantido em silêncio!” Não. O Espírito Santo nunca se move ou pede a alguém para violar o que Ele disse anteriormente nas Escrituras.

Eu já destaquei 1 Coríntios 14.14-19 como evidência de que orar em línguas é uma experiência básica na vida devocional particular de Paulo. Esse argumento é confirmado pelo versículo 28, onde ele deu instruções sobre o que fazer na ausência de um intérprete: “[o que fala em línguas] fique... falando consigo mesmo e com Deus.” Onde? Dada a proibição explícita de falar em línguas não interpretadas “na igreja”, parece provável que Paulo tivesse em mente o orar em línguas em particular, um contexto diferente do encontro coletivo.

Alguns insistem que Paulo está instruindo quem fala em línguas a orar em silêncio para si mesmo e para Deus enquanto estiver na reunião da igreja. Mas, mesmo que isso fosse verdade (o que duvido), teríamos, então, o endosso apostólico do falar em línguas *reservadamente*. Se, como afirmam os cessacionistas, todo o falar em línguas é revelador e destinado apenas à comunicação racional, o conselho de Paulo não faz sentido. Por que Deus concederia um conhecimento revelador infalível somente para o destinatário do dom falar consigo mesmo e com Deus? Parece que o cessacionista precisa imaginar aquele que fala em línguas

esperando pacientemente até a chegada de um intérprete, podendo, então, falar de forma audível. Mas isso é enxergar no texto um cenário ausente. A instrução de Paulo é para uma situação em que não existe um intérprete. Ele não diz nada sobre quem fala esperar até haver um intérprete.

Além disso, é coerente com a ênfase que Paulo dá em 1 Coríntios 14, de todos trabalharem juntos para a edificação mútua, ele ter de recomendar que alguns (talvez muitos) concentrem sua energia espiritual internamente (orando em línguas) enquanto alguém está falando audivelmente para edificar as mesmas pessoas que, seguindo o conselho de Paulo, não estão sequer prestando atenção?

E o cantar no Espírito coletivamente?

Uma pergunta que me fazem com frequência, para a qual não tenho uma resposta definitiva, é se é biblicamente permissível cantar em línguas não interpretadas em um ambiente coletivo. Muitos diriam imediatamente que “não”, e apontariam para a declaração de Paulo: “Se não houver intérprete, [quem fala em línguas] fique calado na igreja, falando consigo mesmo e com Deus” (1 Co 14.28).

De uma coisa eu tenho certeza. Se o encontro do grupo em questão é um culto oficial da igreja, cujo objetivo é edificar o Corpo (ver 1 Co 14.26), o falar em línguas sem interpretação não é permitido. É isso que a exigência de silêncio por Paulo no versículo 28 representa. Mas, e se o encontro só tiver participantes crentes? E se o objetivo não for instrução ou exortação, mas louvor e intercessão? Uma das preocupações de Paulo é que as línguas não interpretadas confundirão os descrentes que possam estar presentes (ver vs. 22,23). Mas, se for uma reunião de “crentes” — talvez até mesmo uma reunião de um pequeno grupo na casa de alguém —, essa possibilidade não existe mais. Em tais

ambientes, a ininteligibilidade de línguas não interpretadas não é obstáculo para se atingir a finalidade para a qual as pessoas se congregaram e, portanto, não violaria o conselho de Paulo.

Como eu disse, essa não é uma resposta definitiva. Também percebo que ela é, em grande medida, um argumento fundamentado no silêncio. Só estou sugerindo que sejamos cautelosos sobre a aplicação das regras de 1 Coríntios 14 em contextos que Paulo não previu ou em circunstâncias diferentes daquela que evocou seu conselho inspirado.

O que estou dizendo é o seguinte: atualmente, algumas reuniões têm natureza e propósito decididamente diferentes daqueles da reunião que Paulo tinha em mente em 1 Coríntios 14. Há reuniões, por exemplo, em que o objetivo explícito e o convite não são para a edificação instrucional do Corpo. Por ser uma reunião na qual a presença de não crentes não é encorajada ou sequer esperada, o efeito de línguas não interpretadas, contra as quais Paulo adverte nesse capítulo, é uma questão discutível. Se houvesse uma reunião de cristãos exclusivamente com o propósito de adoração e oração, uma reunião em que não se aplicassem as circunstâncias que evocaram a proibição por Paulo de se falar em línguas se não houvesse interpretação, será que as proibições permaneceriam? Estou inclinado a pensar que não.

Minha experiência com o falar em línguas

Meu primeiro encontro com os dons do Espírito ocorreu quando eu tinha dezenove anos, no verão de 1970. Eu morava em Lake Tahoe, Nevada, Estados Unidos, servindo na *Campus Crusade for Christ** em um projeto evangelístico.

* É uma organização cristã interdenominacional que promove evangelismo e discipulado em mais de 190 países ao redor do mundo. Em 1996, o jornal *USA Today* a classificou como a maior organização evangélica dos Estados Unidos. Fonte: Wikipédia (N. do T.)

Um amigo me convidou para uma reunião em que Harald Bredesen, um dos primeiros líderes do movimento carismático, iria palestrar. O que Bredesen disse naquela noite acendeu em mim um desejo por esse dom. Comecei a orar fervorosamente a Deus para que, se o dom fosse real e estivesse de acordo com a sua vontade, Ele pudesse concedê-lo a mim. Minha determinação era tão intensa que passei todas as noites em uma área isolada perto do alojamento da Universidade de Oklahoma durante várias semanas, rogando a Deus por alguma indicação de que era a sua vontade que eu recebesse esse dom.

Certa noite, sem qualquer aviso, minha oração em inglês foi interrompida por palavras de som e forma incertos. Lembro-me claramente de uma sensação de distanciamento, como se eu estivesse separado daquele que falava. Eu nunca experimentara qualquer coisa remotamente semelhante àquilo em toda a minha vida. Eu ficava pensando: *Sam, o que você está dizendo? Você está falando em línguas?* Eu fiquei assustado e eufórico. A experiência durou apenas alguns minutos, mas me senti mais perto de Deus e Ele de mim como nunca antes.

Voltei entusiasmado para o alojamento e liguei para um amigo, para contar-lhe o que acontecera. Trinta minutos depois, sentei-me em seu carro e disse:

— Você nunca vai adivinhar o que aconteceu esta noite.

— Você falou em línguas, não foi? — perguntou ele, quase inexpressivo.

— Sim! Foi ótimo. Mas eu não entendo o que isso significa.

Esse amigo se importava profundamente comigo e não tinha intenção de me ofender ou obstruir o meu crescimento cristão. Mas o que ele disse em seguida me afetou durante vários anos.

— Sam, você sabe, não é, que se as pessoas ficarem sabendo disso, provavelmente você será excluído de qualquer posição de

liderança no *campus*. E eu detesto dizer isso, mas muita gente vai pensar que você está endemoninhado.

Fiquei arrasado. Lembro-me de ter tentado falar em línguas na noite seguinte, de maneira titubeante e medrosa, mas nada aconteceu. Não querendo perder a minha posição no ministério do *campus*, concluí que deveria ter sido outra coisa e não o Espírito Santo. Expliquei a experiência como uma explosão emocional momentânea que seria melhor esquecer e não mencionar a mais ninguém. Nunca mais falei sobre o incidente nem falei em línguas novamente, durante vinte anos!

Em novembro de 1990, eu estava com Jack Deere em Nova Orleans, em um congresso de teologia. Compartilhei com ele o que acontecera no outono de 1970. Então, ele me lembrou de algo que o apóstolo Paulo disse ao jovem Timóteo: “Por essa razão, torno a lembrar-lhe que *mantenha viva a chama do dom de Deus* que está em você mediante a imposição das minhas mãos” (2 Tm 1.6; grifos do autor). Então, Jack impôs as mãos sobre mim e pediu ao Senhor que reacendesse em mim esse dom que Ele me concedera tantos anos antes.

Esse versículo de 2 Timóteo é importante. Como indiquei neste livro, ele nos diz que uma pessoa pode receber um dom espiritual, e depois negligenciá-lo e ignorá-lo. A imagem usada por Paulo é útil. Ele descreve um dom espiritual como uma chama que precisa ser alimentada continuamente. Se não for compreendido, cultivado e utilizado da maneira como Deus planejou, a chama que antes queimava vivamente pode ser reduzida a uma brasa que arde sem chama. “Faça tudo que for necessário: estude, ore, busque a face de Deus, ponha em prática, mas atice o fogo de todas as formas possíveis até que o dom retorne à sua intensidade original.”

Segui os conselhos de Paulo a Timóteo e apliquei-os ao meu próprio caso. Todos os dias, mesmo que apenas por alguns minutos, orei para que Deus renovasse o que Ele concedera,

mas eu sufocara. Eu orava para que, se fosse da sua vontade, mais uma vez eu fosse capaz de orar no Espírito, falar a linguagem celestial que o louvaria, agradeceria e bendiria (ver 1 Co 14.2,16,17). Eu não esperava algum tipo de arrebatamento divino, mas simplesmente comecei a falar em fé as sílabas e palavras que Ele trouxe a minha mente. Vinte e dois anos se passaram desde que Deus renovou seu precioso dom em minha vida.

Orar no Espírito não é, de maneira alguma, o dom mais importante. Também não é um sinal de espiritualidade ou maturidade maior do que o de quem não tem esse dom específico. Mas, se um homem como o apóstolo Paulo pôde dizer: “Dou graças a Deus por falar em línguas mais do que todos vocês” (1 Co 14.18), quem sou eu para desprezar esse dom abençoado de Deus?

Você compreendeu?

1. Qual é o seu maior medo no que se refere ao dom de falar em línguas? Como você poderia usar a Bíblia para ajudar a superar sua hesitação em relação a esse dom?
2. Em sua experiência e interação com outros cristãos, quais foram os maiores equívocos e os mais prejudiciais que você encontrou no tocante ao dom de línguas? Como você responderia a eles?
3. Falar em línguas é um “sinal” de quê (1 Coríntios 14.23 e seguintes)? Como a sua resposta afeta a maneira como as línguas devem, ou não, ser usadas na assembleia coletiva do povo de Deus?

4. Você acredita que Deus quer que todos os cristãos falem em línguas? Qual evidência bíblica apoia a sua resposta?
5. Como o falar em línguas pode agir para fortalecer o crente em seu momento devocional particular? Como você responderia se alguém se opusesse e dissesse que as línguas, se válidas, só devem ser usadas na reunião coletiva da igreja (quando há interpretação)?

Línguas e interpretação na Igreja

As línguas são línguas humanas? Essa é uma questão-chave para aqueles que dizem que o dom de línguas cessou nos dias de hoje.

Para responder a essa questão, realizou-se um estudo com pessoas que afirmavam falar em línguas. A conclusão foi que raramente, ou nunca, qualquer uma delas falou em algum dialeto humano conhecido.¹ Os cessacionistas foram responsáveis por boa parte desse estudo, por acreditarem que ele apoia a sua premissa de que o dom de línguas cessou. O raciocínio deles é bastante simples: (a) todas as línguas do Novo Testamento foram identificadas como linguagem humana; (b) nenhuma língua atual é linguagem humana; portanto, (c) as línguas já não são mais um dom concedido à Igreja pelo Espírito Santo.

Não pretendo discutir se o estudo está certo ou errado, embora eu tenha indícios contrários a ele. Por exemplo, conversei com muitas pessoas que falam de situações inegáveis, muitas vezes no campo missionário, nas quais um crente falou em uma linguagem humana genuína, sem ter tido qualquer exposição anterior a ela e sem jamais estudá-la. Estou inclinado a acreditar nessas

peças. Mas a questão mais importante é saber se a premissa inicial dos cessacionistas está correta. Ou seja, é verdade que “todas as línguas do Novo Testamento eram uma linguagem humana”?

O único texto do Novo Testamento em que o falar em línguas consiste em línguas estrangeiras anteriormente desconhecidas por aquele que as fala é Atos 2. Esse é um texto importante, mas não há qualquer razão para pensar que Atos 2 — em vez de, digamos, 1 Coríntios 14 — é o padrão pelo qual todas as ocorrências do falar em línguas devem ser julgadas obrigatoriamente. Outros fatores sugerem que as línguas também poderiam ser uma fala celestial ou angelical.

Para começar, se o falar em línguas é sempre em uma língua estrangeira que serve de sinal para os incrédulos, por que as línguas descritas em Atos 10 e Atos 19 são faladas na presença somente de crentes? Note, também, que Paulo descreve vários tipos [ou “espécies”²] de línguas (*gene glosson*) em 1 Coríntios 12.10. É improvável que ele estivesse falando de uma variedade de línguas humanas diferentes, pois quem jamais teria argumentado que todas as línguas eram apenas um idioma humano, como grego, hebraico ou alemão? Suas palavras sugerem a existência de categorias de falar em línguas diferentes, talvez linguagens humanas e linguagens celestiais.

Paulo afirmou que quem fala em uma língua “... não fala aos homens, mas a Deus” (1 Co 14.2). Mas, se as línguas são sempre idiomas humanos, Paulo está enganado, pois “falar aos homens” é precisamente o que a linguagem humana faz! Se o falar em línguas é sempre em um idioma humano, como poderia Paulo dizer que “... ninguém o entende” (1 Co 14.2)? Se as línguas são idiomas humanos, muitos poderiam entendê-las, como aconteceu no dia de Pentecostes (At 2.8-11). Isso se aplicaria principalmente a Corinto, uma cidade portuária cosmopolita multilíngue, frequentada por pessoas de numerosos dialetos.

Além disso, se o falar em línguas é sempre em uma linguagem humana, então o dom de interpretação seria aquele para o qual não seria necessária qualquer operação, capacitação ou manifestação especial do Espírito. Qualquer pessoa multilíngue, como Paulo, seria capaz de interpretar as línguas faladas simplesmente em virtude de sua formação educacional.

Além disso, Paulo se referiu a “... línguas dos homens e dos anjos” (1 Co 13.1). Embora possa ter usado uma hipérbole, ele também poderia, com a mesma probabilidade, estar se referindo a dialetos celestiais ou angelicais cuja expressão é dada pelo Espírito Santo. Gordon Fee citou evidências em certas fontes judaicas antigas de que se acreditava que os anjos tinham suas próprias línguas ou dialetos celestiais e que, por meio do Espírito, alguém poderia falá-los.³ Fazemos menção em particular ao *Testamento de Jó*, no qual as três filhas de Jó colocam faixas celestiais dadas a elas como herança de seu pai, por meio das quais elas são transformadas e capacitadas a louvar a Deus com hinos em linguagens angelicais (ver *Testamento de Jó* 48 a 50). Alguns, porém, questionam esse relato destacando que essa parte do *Testamento de Jó* pode ter sido obra de um autor cristão posterior. Entretanto, como aponta Forbes: “O que o *Testamento* fornece... são evidências claras de que o conceito de línguas angelicais como um modo de louvor a Deus era um conceito aceitável em certos círculos. Como tal, ele é o nosso paralelo mais próximo à *glossolalia*.”⁴

Alguns dizem que a referência a línguas estrangeiras terrenas em 1 Coríntios 14.10,11 prova que todas as línguas faladas também são línguas humanas. Mas o objetivo da analogia é afirmar que as línguas funcionam do mesmo modo que uma língua estrangeira, não que as línguas são línguas estrangeiras. O argumento de Paulo é que o ouvinte é incapaz de entender as línguas sem interpretação, tanto quanto é incapaz de entender uma pessoa falando uma língua estrangeira. Se as línguas fossem línguas estrangeiras, não haveria necessidade de uma analogia.

A declaração de Paulo em 1 Coríntios 14.18: "... [falo] em línguas mais do que todos vocês" é uma evidência de que as línguas não são idiomas estrangeiros. Como Grudem observou: "Se elas fossem línguas estrangeiras conhecidas que poderiam ser compreendidas por estrangeiros, assim como foi no Pentecostes, por que Paulo falaria mais do que todos os coríntios em particular, onde ninguém entenderia, em vez de falar na igreja, onde os visitantes estrangeiros poderiam entender?"⁵ Por fim, se o falar em línguas for sempre em linguagem humana, a declaração de Paulo em 1 Coríntios 14.23 não seria necessariamente verdadeira. Qualquer descrente que conhecesse a língua falada iria provavelmente concluir que o falante era muito culto, e não louco.

Qual é o propósito do falar em línguas?

Se analisarmos atentamente o que Paulo diz em 1 Coríntios 12 a 14, poderemos discernir vários motivos pelos quais Deus concedeu esse dom aos seus filhos.

Falar em línguas é, principalmente, uma forma de orar (ver 1 Co 14.2), como já indicamos. É um meio de comunicar-se com Deus em súplica, petição e intercessão. Se Efésios 6.18 faz referência às línguas, conclui-se então que elas são também uma arma em nosso arsenal para a batalha espiritual.

Na medida em que as línguas são um tipo de oração, poderia se esperar que Deus usasse esse dom soberanamente em inúmeros contextos diferentes para cumprir os seus propósitos. Ocorre-me, em particular, a maneira como Deus usou as línguas no ministério de Jackie Pullinger.⁶

Jackie tinha apenas cinco anos quando percebeu pela primeira vez o chamado de Deus em sua vida. À medida que ela crescia, chegando a idade adulta, a mensagem se tornou ainda mais clara:

— Vá!

— Para onde, Senhor?

— Vá, confie em mim e eu a guiarei.

Repelida e rejeitada por todas as organizações missionárias que contatou — ninguém queria uma musicista britânica sem treinamento missiológico adequado —, Jackie procurou o conselho de seu pastor. “Bem, se você já tentou todas as maneiras convencionais e sociedades missionárias, e Deus ainda está lhe dizendo para ir, é melhor começar a se mexer... Se eu fosse você, sairia e compraria uma passagem para um navio que faça a viagem mais longa que você puder encontrar, e oraria para saber onde descer dele.”

Ela assim o fez. Jackie Pullinger tomou um navio para a China e, durante os últimos quarenta e sete anos, tem ministrado em Hong Kong. A infame Cidade Murada, onde Jackie se estabeleceu, ocupava apenas 2,63 hectares de terra, mas era o lar de mais de cinquenta mil pessoas! Ela era, literalmente, um mundo à parte; nem a China, nem a Grã-Bretanha, exerciam uma jurisdição adequada. Ela era um paraíso para ladrões, assassinos, golpistas, traficantes de drogas, pornógrafos, imigrantes ilegais e refugiados, sem-teto, fugitivos, cafetões e prostitutas — muitas das quais eram meninas de doze e treze anos de idade, vendidas para o lenocínio por vizinhos, namorados e até mesmo os pais. Cinemas pornográficos, bem como antros de ópio e heroína, cobriam calçadas estreitas e becos. As “Tríades” dominavam a cidade — sociedades secretas chinesas que haviam degenerado em gangues criminosas cruéis.

A sujeira era inacreditável. Esgotos a céu aberto, dejetos humanos fluindo livremente nas ruas, ratos que não reagiam mais aos gritos estridentes de visitantes assustados. Corpos de viciados mortos por overdose na noite anterior ficavam empilhados do lado de fora da cidade.

Foi nesse pesadelo que aquela menina de vinte anos de idade, vinda da Inglaterra, sem dinheiro, sem emprego e incapaz de falar uma única palavra em chinês entrou. Mas ela conseguiu aprender o suficiente para contar aos viciados em heroína sobre Jesus. Quem falou a Jackie pela primeira vez sobre o dom de línguas foi um jovem casal chinês. Não muito tempo após começar a orar fervorosamente em línguas durante seus momentos devocionais, Jackie observou um aumento de conversões e milagres de cura. Mas a coisa mais surpreendente foi como Deus usou esse dom para ajudar os viciados em heroína nas crises de abstinência.

Talvez o maior obstáculo para a libertação das drogas seja a dor indescritível e insuportável da abstinência. A agonia gerada por interromper bruscamente o uso de drogas leva a grande maioria dos viciados a ter recaídas. Mas Jackie fez uma descoberta surpreendente. Era costume os novos convertidos serem cheios com o Espírito Santo e receberem uma linguagem para a oração. Era sempre assim. Ela então percebeu que, quando a dor da abstinência começava, ela terminava com a mesma rapidez se o indivíduo orasse em línguas! Levou algum tempo para convencer alguns dos convertidos, mas os horrores da abstinência os deixavam desesperados. Quando Jackie e outros oravam por eles em línguas, eles também clamavam a Deus em sua nova língua. Milagrosamente e quase sem exceção, cada um deles abandonou as drogas sem a dor violenta associada a essa experiência.

A maioria desses viciados usava heroína ou ópio havia anos e, literalmente, não tinham mais onde injetar a droga em seus corpos. Suas vidas eram controladas pelo vício; poucos hesitariam em roubar ou até mesmo matar para sustentá-lo. Muitos venderam amigos e familiares à prostituição para continuar comprando drogas. Contudo, quando se convertiam à fé em Jesus e oravam em línguas, o poder do vício era derrotado!

Falar em línguas é um meio de *edificar* a si mesmo (ver 1 Co 14.4). Longe de ser pecaminosa ou egoísta, a autoedificação é um mandamento ao qual devemos obedecer: “Edifiquem-se, porém, amados, na santíssima fé que vocês têm, orando no Espírito Santo” (Jd 20).

Falar em línguas é uma maneira de *bendizer* a pessoa e as obras de Deus (ver 1 Co 14.16). Assim, o falar em línguas é uma forma de *louvor* (especialmente o “cantar no espírito”). Como Jack Hayford destacou, chega um momento em que aqueles que tocam o coração de Deus em adoração “atingem reconhecidamente um lugar de limitação”.⁷ Nós simplesmente precisamos romper as restrições da fala e das canções terrenas se quisermos expressar os desejos e paixões mais profundos do nosso coração. Cantar no Espírito serve a esse fim e nos capacita a consumir o nosso louvor de uma maneira que é praticamente impossível por qualquer outro meio.

Falar em línguas é uma maneira de *dar graças* a Deus (ver 1 Co 14.16). Quando oramos ou cantamos no Espírito, estamos expressando nossa gratidão pelas muitas bênçãos de salvação e de vida que temos em Cristo.

Falar em línguas é uma maneira de compensar nossas fraquezas e ignorância ao orarmos por nós mesmos e pelos outros (ver Rm 8.26,27). Por exemplo, podemos orar em línguas quando nossas mentes vagueiam e lutamos para nos focarmos ou concentrarmos, ou quando estamos fisicamente cansados e fatigados, ou quando as pessoas nos distraem e há ruído à nossa volta. Quando pensamos não ter mais pelo que orar (“o que mais resta?”) ou quando as coisas pelas quais orar não nos vêm à mente com facilidade, podemos orar no Espírito. Quando não conhecemos a dor ou o problema de uma pessoa, ou quando nos sentimos incapazes de interceder por ela, podemos orar em línguas, confiantes de que o Espírito Santo levará ao Pai, por meio

de nós, precisamente as necessidades mais urgentes dela. Assim, as línguas eliminam definitivamente essa desculpa para não orar: “Mas eu não sei o que dizer.”

Por que, com frequência, o falar em línguas é tão rápido?

As pessoas fazem essa pergunta com frequência. Ou elas ouviram outros orar em línguas com grande rapidez ou elas mesmas vivenciaram esse fenômeno. Não posso ser dogmático, porque as Escrituras não abordam a questão. Mas talvez seja porque o Espírito Santo está orando por meio de nós e, portanto, a oração em línguas implica um maior nível de energia espiritual (ver At 2.4; 1 Co 14.14,15). Além disso, uma vez que é o Espírito Santo quem está articulando as nossas orações, não há qualquer hesitação sobre quais palavras falar, nem por que gaguejar ou imaginar o que dizer e como dizê-lo. Não há “há... hum” pontuando a nossa fala nem qualquer vestígio do medo ou da inibição que caracteriza e, por isso, retarda a fala normal. Ao orar em línguas, nunca é necessário “esperar” para pensar no que dizer.

Por que as pessoas têm tanto medo de falar em línguas?

Novamente, deixe-me sugerir várias razões. Antes de tudo, os cristãos que foram criados e alimentados em igrejas fortes, fundamentadas na Bíblia, têm um medo extraordinário de qualquer vestígio de artificialidade na experiência cristã. Eles exigem uma garantia virtual, antecipada, de que o que eles fizerem será genuíno. Muitas vezes, esse cuidado nasce de um medo que inevitavelmente paralisa a fé e a vontade de experimentar e arriscar. Após falarem pela primeira vez aquilo que eles esperam

ser línguas, a menor dúvida da autenticidade de sua experiência os impele a nunca mais tentarem novamente. Eu acredito em ser apaixonado por aquilo que é genuíno, mas não podemos deixar o medo da artificialidade controlar nossas vidas.

Outro fator é que muitas vezes, após falar em línguas pela primeira vez, as pessoas concluem que aquilo que *sentiram* não foi sobrenatural o suficiente. Não pareceu significativamente diferente do que orar em seu próprio idioma. Assim, ou a experiência não era real ou não vale o esforço necessário.

Muitas vezes, a experiência inicial com as línguas não soa como uma linguagem: parecem sons articulados irracionais e incoerentes. “Como algo tão banal e repetitivo poderia ter qualquer valor espiritual?” — as pessoas perguntam. Tal desilusão leva ao total abandono da prática.

Finalmente, muitos evitam falar em línguas por medo de “soarem bobos”. Parecer tolo na presença de pessoas cujo respeito e amor você aprecia pode, muitas vezes, paralisar a sua paixão por esse dom espiritual.

Conselho para aqueles que não falam em línguas

Acredito que é melhor concluir com sete comentários, elaborados especialmente para aqueles que não têm esse dom, mas talvez sintam em seus corações um impulso de pedir por ele.

Você não precisa ter medo

Muitas pessoas foram amedrontadas com advertências contra receberem uma linguagem sem nexos ou — pior ainda — se abrirem a influências demoníacas. Entretanto, o apóstolo Paulo nunca fez qualquer alerta sobre línguas falsificadas. Homens e mulheres recém-convertidos, com passado caracterizado por rituais pagãos e demoníacos, enchiam a igreja de Corinto. A essas mesmas pessoas

Paulo disse: “Gostaria que todos vocês falassem em línguas” (1 Co 14.5)! Em nenhum lugar, Paulo diz ou sugere: “Quero que todos vocês tenham medo de línguas.” O conselho de Paulo é bem fundamentado, pois foi Jesus quem disse:

Qual pai, entre vocês, se o filho lhe pedir um peixe, em lugar disso lhe dará uma cobra? Ou se pedir um ovo, lhe dará um escorpião? Se vocês, apesar de serem maus, sabem dar boas coisas aos seus filhos, quanto mais o Pai que está nos céus dará o Espírito Santo a quem o pedir! (Lc 11.11-13).

Você não perderá o controle

Alguns se sentem relutantes em seguir o impulso do Espírito para falar em uma linguagem de oração por medo de perder o controle de si mesmo e fazer algo estúpido, embaraçoso ou irreverente. Mas, como vimos, aqueles que falam em línguas nunca são descritos na Bíblia como pessoas que perdem o controle de suas faculdades ou caem sob a influência de uma força irresistível. O propósito do falar em línguas não é oprimir ou humilhar você, mas bendizer a Deus, abençoar os outros e edificar a sua própria alma. Lembre-se de que não há lugar mais seguro para estar do que sob o controle do Espírito de Deus.

Você não precisa ser membro de uma igreja carismática

Se Deus lhe conceder esse dom, você ainda poderá continuar em sua igreja atual. A única coisa que poderá mudar é quanto tempo que você dedicará à oração, e a liberdade e alegria que começará a vivenciar na adoração.

Todavia, devo avisá-lo que você poderá muito bem encontrar oposição e até mesmo ser ridicularizado por parte de alguns, que menosprezarão a sua experiência como se ela fosse uma loucura ou influência demoníaca. Não fique na defensiva. Seja paciente e

amoroso com eles e dê-lhes tempo para que o fruto desse dom cresça. Pode ser útil buscar apoio e incentivo em um pequeno grupo de estudo bíblico ou de oração em casa, promovido por outra igreja frequentada por crentes que abraçam os dons do Espírito.

Você também poderá encontrar a acusação: “Imagino que isso significa que você acha que é melhor do que nós. Você é o ‘que tem’ e nós somos os ‘que não têm’.” Isso é um trágico equívoco não só acerca do dom de línguas, mas do nosso relacionamento com a obra do Espírito em geral. Apenas tranquilize-os da forma mais delicada e firme possível, dizendo que o dom de línguas *não* tornou você um cristão melhor do que eles. Talvez a melhor maneira de responder seja dizer: “Não acredito que agora sou um cristão melhor do que você. Apenas acredito estar a caminho de ser um cristão melhor do que era antes de receber esse dom.” Deus nos proíbe de nos compararmos com os outros, como se nós, devido a um determinado dom, fôssemos melhores do que eles (ver 1 Co 4.7). Mas é uma parte essencial da vida cristã crescer em nossa fé e nos aprofundarmos em nossa devoção a Jesus por meio do aumento e da expansão da obra do Espírito em nossas vidas.

Você não precisa colocar seu cérebro no gelo

Orar e cantar em línguas não é, de maneira alguma, incompatível com o amor pela Palavra de Deus e os princípios profundos da teologia. Falar em línguas não transforma a sua “massa cinzenta” em mingau, nem diminui a importância de uma doutrina sólida em sua vida.

Posso falar apenas por mim, mas o meu amor pelas Escrituras só tem se aprofundado desde que recebi esse dom. Se aqueles que oram e louvam em línguas se encontram cada vez menos inclinados a se aprofundarem nos tesouros teológicos da Palavra, isso não é consequência do dom de línguas. Se houvesse uma

conexão entre *glossolalia* e desdém pela doutrina, certamente Paulo nos teria informado (e advertido). E nunca nos esqueçamos de que foi o apóstolo Paulo, autor da epístola aos Romanos e de outros tratados doutrinários, quem disse: “Dou graças a Deus por falar em línguas mais do que todos vocês.”

Você não precisa preparar-se

Se você não fala em línguas, mas deseja fazê-lo, não precisa preparar-se dizendo repetidamente “abacaxi” de trás para a frente. Ignore aqueles que poderiam ser tentados a lhe sugerir certas palavras, se estiver difícil começar. É o Espírito quem dá a expressão (ver At 2.4), não um amigo bem-intencionado. Falar em línguas não é uma experiência de “convulsão oral”, como se Deus pretendesse sacudir milagrosamente a sua boca e os seus lábios. Apenas espere no Senhor e fale palavras que Ele lhe trazer à mente, não importa quão incoerentes ou bobas elas possam parecer. Elas são uma música doce aos ouvidos do seu Pai.

Persevere na oração

Quando Paulo nos exortou a desejar ardentemente os dons espirituais, ele queria que pedíssemos a Deus o desejo do nosso coração. Não tenha vergonha de desejar esse dom. E não desanime se a resposta demorar a chegar. Se a resposta definitiva for “não”, regozije-se nos dons que Deus já lhe concedeu e use-os para a sua glória e a edificação da Igreja.

Certa vez, recebi uma carta de uma senhora muito culta e respeitada, referente à sua própria experiência com o falar em línguas. Aqui está um trecho dela:

Pelo seu valor, deixe-me relatar rapidamente minha própria experiência com o falar em línguas. Vinte anos atrás, quando eu era aluna do ensino médio, meu namorado pentecostal louco e selvagem e

seus companheiros pentecostais tentaram, de todas as maneiras, fazer com que eu — uma menina batista conservadora — falasse em línguas. Eu não era contra a ideia, mas por mais que tentassem — oração, gemidos, falar em línguas perto de mim... tentaram de tudo, salvo cortarem-se com facas —, nada aconteceu. Eles chegaram à conclusão de que eu era não espiritual e resistente à obra de Deus em minha vida. Não posso dizer que essa experiência me marcou profundamente, mas ela me deixou sentindo um pouco cautelosa quanto à validade do dom.

Em junho deste ano, o Espírito colocou em meu coração o desejo de fazer um jejum prolongado. No quarto dia — um dia realmente muito difícil de luta contra o desejo físico e mental de comer — enquanto eu derramava meu coração a Deus, palavras estrangeiras e estranhas brotaram das minhas profundezas e transbordaram da minha boca. Passou-se um bom tempo antes de me ocorrer que eu estava falando em línguas. Nos dias e semanas seguintes do jejum, fui capaz de usar esse dom para lutar contra a forte tentação. Duvido que eu tivesse força física, mental e espiritual para completar o jejum sem ele. Senti-me como se o Espírito de Deus em meu interior estivesse intercedendo junto ao Pai em meu nome. O dom permanece comigo. Sinto-me mais inclinada a usá-lo em momentos de profunda intercessão ou profundo louvor. “Profundo” é o melhor adjetivo em que posso pensar — é um tanto difícil descrever, mas penso que você sabe o que quero dizer.

O interessante acerca da experiência dessa senhora é que ela não estava buscando o dom de línguas. Ela estava simplesmente buscando a Deus... com todo seu coração, alma, mente e força. Não estou sugerindo que você precisa seguir o exemplo dela, nem que necessariamente receberá uma nova linguagem de oração simplesmente por jejuar e orar. Mas isso poderá acontecer!

Dedique-se a períodos prolongados de louvor

Quero terminar com uma sugestão simples. Separe um tempo e um lugar em que você possa estar a sós com o Senhor durante algumas horas de meditação e adoração ininterruptas. Associar isso com jejum, ou não, é decisão sua. Ouça um CD de louvor e passe o máximo de tempo possível adorando a beleza de Cristo e desfrutando da alegria de ser amado por Ele. Abra seu coração, abra sua boca e cante as canções de amor que Ele colocou dentro de você. O que acontecerá a seguir será entre você e Deus.

O dom de interpretação de línguas

A interpretação de línguas pode ser o dom mais negligenciado no Corpo de Cristo. Ela é também um dos dons mais importantes, na medida em que, por si só, possibilita a introdução do falar em línguas e suas bênçãos evidentes na assembleia de crentes. Mas, antes de analisar o que é esse dom, deixe-me explicar o que ele *não é*.

O que o dom não é

O dom de interpretação de línguas não é a capacidade de interpretar revelações em larga escala. Alguém que tem esse dom não tem automaticamente a capacidade de interpretar sonhos, visões ou outros fenômenos reveladores.

Embora não mencionado no Novo Testamento, pode muito bem haver um carisma de *interpretação*, em um sentido amplo. José atribuiu a Deus a sua capacidade de interpretar sonhos (ver Gn 41.14-16), mas, então, alguém que também possuísse qualquer dom espiritual faria o mesmo. Daniel também era capaz de interpretar sonhos reveladores (ver Dn 2 e 4; e, especialmente, 5.14-16). No entanto, o dom de interpretação (ver 1 Co 12.10) não se manifesta isoladamente, ele está intimamente ligado ao dom de línguas.

Esse dom precisa ser distinguido da capacidade de traduzir uma língua estrangeira. Todos nós temos visto tradutores nas Nações Unidas, por exemplo, onde pessoas treinadas interpretam os discursos para os representantes de vários países. Essa é uma habilidade impressionante, mas é uma capacidade humana natural aprendida, que não necessita de qualquer unção sobrenatural de Deus. A interpretação de línguas, no entanto, é mais do que uma “manifestação” (1 Co 12.7) do Espírito Santo, como os dons de milagres ou de profecia.

O que o dom de interpretação é

O carisma de interpretação de línguas é a capacidade, concedida pelo Espírito, de traduzir uma expressão pública de línguas para o idioma da congregação. A palavra “traduzir” é, porém, um pouco ambígua. Existe uma gama de variações entre a tradução literal, numa extremidade, e a ampla adição, na outra, sempre que o dom da interpretação é exercido.

Interpretar uma declaração em línguas poderia ser algo concebido como uma tradução literal, palavra por palavra, de extensão equivalente ao da declaração em línguas. Muitas vezes, o que é dito em línguas é enigmático, alegórico ou simbólico. Isso exigiria que o intérprete explicasse o que foi dito e descompactasse o seu significado, algo não diferente do que um crítico de arte faz ao “interpretar” uma pintura e explicar a sua intenção ou disposição.

Talvez o dom de interpretação resulte em uma reprodução mais livre e mais fluida, que capta a essência ou o ponto principal do enunciado, mas fica muito aquém de uma reprodução palavra por palavra. Ou ela pode ser, simplesmente, uma paráfrase do que foi dito.

Não vejo qualquer razão para pensar que o Espírito Santo não possa permitir que alguém interprete uma declaração em línguas em qualquer ponto dessa gama de variações. Assim,

alguém poderia falar em línguas longamente e a interpretação ser breve. É inteiramente possível que um intérprete possa proporcionar uma tradução longa, praticamente palavra por palavra, enquanto outro faça um resumo do seu conteúdo básico. Em qualquer caso, o movimento é sempre o da obscuridade e ininteligibilidade da declaração em línguas para a clareza e inteligibilidade da interpretação, de modo que todos na igreja possam dizer amém ao que foi dito (ver 1 Co 14.16). Dessa maneira, todo o Corpo é edificado.

O conteúdo da interpretação

Anteriormente, observamos que as línguas podem ser qualquer forma de oração (ver 1 Co 14.2) ou, talvez, adoração (ver 1 Co 14.16, comparar com 2.11; 10.46), bem como de ação de graças (ver 1 Co 14.16). Portanto, as interpretações também assumirão a forma de orações, louvor e expressões de gratidão a Deus. Em outras palavras, se o foco das línguas está voltado para Deus, assim também será com a interpretação.

Isso levanta a questão de saber se existe ou não uma *mensagem* em línguas: em outras palavras, uma mensagem dirigida *horizontalmente* às pessoas, em vez de *verticalmente* a Deus. Os crentes pentecostais e carismáticos há muito tempo acreditam que, quando as línguas são interpretadas, o resultado é o equivalente a uma profecia. Mas outros argumentaram (corretamente, creio) que o que devemos ouvir é alguém adorando a Deus — algo semelhante à nossa experiência ao lermos ou meditarmos sobre os salmos. Somos abençoados, encorajados e instruídos ao ouvir Davi e outros salmistas louvarem ao Senhor. Se isso estiver correto, e o que for falado em línguas não tiver a forma de uma oração de adoração, ação de graças ou celebração centrada em Deus,

devemos relutar em aceitar que aquela é uma interpretação revelada pelo Espírito.

Se a interpretação de línguas não é nada mais do que profecia, por que ter apenas palavras proféticas em vez de se preocupar com as línguas? Concordo que as línguas interpretadas atuam como profecia na medida em que edificam e encorajam outros crentes (ver 1 Co 14.5). Mas isso não quer dizer que línguas interpretadas sejam idênticas a profecia. Isso só seria verdade se assumíssemos que o falar em línguas é revelador, e depois provássemos esse ponto.

Se o que eu disse estiver correto, isso sugeriria que as muitas assim chamadas mensagens em línguas dirigidas às pessoas na forma de instrução, repreensão ou exortação *não foram* adequadamente interpretadas. Línguas + interpretação $\neq$ profecia, mas línguas + interpretação = oração, louvor ou ação de graças.

Conclusão

Fico imaginando se a oposição às línguas e sua interpretação talvez não esteja mais ligada a uma reação à dinâmica emocional tão frequentemente vinculada ao seu exercício, do que a uma cuidadosa exegese do Novo Testamento. Mas, certamente, Deus é digno de que confiemos nele com nossas emoções e, igualmente, com nossas mentes. Tenho a impressão de que muitos afirmam o controle soberano de Deus sobre tudo, *exceto* os seus sentimentos. Uma das coisas que aprendi por minha experiência com dons espirituais é que podemos confiar em Deus para dirigir e supervisionar a nossa *experiência* do seu poder, tanto quanto a nossa *afirmação* teológica desse poder.

Jack Hayford, pastor emérito da Igreja *On The Way*, de Van Nuys, Califórnia, tem algumas palavras úteis de sabedoria para todos nós. Hayford escreveu:

Comecei a ter a noção de que, em um ambiente onde a Palavra de Deus é o fundamento e a Pessoa de Cristo é o foco, podemos confiar que o Espírito Santo fará as duas coisas — iluminará a inteligência e inflamará as emoções. Logo descobri que, para dar a Ele o espaço necessário para isso, preciso entregar-lhe meus medos insensatos, mais do que a sensatez do meu controle. Deus não está pedindo a qualquer um de nós para abandonar a razão ou sucumbir a alguma sensação de euforia. Ele está, porém, nos chamando a confiar nele — o suficiente para lhe deixar assumir o controle.⁸

Você compreendeu?

1. Por que os cessacionistas tipicamente acreditam que todo falar em línguas é uma linguagem humana não previamente estudada por quem fala? Que argumentos bíblicos você usaria para se opor a essa ideia?
2. Quais os propósitos de se falar em línguas? Como Deus usou esse dom em sua vida ou na vida de outras pessoas que têm o dom?
3. Se você não tem o dom de línguas, mas deseja tê-lo, o que você pode fazer em sua busca por ele?
4. Defina e descreva como o dom espiritual de interpretação atua em relação ao dom de línguas?
5. É possível a existência de uma “mensagem” destinada a outras pessoas em línguas? Se sim, explique sua resposta. Se não, o que isso nos diz sobre a natureza do falar em línguas?

Deixe o seu dom encontrar você

Se você chegou a este capítulo depois de ter lido os nove anteriores, parabéns! Parabenizo você porque isso denota sua preocupação com os dons espirituais e o papel que eles desempenham na sua vida como crente e na vida da Igreja. Isso também demonstra o seu compromisso com a autoridade das Escrituras. Há muitos cristãos que simplesmente não acreditam que essa questão é importante o suficiente para justificar o tempo e a energia despendidos lendo mais um livro. Eles perguntam, muitas vezes com uma expressão de dor estampada em seus rostos: “Os dons espirituais são realmente importantes?” Vou responder a essa pergunta com algumas questões formuladas por mim, todas extraídas diretamente do que Paulo diz em Efésios 4.

Você acha que é importante os cristãos conviverem uns com os outros? Você valoriza a união cristã? Presumo que você acredite que unicidade, amor recíproco e comunhão de pensamento são cruciais para a vida da Igreja. Todavia, Paulo disse que, se esperamos experimentar essa “unidade da fé”, temos de ter dons espirituais (Ef 4.13) operando da maneira como Deus os projetou.

Você acredita que é importante os cristãos serem equipados espiritualmente para fazer a obra e cumprir o serviço, sem os quais a Igreja não pode ser edificada (ver Ef 4.12)? Se assim for, os dons espirituais são essenciais.

Conhecer Jesus é uma parte vital da vida cristã? Eu sei, essa é uma pergunta estúpida! Mas, poucos percebem que Deus "... deu dons aos homens" (Ef 4.8), dons como profecia, ensino e similares, "... até que todos alcancemos... o conhecimento do Filho de Deus" (Ef 4.13). Deus concedeu graciosamente dons espirituais para nos ajudar a crescer, aprofundar e expandir e aumentar nosso conhecimento e aproveitamento das "insondáveis riquezas de Cristo" (Ef 3.8).

Muitos crentes anseiam por maturidade, integridade teológica e palavras de encorajamento e crescimento. Mas poucos percebem que essas coisas dependem do exercício adequado dos dons espirituais na vida da Igreja (ver Ef 4.13-16).

Dito de maneira simples, há pouca esperança de que o abismo a que me referi no capítulo 1 poderá ser transposto se continuarmos a negligenciar os dons espirituais ou a relegá-los a uma categoria secundária no Corpo de Cristo. Então, se você perseverou o suficiente para chegar a este ponto do livro, digo novamente: parabéns!

Então, qual é o meu dom?

A resposta à nossa pergunta final não é encontrada em um estoque de dons espirituais ou perfil de personalidade. Se eu parecer um pouco cético sobre essas coisas, é porque sou. Penso que a Bíblia quer imprimir em nós uma abordagem muito mais prática, quase pragmática, à descoberta dos nossos dons espirituais, uma abordagem fundamentalmente alicerçada em necessidades. Deixe-me dar-lhe alguns exemplos do que quero dizer.

Na próxima vez em que você estiver na igreja ou em um pequeno grupo, ou apenas passeando com outros crentes, faça uma pausa momentânea e pergunte: alguém está fisicamente ferido ou sofre de dor crônica? Se sim, tire suas mãos dos bolsos, imponha-as sobre seu irmão ou sua irmã e ore pelo poder de cura de Deus.

Alguém que você conhece está perturbado ou desanimado? Alguém está achando a vida frustrante a ponto de não poder suportá-la? Se sim, leve-o para tomar um café e escute a história dele. Você não precisa teologizar acerca da situação difícil que ele está vivendo. Essa pessoa não está à procura de explicações. Ela só quer alguém que se importe o suficiente para passar alguns minutos com ela. Apenas ouça-a. Em seguida, ame-a.

Alguém está com dificuldades financeiras, com poucas perspectivas de sair do buraco? Faça algo corajoso. Dê-lhe a sua última nota de cinquenta e confie que Deus suprirá a sua própria necessidade.

Você conhece pessoas que estão confusas a respeito de algum versículo da Bíblia que acabaram de ler em seu tempo devocional? Talvez você esteja tão confuso quanto elas. Pegue uma concordância, uma Bíblia de estudo, talvez um comentário na biblioteca da igreja e estude um pouco. Em seguida, sente-se com seu amigo ou amigos, una sua mente e seu coração aos deles e orem para que o Espírito ilumine o seu pensamento.

Alguém está lutando contra o pecado? (É claro que está!) Ofereça-se para orar por ele ou ela. Mas, antes disso, sentem-se calmamente juntos e peçam ao Senhor para guiar os seus pensamentos e falar palavras de sabedoria às suas almas. Se você perceber alguma coisa, ou um pensamento lhe vier à mente, compartilhe com essa pessoa. Isso poderá ser a chave que abre a porta do coração dela e traz liberdade da escravidão.

A pessoa pela qual você acabou de orar relata ouvir vozes em sua mente? Essa pessoa luta com uma vergonha paralisante, sendo

bombardeada praticamente todos os dias por pensamentos acusadores e autodepreciativos? Se sim, ministre a Palavra de Deus a ela com autoridade. Em nome de Cristo, ordene a todos os espíritos demoníacos que saiam e nunca mais voltem. Ore para que essa pessoa seja novamente cheia com o Espírito Santo.

Você conhece alguém oprimido pela desordem em sua garagem e aquela montanha sempre crescente de roupa suja? Ofereça-se para passar o sábado com ela, ajudando-a, catando, lavando, secando, dobrando e guardando as roupas.

Nada disso soa especialmente espetacular. (Talvez algumas coisas, sim.) Então, onde quero chegar com essas perguntas? A esta simples conclusão: se passarmos menos tempo buscando identificar o nosso dom espiritual (ou mais de um) e mais tempo realmente orando, dando, ajudando, ensinando, servindo e exortando aqueles que nos rodeiam, isso aumenta muito a probabilidade de exercermos o nosso dom impetuosamente, sem nem perceber o que aconteceu. É mais provável que Deus nos conceda os seus dons durante o tempo em que procuramos ajudar os seus filhos, do que enquanto estamos fazendo um teste de análise de dons espirituais.

Anteriormente, levantei a questão de saber se poderia haver dons espirituais além daqueles mencionados explicitamente no Novo Testamento. Estou inclinado a acreditar que existem, potencialmente, tantos dons quanto há necessidades na vida da Igreja e na experiência dos cristãos individualmente.

Então, busque uma necessidade e vá ao seu encontro. Encontre um ferido e cure-o. Esteja alerta para o grito de socorro e responda a ele. Ouça a voz de Deus e fale-a. Identifique a fraqueza de alguém e supere-a. Procure o que está faltando e supra. Quando você fizer isso, o poder de Deus — a atividade estimulante, capacitadora e carismática do Espírito Santo — equipará você, talvez uma única vez, mas possivelmente para sempre, para

ministrar esperança e encorajamento aos necessitados. Então, se você ainda está se perguntando qual pode ser o seu dom, aja primeiro e pergunte depois.

Você compreendeu?

1. Que dom espiritual (ou dons espirituais) você já recebeu de Deus? Quando e como Deus derramou esses dons sobre sua vida?
2. Que dom espiritual (ou dons espirituais) você atualmente não tem, mas gostaria de ter? O que você está preparado para fazer na busca por esses dons?
3. Como você poderia identificar seus dons espirituais? Você deve olhar para dentro de si e fazer um balanço de sua própria alma, ou olhar para fora de si, em direção às necessidades ao seu redor? Justifique a sua resposta.

Diretrizes para ajudar na oração por enfermos

Meu objetivo neste apêndice é triplo. Primeiro, desejo aumentar o seu nível de expectativa quando você orar pelas pessoas sem que você caia no pecado da presunção. Segundo, desejo “desmistificar” a oração de cura. Em outras palavras, quero ajudá-lo a reconhecer que orar pelos enfermos, feridos e oprimidos não é uma prerrogativa especial dos oficiais da igreja ou dos possuidores de um dom específico. Também quero ajudá-lo a abraçar a sua responsabilidade como crente de incorporar a oração por cura como um aspecto regular e normal do que é ser cristão. Finalmente, meu objetivo aqui é lhe fornecer princípios bíblicos para orientar o seu pensamento quando você orar pelos doentes e feridos, bem como diretrizes práticas a respeito de como realmente orar pelas pessoas de uma maneira que honre a Deus e as abençoe.

À medida que avançarmos, confio em que você reconhecerá que há dois extremos que devemos evitar. De um lado, há o deísmo funcional e, de outro, a mágica e a manipulação. Deísmo funcional é como me refiro ao hábito de muitos cristãos que reconhecem alegremente a existência de Deus e o amam

sinceramente, mas vivem como se Ele raramente, ou nunca, interviesse em nossos assuntos em resposta a oração. Por mágica e manipulação, quero dizer a atitude de aproximar-se de Deus como quem acredita que se dissermos as palavras certas e seguirmos a fórmula certa, poderemos garantir que Deus sempre fará o que lhe pedimos.

Isso quer dizer que precisamos abordar esse tema dando a devida importância a duas verdades sobre o próprio Deus. A primeira é a sua bondade (ver Lc 11.11-13); a segunda, sua soberania (ver 2 Co 12.7-10, Tg 5.13-18). Sim, Deus é bom e ama responder às orações do seu povo. Mas Deus é também soberano e livre para fazer o que quer que seja do seu bom agrado. Em outras palavras, há sempre um elemento de mistério no relacionamento de Deus conosco, de modo que nunca seremos capazes de compreender totalmente o que acontece deste lado do céu e a completa redenção dos nossos corpos.

O modelo que apresento aqui não foi originalmente concebido por mim. Ouvi falar dele pela primeira vez por meio do falecido John Wimber, que serviu como líder da Associação de Igrejas Vineyard durante muitos anos antes de sua morte em 1997. Tomei a liberdade de fazer algumas pequenas modificações, mas as diretrizes gerais dessa abordagem foram elaboradas por John.

A prática da oração de cura

Começamos com o que denominaremos *entrevista*. Ao orar por alguém, é sempre importante começar perguntando à pessoa: Onde dói? Como posso ajudar? O problema que você está enfrentando é opressão física, emocional ou espiritual, ou talvez ou um ataque do inimigo? Incentive a pessoa a responder do modo mais específico e detalhado possível.

Não atrole essa importante etapa da oração de cura. Com frequência, peço ao Espírito Santo para me orientar, especialmente se a pessoa não é capaz de revelar muita coisa ou se está tão confusa ou magoada que simplesmente não sabe. Dedique um tempo adequado a escutar. Não há necessidade de ter pressa. Claro, você também precisa ser cuidadoso em como usar qualquer indício ou ideia que você acredite ter sido dado pelo Espírito.

A segunda etapa dessa abordagem à oração é o *diagnóstico*. Isso soa um pouco clínico, mas a ideia é simplesmente determinar, da melhor maneira possível, qual poderia ser a causa ou origem da doença. As causas podem ser qualquer uma das seguintes ou uma combinação de várias:

- Simplesmente viver em um mundo caído (tendo como resultado a exposição a vírus, acidentes e afins).
- Pecado (ver Tg 5 e Jo 9). Seja cuidadoso, não agrave o problema da pessoa com acusações que possam colocar culpa injustificada no coração dela.
- Emocional: ansiedade, falta de perdão, estresse *etc.*
- Histórico familiar (genética, criação, *etc.*).
- Demoníaca (ver Lc 13).
- Desconhecida.

Tenha cuidado ao tirar conclusões diretas sobre causa/efeito (não queira ser mais esperto do que o Espírito Santo!).

A terceira etapa é a própria *oração*. Na verdade, a oração por cura pode tomar uma de duas formas. Há, antes de tudo, a oração voltada para Deus, quando pedimos a Ele pela presença do Espírito Santo. É sempre útil focar no problema específico, ou seja, identificar o problema físico ou a ferida espiritual e interceder para que Deus toque diretamente neles.

Depois, há o que poderíamos descrever como a oração que vem de Deus. Neste caso, você não pede a Deus para trazer cura,

mas, com base na sua autoridade em Cristo, você manda a doença sair. Você poderá dizer coisas como “seja curado” ou “receba a sua cura”. Antes de rapidamente desconsiderar essa abordagem por achá-la arrogante e sem fundamento bíblico, lembre-se de que Jesus quase sempre curava por meio de uma palavra de comando. Pelo que sabemos, o único caso em que Ele orou ao Pai por uma cura foi quando Lázaro foi ressuscitado dos mortos!

Não importa qual forma a sua oração tome, evite pensar que Deus não curará se você não disser “tudo direitinho” ou com uma “gramática perfeita”, ou de uma forma “teologicamente sofisticada”. Deus está preocupado principalmente com a atitude do seu coração, a sua compaixão pelos que sofrem e a sua dependência dele, e não com o “estilo” ou a “sofisticação” com que você ora.

Chegamos agora à *prática*. Aqui estão várias diretrizes simples que você deve ter em mente quando orar.

- Se possível, peça à pessoa para fechar os olhos, mas mantenha os seus abertos. Às vezes, acontecerão coisas a ela que você precisará ver para poder reagir de maneira adequada.
- Não se apresse. Passe tempo com a pessoa. Seja paciente — especialmente ao orar pelos enfermos.
- Se você perceber ou vir Deus fazendo alguma coisa, louve-o por isso!
- Esteja ciente de manifestações físicas possíveis, mas não obrigatórias, como formigamento, espasmos, lágrimas, calor, agitação, respiração profunda *etc.*
- Faça perguntas ao longo do caminho: “Como você se sente? Você sente que Deus está fazendo alguma coisa? Você está sentindo fé, dúvida ou medo?” Dependendo da resposta, ajuste suas orações adequadamente. Não fique frustrado se a pessoa não estiver sentindo coisa alguma.

- Seja sensível sobre a imposição de mãos. Se tiver dúvidas sobre isso ser, ou não, uma atitude bíblica, considere o ministério de Jesus (ver Mt 8.15; 9.18-25, 27-31; 14.36; 17.7; 19.13-15; Mc 1.40-42; 5.21-24; 6.1-6; 6.56; 7.31-35; 8.22-25; 9.27; 16.18; Lc 4.40; 13.10-13; 22.51; 24.50) e o ministério da Igreja Primitiva (At 3.7; 5.12; 6.6; 8.17-19; 9.10-17, 41; 11.30; 13.1-3; 14.3; 19.11; 28.7,8. Essa ênfase também é encontrada em 1 Tm 4.14; 5.22; 2 Tm 1.6 [comparar com Dt 34.9; Nm 27.15-23]).
- Se um homem estiver orando por uma mulher ou vice-versa — é sempre bom estar presente mais de uma pessoa —, nunca imponha as mãos entre os joelhos e no pescoço! A única exceção é quando eles sofrem de problemas nas costas. Também recomendo que você pergunte antes de impor as mãos sobre eles: “Posso fazer isso?” Você também pode considerar a possibilidade de ungi-los com óleo (ver Tg 5.13-18).
- Quando mulheres começam a chorar, elas estão indefesas e especialmente vulneráveis. Resista à reação instintiva de segurá-las ou abraçá-las. Encontre uma mulher para ajudá-lo.

Finalmente, chegamos às orientações sobre *o que fazer depois da oração*. Mais uma vez, simplesmente farei uma relação de algumas sugestões que poderão se mostrar úteis. Muitas vezes, a cura é um processo. Se nada aconteceu, incentive a pessoa a perseverar em oração — nunca parar de orar, salvo indicação contrária por revelação divina ou morte (ver 2 Co 12 e o espinho na carne de Paulo)!

Nunca sugira que o problema é a falta de fé da pessoa. Poderá ser isso, dentre outros fatores, mas você não deve dizer isso.

- Deixe a pessoa falar sobre como ela se sente: ela está se sentindo encorajada ou desencorajada, cheia de dúvidas ou de fé? A pessoa sente o amor de Deus ou um senso de condenação e fracasso? A resposta poderá abrir um novo caminho de oração por ela.
- Oriente a pessoa a fazer qualquer confissão de pecado necessária ou reconciliação com alguém (ver Tg 5.16).
- Incentive a pessoa a voltar e pedir oração a você (ou a outros) sempre que ela desejar.
- Não importa o que acontecer, você não terá falhado! A medida do sucesso não é o grau de cura ou alívio, mas a obediência.
- Evite usar o tempo de oração como uma ocasião para aconselhamento.

Quando alguém que possui um dom cai

Meu objetivo neste apêndice não é abordar se aqueles que caíram devem ser restaurados ao ministério e, em caso afirmativo, quais poderiam ser as condições para essa restauração. Em vez disso, quero falar àqueles que desacreditam o ministério profético em decorrência dos erros cometidos pelos indivíduos mais cheios de dons.

Quando alguém que possui um ministério cai, as pessoas costumam reagir de duas maneiras. Algumas sentem uma amargura excessiva, recusam-se a perdoar e juram nunca mais confiar em líderes religiosos. Isso pode ser uma indicação de que elas também tiveram níveis elevados de expectativa para aquela pessoa, talvez até pensando que ele ou ela estivesse acima do alcance do pecado. Ou talvez elas tenham colocado nessa pessoa uma fé que deve ser reservada somente ao Senhor Jesus Cristo.

Outras são tentadas a aplicar o que eu chamo de “misericórdia não santificada” e insistem na restauração prematura daquele que pecou. Essa foi, certamente, uma tendência perigosa em alguns círculos pentecostais e carismáticos. Ouvi alguns que tiveram falhas morais dizerem: “Deus me perdoou, então, por que

a Igreja não pode fazê-lo?” Na sua maneira de pensar, a restauração da relação pessoal de alguém com Deus deve levar a uma correspondente restauração *simultânea* ao ministério público. Em minha opinião, tal pensamento é antibíblico, e muitas vezes desastroso para a pessoa envolvida.

Essas duas opções são compreensíveis, mas erradas. Não devemos nos tornar cínicos acerca do ministério, nem dar lugar a uma compaixão profana. Há uma abordagem melhor, mais bíblica. Talvez seja melhor eu simplesmente estabelecer três princípios-chave que acredito que devem governar o modo como pensamos e reagimos quando um irmão (ou irmã) de fé confiável e amado cai.

Primeiro, é natural sentirmos consideração e constrangimento simultaneamente. Aqueles cujas vidas foram impactadas positivamente pelo ministério de alguém devem continuar a afirmar esse impacto e resistir a qualquer tentação de pensar que o que aconteceu foi falso ou que os benefícios recebidos estão, de alguma maneira, manchados ou sujos. No entanto, há uma boa razão para ter uma sensação de vergonha pelo que ocorreu, pois tais eventos dão ao mundo motivo para zombar do Evangelho que proclamamos e prezamos.

Segundo, o escândalo do pecado na vida de uma pessoa não necessariamente invalida o que se acreditava ter sido benéfico em seu ministério. Pode acontecer, mas não precisa ser assim. Certamente, o caso de alguém como Judas Iscariotes precisa ser considerado. A natureza repugnante de sua traição a Jesus expôs o compromisso hipócrita e falso de sua vida e “amizade” anteriores com o nosso Senhor. Mas outras pessoas da Bíblia caíram sem pôr em questionamento a autenticidade espiritual de sua fé ou seu ministério. Pensamos imediatamente em Sansão, Davi, Pedro e Marcos, apenas para citar alguns dos casos mais proeminentes. O encontro imoral de Sansão com Dalila, o adultério de Davi com Bate-Seba e sua cumplicidade no assassinato de Urias, a covarde

negação pública de Jesus por Pedro, e o abandono do apóstolo Paulo por Marcos não corromperam o fruto das suas obras.

Também não devemos pensar que a queda de alguém lança necessariamente uma sombra sobre a autenticidade de seu ministério profético nos anos que antecederam o problema. Ainda podemos manter a nossa convicção de que o indivíduo era e é um cristão que ama profundamente o Senhor Jesus Cristo e deseja honrar sinceramente o seu Salvador. Acreditamos que o dom profético da pessoa era (e é) genuíno. Isso não é minimizar a gravidade do pecado; é simplesmente dizer que o pecado não necessariamente invalida a realidade da fé. Se a pessoa *não se arrepende* de sua queda e *resiste* à disciplina, uma conclusão diferente poderia ser justificada. Mas, e se ele ou ela reconheceu plenamente a falha e assumiu a responsabilidade por ela? E se ele ou ela se submeteu à autoridade espiritual e cumpriu os requisitos para a restauração?

Terceiro, a falha moral não significa que as promessas proféticas dadas por meio da pessoa são inválidas. Essas profecias precisam ser julgadas e ponderadas conforme as instruções contidas nas Escrituras. Elas serem ou não serem cumpridas não está relacionado ao fato de que aquele que as anunciou pecou após a sua entrega. Os salmos que o rei Davi escreveu antes do seu relacionamento adúltero com Bate-Seba não perderam repentinamente o seu valor ou deixaram de ser edificantes para o povo de Deus após ele ter pecado.

Claramente, essa é uma questão difícil e controversa, muitas vezes complicada quando a pessoa envolvida é alguém que conhecemos pessoalmente e amamos. Qualquer que seja a decisão tomada em tais casos, faremos bem em atentar para o conselho de Paulo à igreja da Galácia: “Irmãos, se alguém for surpreendido em algum pecado, vocês, que são espirituais, deverão restaurá-lo com mansidão. Cuide-se, porém, cada um para que também não seja tentado” (Gl 6.1).

Notas

Capítulo 1: Quando o poder chega à Igreja

1. Para um tratamento extenso deste assunto, ver minha contribuição ao livro *Cessaram os Dons Espirituais? 4 Pontos de Vista* (Ed. Vida, 2003), editado por Wayne Grudem, e também o livro de Jack Deere, *Surpreendido pelo Poder do Espírito* (CPAD, 1995). Um tratamento mais técnico de algumas coisas que discuto neste livro pode ser encontrado no volume *4 Pontos de Vista*. Também escrevi um livro que conta minha experiência pessoal com os dons e o poder do Espírito Santo. Ver *Convergence: Spiritual Journeys of a Charismatic Calvinist* (Kansas City, MO: Enjoying God Ministries, 2005).
2. A esse respeito, ver Jack Deere, *Surprised by the Power of the Spirit* [*Surpreendido pelo Poder do Espírito*], p. 58-71, 229-252.

Capítulo 2: Certo? Errado!

1. A palavra *pneumatikon* pode ser entendida de duas maneiras. Ela pode ser do gênero masculino e referir-se a “pessoas espirituais” (1 Coríntios 2.15; 3.1; 14.37; Gálatas 6.1); ou pode ser neutra e referir-se a “coisas espirituais”, como (mas não

se restringindo a) dons espirituais (1 Coríntios 9.11; 12.1; 14.1). Em Efésios 6.12, *pneumatikon* é neutra e se refere a espíritos demoníacos.

2. Gordon Fee, *God's Empowering Presence: The Holy Spirit in the Letters of Paul* (Peabody, MA: Hendrickson, 1994), p. 773, ênfase acrescentada.
3. Jack Deere, *The Beginner's Guide to the Gift of Prophecy* (Ann Arbor, MI: Servant, 2001), p. 34.
4. Não estou totalmente convencido de que o apostolado seja um dom espiritual, pelo menos não da mesma maneira que os outros fenômenos analisados neste livro. Discuto isso no livro *Are Miraculous Gifts for Today? [Cessaram os Dons Espirituais?]*, p. 156-159.

Capítulo 3: Palavras de sabedoria e conhecimento

1. James D. G. Dunn, *Jesus and the Spirit* (Philadelphia: Westminster, 1975), p. 217.
2. Ibid.
3. Ver 1 Coríntios 1.18-27, onde ao longo desses dez versículos, a palavra “sabedoria”, e seus derivados, ocorre doze vezes! Em 1 Coríntios 2.1, Paulo disse que, quando pregou aos coríntios, não foi com “discurso (*logos*) eloquente, nem com muita sabedoria (*sophia*)” (curiosamente, os mesmos termos gregos usados em 1 Coríntios 12.8), mas “demonstração do poder do Espírito” (2.4). Ver também 2.5-8,13 para referências adicionais e alusões à sabedoria. Especialmente digno de nota é 1 Coríntios 1.17, onde Paulo disse que Cristo não o enviara para proclamar o Evangelho “com palavras (*logos*) de sabedoria (*sophia*) humana”. Novamente em 2.4, Paulo insistiu em não ter pregado com “palavras (*logos*) persuasivas de sabedoria (*sophia*)”. As mesmas duas palavras são encontradas juntas novamente em 1 Coríntios 2.13.

4. Dunn, *Jesus and the Spirit*, p. 220.
5. Ibid., p. 218.
6. Ibid., p. 221.
7. Ver Wayne Grudem, *Systematic Theology: An Introduction to Biblical Doctrine* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1994) [*Teologia Sistemática: Atual e Exaustiva*; Ed. Vida Nova, 2011], p. 1.080-1.082.
8. Charles H. Spurgeon, *Autobiography: Volume 2, The Full Harvest, 1860-1892* (Edinburgh, Scotland: Banner of Truth Trust, 1973), p. 60.

Capítulo 4: Fé e cura

1. Donald A. Carson, *Showing the Spirit: A Theological Exposition of 1 Corinthians* (Grand Rapids, MI: Baker, 1987) [*A Manifestação do Espírito: a Contemporaneidade dos Dons à Luz de 1 Coríntios 12-14*; Ed. Vida Nova, 2013], p. 39.
2. Ibid., p. 39.
3. Para uma refutação a esse argumento, ver minha discussão no livro *Are Miraculous Gifts for Today?* [*Cessaram os Dons Espirituais?*], p. 186-190.
4. Ver Mateus 8.15; 9.18-25, 27-31; 14.36; 17.7; 19.13-15; Marcos 1.40-42; 5.21-24; 6.1-6; 6.56; 7.31-35; 8.22-25; 9.27; 16.18; Lucas 13.10-13; 22.51. Notar também a prática da Igreja Primitiva em Atos 3.7; 5.12; 6.6; 8.17-19; 9.10-17, 41; 13.1-3; 14.3; 19.11; 28.7,8. Essa ênfase é também encontrada em 1 Timóteo 4.14; 5.22; 2 Timóteo 1.6 (ver Deuteronômio 34.9; Números 27.15-23).
5. A primeira pessoa que ouvi articular esse princípio foi meu amigo Jack Taylor.

Capítulo 5: É um milagre!

1. Também, a palavra traduzida como “obras” (*erga*) é muitas

vezes usada (especialmente em João) para descrever os feitos milagrosos de Jesus (ver João 5.20, 36[2]; 7.21, uma referência ao milagre de 5.2 e seguintes; 9.3,4; 10.25,32[2],33,37,38). Outras ocorrências de *obras* em João que se referem às obras de homens ou à atividade geral/global de Deus incluem João 3.19-21; 4.34; 6.28,29; 7.3,7; 8.39,41; 15.24; 17.4. Outras três referências a obras são encontradas em João 14.10-12.

2. Max Turner, *The Holy Spirit and Spiritual Gifts in the New Testament Church and Today*, rev. ed. (Peabody, MA: Hendrickson, 1998), p. 272.
3. Wayne Grudem, *Systematic Theology: An Introduction to Biblical Doctrine* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1994) [*Teologia Sistemática: Atual e Exhaustiva*; Ed. Vida Nova, 2011], p. 355.
4. Philip Yancey, "Jesus, the Reluctant Miracle Worker", *Christianity Today*, 19 de maio de 1997, p. 80.
5. Ibid.
6. Ibid.
7. Ibid.
8. John Piper, "The Signs of the Apostle", *The Standard*, novembro de 1991, p. 28.
9. Wayne Grudem respondeu longamente a esse argumento em um artigo intitulado "Should Christians Expect Miracles Today?" em *The Kingdom and the Power*, editado por Gary S. Greig e Kevin N. Springer (Ventura, CA: Regal, 1993), p. 55-110 (especialmente p. 91-95).
10. Yancey, "Jesus, the Reluctant Miracle Worker".
11. Ibid.
12. Ibid.
13. Bob Jones foi colocado em disciplina durante a década de 1990, aconselhado por John Wimber e, mais tarde, restaurado e liberado por seus supervisores. Para mais informações sobre como devemos reagir diante da queda de uma pessoa

que possui um dom, consulte o apêndice.

14. O mais próximo foi o Cometa de Lexell, em 1770, que chegou a 2,4 milhões de quilômetros da terra.
15. Fred Schaff, *Comet of the Century: From Halley to Hale-Bopp* (Nova York: Copernicus, 1997), p. 16.
16. Informações referentes à extensão da seca foram obtidas do National Climatic Data Center em Asheville, Carolina do Norte, e da Kansas City International Airport Weather Station. O único verão mais seco que o de 1983 foi o de 1976, quando uma precipitação pluvial dezoito milímetros menor foi registrada em Kansas City. O Departamento de Agricultura dos Estados Unidos emitiu um resumo da produção de safras com uma revisão da estação de crescimento e o clima. Eles descreveram o verão de 1983 como uma “onda de calor recorde”, um dos resultados foi uma quebra de mais de 28% na safra de milho em relação ao ano anterior.

Capítulo 6: Profecia e discernimento de espíritos

1. *The Autobiography of Charles H. Spurgeon*, vol. 2 (Curts & Jennings, 1899), p. 226-227.
2. Ibid.
3. Christopher Forbes, *Prophecy and Inspired Speech in Early Christianity and Its Hellenistic Environment* (Peabody, MA: Hendrickson, 1997), p. 274,275.
4. Ibid., p. 276.

Capítulo 7: Quem disse que Deus disse?

1. Em 1 Tessalonicenses 5.20, uma versão da Bíblia fala em “declarações proféticas”, outra, em “profecias”. Literalmente, essa é a forma plural da palavra *profecia* e se refere não tanto ao dom de profecia, mas às declarações individuais ou palavras pronunciadas na vida de uma igreja.

2. Boa parte da minha discussão dessa passagem depende do excelente livro de Wayne Grudem, *The Gift of Prophecy in the New Testament and Today*, rev. ed. (Wheaton, IL: Crossway, 2000) [*O Dom de Profecia: do Novo Testamento aos Dias Atuais*; Ed. Vida, 2004]. Ver especialmente p. 54-62.
3. Alguns insistem em que “os outros” são os “outros profetas”. Contudo, o termo que Paulo usa para “outros” (*hoi alloi*) costuma significar “outros diferentes do indivíduo”, isto é, pessoas que não os profetas cujas declarações devem ser avaliadas (isto é, os outros que constituem o grupo maior, a congregação como um todo). Se Paulo quisesse dizer “os demais” profetas presentes na reunião, mais provavelmente ele teria usado um termo diferente (*hoi loipoi*), que tem o significado de “os demais da mesma classe”. Poderia ser que Paulo estivesse se referindo aos que têm o dom de “discernimento de espíritos” (1 Co 12.10). Em 1 Coríntios 12.10, a palavra traduzida como “discernimento” é o substantivo *diakrisis*. Em 1 Coríntios 14.29, a palavra traduzida como “julguem” é a forma verbal correlata *diakrino*. Apoia essa visão o fato de que “discernimento de espíritos” em 1 Coríntios 12.10 parece associado ao dom de profecia de maneira muito semelhante como “interpretação” está associada ao dom de línguas. Mas, então, por que Paulo não teria simplesmente dito “aqueles que discernem espíritos julguem” se, de fato, ele tivesse em mente um grupo assim? Também, se tomarmos “os outros” como referente a um grupo especial de profetas ou aqueles com dom de discernimento de espíritos, o que deve fazer a maior parte da congregação quando profecias estão sendo pronunciadas e avaliadas? Parece que essas pessoas seriam compelidas a sentar-se passivamente, esperando a profecia terminar e ser julgada, antes de saber se deviam acreditar nela ou não. Além disso, essas duas primeiras visões exigiriam que acreditássemos que os

mestres, pastores e outros líderes da igreja que não possuem o dom de profecia ou de discernimento de espíritos precisariam sentar-se passivamente, esperando o veredicto de um grupo de elite. Nada disso parece plausível.

4. Grudem, *The Gift of Prophecy* [O Dom de Profecia], p. 57. Max Turner contribui: “Aqui [em 1 Coríntios 14.29], claramente, não se trata de decidir se é verdadeira ou falsa profecia e, depois, apedrejar o profeta (ou, pelo menos, exorcizá-lo) no último caso. Trata-se de decidir o que vem de Deus e como isso se aplica, e de separar isso do que é meramente inferência humana. De fato, o elemento humano e o erro humano parecem ter sido tão aparentes que, em 1 Tessalonicenses 5.20,21, Paulo precisa alertar a congregação: ‘Não tratem com desprezo as profecias, mas ponham à prova todas as coisas e fiquem com o que é bom.’. Inquestionavelmente, então, no Novo Testamento a profecia é um fenômeno misto” (*Holy Spirit and Spiritual Gifts*, p. 214).

Capítulo 8: O que é o dom de línguas?

1. Ver Atos 2.37-42; 8.26-40; 9.1-19; 13.44-52; 16.11-15; 16.25-34; 17.1-33; 18.1-11.
2. Gordon Fee, *The First Epistle to the Corinthians* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1987), p. 657. Ênfase acrescentada.
3. Jack Hayford, *The Beauty of Spiritual Language* (Dallas, TX: Word, 1992), p. 102-106.

Capítulo 9: Línguas e interpretação na Igreja

1. William Samarin, *Tongues of Men and Angels: The Religious Language of Pentecostalism* (Nova York: MacMillan, 1972).
2. Essa é a interpretação do termo em Anthony Thiselton, *The First Epistle to the Corinthians* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2000), p. 970.

3. Gordon Fee, *The First Epistle to the Corinthians* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1987), p. 630,631; ver também Richard B. Hays, *First Corinthians* (Louisville, KY: John Knox, 1997), p. 223.
4. Christopher Forbes, *Prophecy and Inspired Speech in Early Christianity and Its Hellenistic Environment* (Peabody, MA: Hendrickson, 1997), p. 185,186. O fato de se dizer que as línguas cessam na *parousia* (ver 1 Coríntios 13.8) leva Thielson a concluir que elas *não podem* ser uma fala angelical, pois por que uma linguagem celestial terminaria no *eschaton* (ver seu livro *First Corinthians*, p. 973, 1.061,1.062)? Porém, não seria uma fala celestial por si que termina, mas uma fala celestial por parte de humanos concebida para compensar agora as limitações endêmicas à nossa condição caída e pré-consumada.
5. Wayne Grudem, *Systematic Theology: An Introduction to Biblical Doctrine* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1994) [*Teologia Sistemática: Atual e Exhaustiva*; Ed. Vida Nova, 2011], p. 1.072.
6. A história de Jackie Pullinger pode ser encontrada em sua autobiografia, *Chasing the Dragon* (Ventura, CA: Regal, 2007).
7. Jack Hayford, *The Beauty of Spiritual Language* (Dallas, TX: Word, 1992), p. 40.
8. Jack Hayford, *A Passion for Fullness* (Dallas, TX: Word, 1990), p. 31.

Leituras Recomendadas

Dons Espirituais: uma introdução bíblica, teológica e pastoral é apenas isso, uma introdução. Espero que agora você esteja pronto para buscar mais profundamente na Palavra de Deus sobre esse assunto. Segue-se uma relação de alguns dos melhores livros a respeito dos carismas.

Banister, Doug. *The Word and Power Church*. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1999.

Carson, Donald A. *A Manifestação do Espírito: a Contemporaneidade dos Dons à Luz de 1 Coríntios 12-14*. São Paulo: Vida Nova, 2013.

Cole, Graham A. *He Who Gives Life: The Doctrine of the Holy Spirit*. Wheaton, IL: Crossway, 2007.

Deere, Jack. *Surpreendido pelo Poder do Espírito*. Rio de Janeiro: CPAD, 1995.

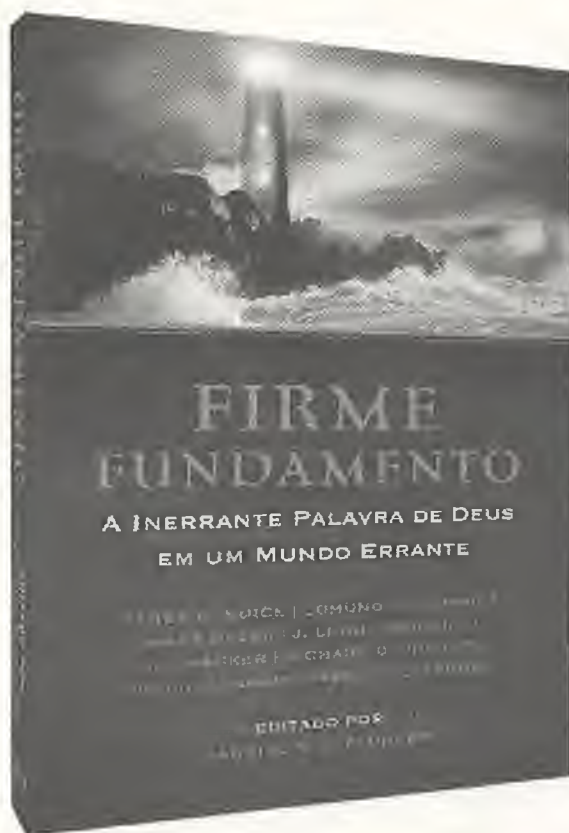
_____. *Surpreendido com a Voz de Deus*. São Paulo: Vida, 1998.

Fee, Gordon D. *God's Empowering Presence: The Holy Spirit in the Letters of Paul*. Peabody, MA: Hendrickson, 1994.

Forbes, Christopher. *Prophecy and Inspired Speech in Early*

- Christianity and Its Hellenistic Environment*. Peabody, MA: Hendrickson, 1997.
- Grieg, Gary S., e Kevin N. Springer. *The Kingdom and the Power: Are Healing and the Spiritual Gifts Used by Jesus and the Early Church Meant for the Church Today? A Biblical Look at How to Bring the Gospel to the World with Power*. Ventura, CA: Regal, 1993.
- Grudem, Wayne, ed. *Cessaram os Dons Espirituais? 4 Pontos de Vista*. São Paulo: Vida, 2003.
- _____. *O Dom de Profecia: do Novo Testamento aos Dias Atuais*. São Paulo: Vida, 2004.
- Keener, Craig S. *Gift & Giver: The Holy Spirit for Today*. Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2001.
- Kydd, Ronald. *Charismatic Gifts in the Early Church*. Peabody, MA: Hendrickson, 1984.
- Lederle, Henry I. *Treasures Old and New: Interpretations of "Spirit-Baptism" in the Charismatic Renewal Movement*. Peabody, MA: Hendrickson, 1988.
- Menzies, William W. e Robert P. Menzies. *No Poder do Espírito: Fundamentos da Experiência Pentecostal*. São Paulo: Vida, 2002.
- Turner, Max. *The Holy Spirit and Spiritual Gifts in the New Testament Church and Today*. Revised edition. Peabody, MA: Hendrickson, 1998.
- Warrington, Keith. *The Message of the Holy Spirit*. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2009.
- White, John. *When the Spirit Comes with Power: Signs and Wonders Among God's People*. Downers Grove, IL: Inter-Varsity Press, 1988.
- Wimber, John. *Power Evangelism*. Ventura, CA: Regal Books, 2009.

Leia também:



"Quero conhecer uma coisa, o caminho para o céu... O próprio Deus foi condescendente em ensinar o caminho... Ele o escreveu em um livro. Deem-me esse livro! A qualquer preço, deem-me o livro de Deus!" John Wesley

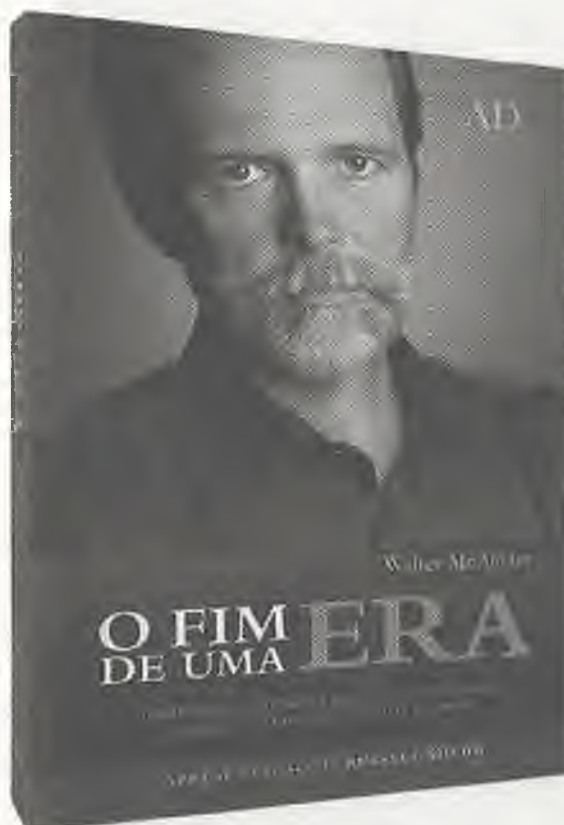
Este é um livro sobre O Livro. Desde o início, a Palavra de Deus tem nortcado os rumos da Igreja, apesar de diversas acusações e tentativas de desacreditá-la. Novamente, precisamos reafirmar a Bíblia como a inerrante Palavra de Deus.

Se você ama a Palavra de Deus e deseja conhecê-la melhor, não deixe de adquirir *Firme Fundamento: a inerrante Palavra de Deus em um mundo errante*.

"É altamente possível que a Igreja como nós a conhecemos hoje esteja prestes a desaparecer. Minha oração é que a Igreja, depois da sua falência e a falência desta era em que vivemos, ressurgja forte como um testemunho da luz e da verdade." Walter McAlister

Este livro traz um alerta à igreja de forma clara e pastoral apontando o caminho para que ela volte a testemunhar de Cristo de forma fiel e bíblica.

O Fim de uma Era é leitura indispensável a todos aqueles que amam a Igreja e desejam ardentemente que ela volte a andar no caminho de Cristo.



Impresso pela Gráfica Stamppa em papel Pólen 80g/m²
e papel Supremo 250g/m², em Janeiro de 2014, no Rio de Janeiro.



SAM STORMS

é pastor há mais de 40 anos, e atualmente lidera a Bridgeway Church, em Oklahoma City. Foi professor de Teologia no Wheaton College e fundador do ministério *Enjoying God*, além de autor e editor de mais de 20 livros. É casado com Ann, tem dois filhos e quatro netos.

Existem curas e milagres ainda hoje?

Posso acreditar em profecias?

O Apóstolo Paulo falava em línguas?

A doutrina dos dons espirituais sempre foi cercada de muita polêmica e, infelizmente, ainda é motivo de muita discórdia na Igreja. Por isso, Sam Storms busca trazer cura a esta ferida e clareza ao debate sobre este assunto envolto em mistério.

Com o objetivo de promover um resgate de uma igreja inspirada e dependente do Espírito Santo, o livro aborda os nove dons de 1 Coríntios 12 – como cura, milagres, dom de línguas, profecia, dentre outros. O autor nos traz um exame bíblico do assunto, assim como relatos verídicos de sua própria experiência e de outros com os dons espirituais.

Escrito para toda a igreja, *Dons Espirituais* é uma análise acessível e pastoral, a fim de que todo cristão descubra o propósito dos dons e aprenda a discerni-los. Deus lhe concedeu dons... aprenda como usá-los para a glória dEle!

AD
anno domini

www.editoraannodomini.com.br

